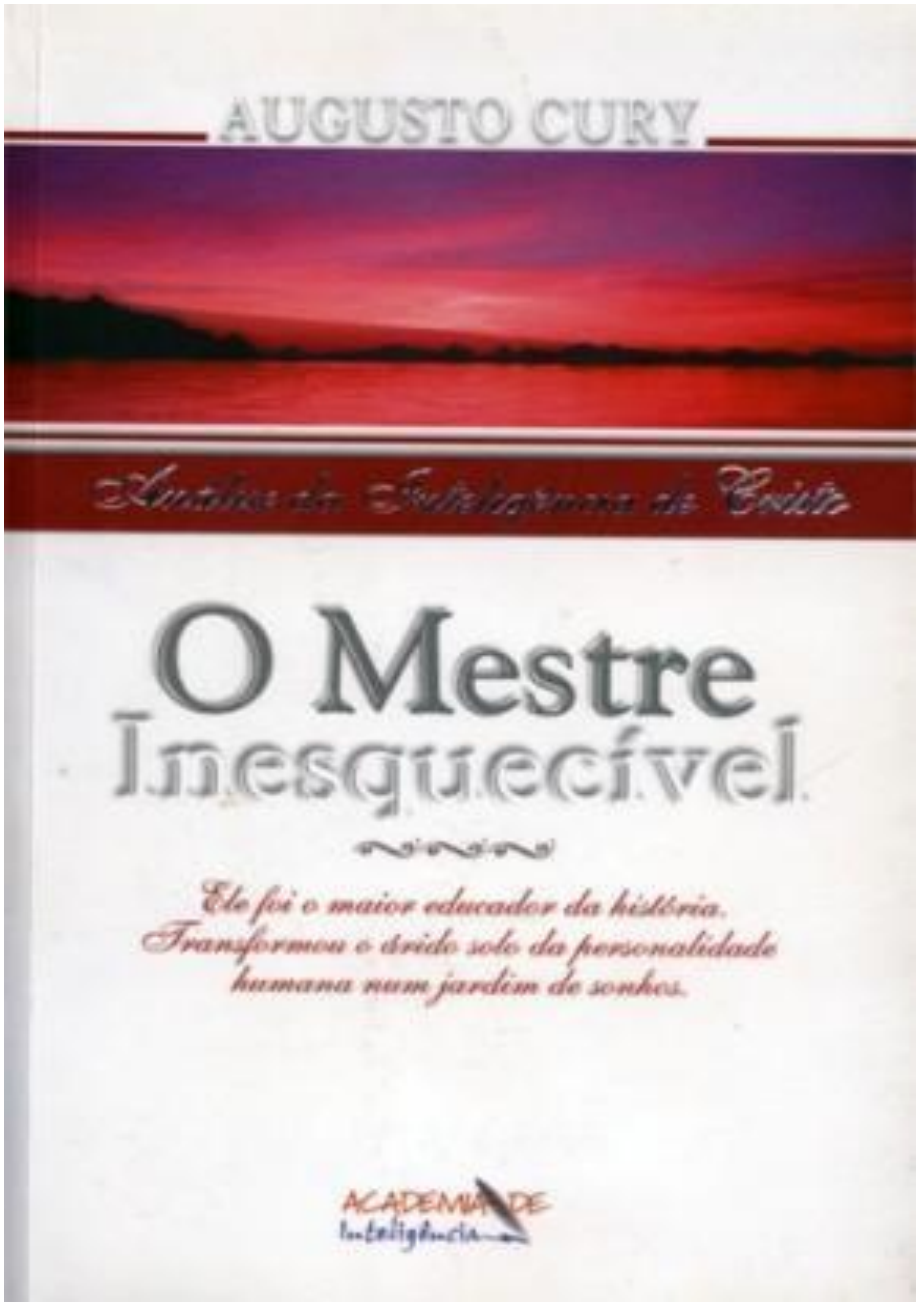


E-book digitalizado por: ***Levita Digital***
Com exclusividade para:

http://ebooksgospel.blogspot.com

http://www.ebooksgospel.com.br

ANTES DE LER

"Se você encontrar erros de ortografia durante a leitura deste e-book, você pode nos ajudar fazendo a revisão do mesmo e nos enviando."
Precisamos de seu auxílio para esta obra. Boa leitura!
E-books Evangélicos

AUGUSTO CURY

Análise da Inteligência de Cristo

O Mestre Inesquecível

Ele foi o maior educador a história.
Transformou o árido solo da personalidade
humana num jardim de sonhos.

SEXTANTE

Copyright©Editora Academia de Inteligência
2003

Produtora Executiva
Suleima Cabrera Farbate Cury

Capa e projeto gráfico
Daniela Moreira Maia

Revisão
Cláudia J. Alves Caetano

Editoração eletrônica
Daniel G. Jericó -Absoluto Comunicação

C982
Cury, Augusto
O Mestre inesquecível / Augusto Cury - São Paulo: Academia de Inteligência, 2003. 220p.; 21 cm.

ISBN 85-87643-10-X
1. Jesus Cristo - 2. Jesus Cristo - Ensinamentos. I. Título.
CDD 232.954

SUMÁRIO

Prefácio

Capítulo 1
Características Intrigantes da Personalidade de Cristo

Capítulo 2
Um Convite Chocante, Um Chamado Irresistível

Capítulo 3
A Personalidade dos Discípulos

Capítulo 4
O Vendedor de Sonhos

Capítulo 5
O Coração dos Discípulos: Os Solos da Alma Humana

Capítulo 6
Transformando a Personalidade: A Metodologia e os Principais Laboratórios e Lições

Capítulo 7
Judas: Antes e Depois do Mestre

Capítulo 8
Pedro: Antes e Depois do Mestre - O Processo de Transformação

Capítulo 9
João: Antes e Depois do Mestre - O Processo de Transformação

Capítulo 10
Paulo: A Mais Fantástica Reedição das Matrizes da Personalidade

Capítulo 11
Uma Carta de Amor: O Final da História dos seus Discípulos

Notas Bibliográficas

Referências Bibliográficas

Prefácio

Encerro esta coleção agradecendo a todos os leitores de todos os lugares do mundo em que estes livros estão sendo publicados. Padres e freiras têm dito que suas vidas nunca mais serão as mesmas. Pastores têm se libertado de transtornos emocionais e ajudado milhares de pessoas em seus discursos teológicos.

Psicólogos têm recomendado os livros para pacientes com síndrome do pânico e estresse. Psiquiatras os têm recomendado para pacientes deprimidos. Professores universitários os têm adotado em faculdades de psicologia, direito, pedagogia, administração, assistência social e outras.

Budistas e islamitas estão encantados com a inteligência de Cristo e têm utilizado estes livros como manual de vida. Pessoas de todas as classes, de empresários a faxineiros, de intelectuais a pessoas de baixa escolaridade, têm ampliado suas vidas ao descobrir a grandeza da humanidade de Jesus Cristo.

Mas é provável que eu tenha sido o mais ajudado durante estes estudos. Aprendi muito como psiquiatra, como cientista da psicologia e, principalmente, como ser humano. Cada vez que analiso os segredos do funcionamento da mente e procuro, a partir dessa análise, compreender a personalidade de Cristo, percebo como nossa ciência ainda é pequena. A ciência falhou em não estudá-lo. Como comentei em outros livros, ele é a pessoa mais famosa da terra, mas é também a mais desconhecida.

Aprendi com o mestre dos mestres que a arte de pensar é o tesouro dos sábios. Aprendi, pelos menos um pouco, a pensar antes de reagir, expor e não impor as idéias e a entender que cada ser humano é um ser único no palco da existência.

Aprendi com o mestre da sensibilidade a navegar nas águas da emoção, a não ter medo da dor, a procurar um profundo significado para a vida e a perceber que nas coisas mais simples e anônimas se escondem os segredos da felicidade.

Aprendi com o mestre da vida que viver é uma experiência única, belíssima, mas brevíssima. E por saber que a vida passa tão rápido, preciso compreender minhas limitações e aproveitar cada lágrima, sorriso, sucesso e fracasso como uma oportunidade preciosa para crescer.

Aprendi com o mestre do amor que a vida sem o amor é um livro sem letras, uma primavera sem flores, uma pintura sem cores. Aprendi que o amor acalma a emoção, tranqüiliza o pensamento, incendeia a motivação, rompe obstáculos intransponíveis e faz da vida uma agradável aventura, sem tédio, angústia ou solidão. Por tudo isso, Jesus Cristo se tornou, para mim, um mestre inesquecível.

Hoje, meus livros são publicados em mais de quarenta países e tenho sido um autor muito lido, mas não consigo me orgulhar, pois aprendi com a inteligência de Cristo que a grandeza de um homem está diretamente relacionada com sua capacidade de se fazer pequeno. Quem perdeu sua capacidade de se esvaziar deixou de aprender, deixou de pensar.

Depois que descobri a personalidade da pessoa mais surpreendente que já pisou nesta terra, não consigo deixar de me encantar com ele. Esta coleção nem de longe esgota o assunto. É possível que escreva outros livros sobre Jesus. Ele esconde os tesouros mais excelentes da inteligência espiritual, multifocal, emocional, interpessoal, lógica, intrapsíquica.

Agora, neste último livro, estudaremos a face de Jesus como mestre, como educador e artesão da personalidade. Retomarei o início da sua jornada desde quando apareceu a João Batista e chamou alguns jovens galileus para o seguirem. Comentarei alguns assuntos já tratados nos livros da coleção "Análise...", mas usarei outro foco, analisarei os fatos e

eventos na perspectiva do desenvolvimento da inteligência dos seus discípulos.

Os cientistas, os empresários e os políticos que entregaram suas vidas apenas para um projeto temporal morreram e sua esperança se alojou no espaço pequeno e frio de um túmulo. Os discípulos do mestre inesquecível entregaram suas vidas para um sonho que transcende o mundo físico, o sonho de viver a vida intensamente aqui e na eternidade.

Os discípulos tinham muitos problemas, choravam, erravam muito, mas o sonho do mestre dos mestres os controlava. Sob o seu cuidado, aprenderam a amar a vida e cada ser humano. Viram algo além da cortina do tempo. Ao fecharmos os olhos para a vida, verificaremos se eles tinham ou não razão. A morte pode nos guardar mais surpresas do que a própria vida.

A educação do mundo todo está em crise. Estamos formando repetidores de informações e não pensadores. Até entre os mestres e doutores raramente encontramos pensadores brilhantes, criadores de idéias originais. A falência da educação exaltou a psiquiatria. Sempre houve transtornos emocionais na história, mas nunca nos níveis e na intensidade a que estamos assistindo.

Neste livro, estudaremos uma pessoa que inaugurou a mais excelente educação e o mais notável processo de transformação da personalidade. Analisarei a personalidade dos discípulos antes e depois. Os segredos do mestre dos mestres poderão ampliar os horizontes da psiquiatria, da psicologia e das ciências da educação.

Compreenderemos por que ele escolheu pessoas tão despreparadas, incultas e saturadas de conflitos emocionais e intelectuais e como ele as transformou em excelentes pensadores que revolucionaram a história.

CAPÍTULO 1

Características Intrigantes da Personalidade de Cristo

Os sonhos surpreendentes de um homem que viveu no deserto

Há muitos séculos, um homem estranho viveu numa terra seca e sem esperança no deserto. Sua veste era bizarra, feita de pele de animal. Ela caía mal no corpo, sobravam bordas, como um longo vestido mal confeccionado. Sua dieta era mais estranha ainda, composta de insetos e da doçura do mel, não conheceu as benesses do trigo. Sua pele era seca, desidratada, maltratada pelo sol e pela sórdida poeira. Seus cabelos eram revoltos, sua barba era longa e cheia de espículas.

O vento era seu companheiro e os seus assobios eram a sua música. Deu as costas para a civilização desde a mais tenra infância. Estava preparado para morrer. Seus ossos se depositariam em qualquer canto sem nunca ter um contato estreito com a sociedade. Mas o estranho homem do deserto sonhava como qualquer ser humano. Só que seu sonho era tão grande que lhe roubava a tranqüilidade. Ele sonhava com alguém que não apenas conhecia os conflitos e as misérias sociais, mas que mudaria o mundo.

Certo dia, parou de sonhar e começou a agir. Saiu da secura da areia e se aproximou da brisa de um rio. Que refrescante! Mas não havia refrigério para o homem do deserto. Nas margens do rio, ele começou a falar do homem dos seus sonhos e das mazelas humanas. Era de se esperar um homem de torpes palavras que não convenceria nem os loucos a segui-lo. Mas, para a surpresa de todos, ele era eloqüente e ousado. Falava aos gritos. As pessoas tremiam ao ouvi-lo. Suas palavras não aquietavam a alma, pois expunham as suas feridas. Ele criticava os erros, as injustiças, a manipulação dos grandes sobre os pequenos, a hipocrisia religiosa.

Os fariseus, famosos por serem moralistas e por serem versados na lei de Deus, ficaram abalados com seu discurso. Este homem bizarro julgava falsa a postura religiosa reinante. Ninguém tinha tal ousadia, mas o homem do deserto não tinha compromisso com a sociedade. Não sabia o que era *status* social, não tinha interesses subjacentes, queria apenas ser fiel aos seus sonhos. Dizia aos líderes religiosos que eles eram carrascos, pois aprisionavam as pessoas no pequeno mundo das suas vaidades e das suas verdades.

Pela primeira vez na história, alguém chamou a casta mais nobre de religiosos de raça de víboras: belos por fora, mas venenosos por dentro[(1)]. Eles não se importavam com as lágrimas dos outros. Faltava-lhes amor por cada miserável da sociedade. Só amavam a si mesmos.

O homem do deserto era tão ousado que não poupou nem mesmo o violento governador daquelas terras: Herodes Antipas. Tal ousadia custou-lhe caro. Não demorou muito e foi decapitado [(2)]. Mas ele não se importava de morrer, queria ser fiel à sua consciência. Seu nome era João, o batista. Por fora era mais um João; por dentro, um homem que queria virar o mundo de cabeça para baixo. Ele inaugurou a era da honestidade da consciência. Uma era que se perdeu nos dias atuais, na qual a aparência vale mais do que o conteúdo. Pode se estar podre por dentro, mas se houver fama e dinheiro, há valorização.

Usando apenas a ferramenta das idéias, ele afrontou o impermeável sistema religioso judaico e o intocável império romano. Suas idéias contagiaram a muitos. Dos grandes aos pequenos, as pessoas de toda a Judéia, Galiléia e da cidade de Jerusalém afluíam para ouvi-lo nas margens do Jordão. Ao ouvi-lo, as pessoas mudavam a sua mente e abriam o leque

dos seus pensamentos.

Persuadidas por ele, elas entravam nas águas do Jordão e saíam de lá para escrever uma nova história. Tal gesto foi chamado de batismo e revelava um simbolismo psicológico fascinante, uma mudança de rota existencial a partir das águas cristalinas de um rio. Gotas de esperança escorriam pela alma das pessoas enquanto gotas de água percorriam os vincos do rosto. O sorriso havia voltado.

O homem dos seus sonhos: o marketing pessoal

As multidões ficavam fascinadas com os intrépidos discursos de João. Quando todos o valorizavam e o colocavam nas nuvens, veio a grande surpresa. João mencionou, enfim, o homem dos seus sonhos. O homem que por noites a fio ocupara o palco de sua mente. Todos ficaram paralisados com suas palavras. Haveria alguém maior do que o corajoso João?

Para surpresa dos seus ouvintes, ele disse algo assombroso sobre o homem dos seus sonhos. Comentou que tal pessoa era tão grande que ele não era digno de desatar-lhe as correias da sandália [(}>]. Que homem era esse a quem o destemido João deu um *status* que nenhum rei jamais havia tido? Pela força da expressão, parece que João não estava querendo ser humilde ao engrandecê-lo, mas verdadeiro.

No seu conceito, aquele que durante décadas ele aguardava no deserto e que não conhecia pessoalmente, era o Filho do Deus Altíssimo visitando a humanidade. O Autor da existência enviara seu filho para ter a mais enigmática experiência. Veio vivenciar a vida humana e esquadrinhar cada espaço da emoção, cada área do anfiteatro de nossa mente, cada beco do consciente e do inconsciente humano.

O homem do deserto não tinha medo de nada e de ninguém. Ele sabia que, por confrontar sem armas e publicamente o sistema político e religioso, poderia morrer a qualquer momento. Mas esse medo não o perturbava. Revelava, assim, uma ousadia que dava calafrios em seus ouvintes. Todavia, ao citar o homem dos seus sonhos ele mostrava o outro lado da sua personalidade: uma reverência fascinante. Ele se postulava apenas como propagandista de um homem que veio resgatar a humanidade e mudá-la para sempre. As palavras de João abriam as comportas da imaginação dos seus ouvintes.

Algumas pessoas enviadas pelos sacerdotes e fariseus foram indagar sobre a identidade de João. Sua resposta estava cheia de enigmas. "Eu sou a voz que clama no deserto, endireitai o caminho do Senhor" [(4>]. Todos ficaram mais confusos do que esclarecidos. Como o "Senhor", que os israelitas julgavam o Deus

Onipotente, precisaria de um ser humano, e em particular de um homem estranho e sem cultura, para lhe preparar o caminho?

O homem do deserto era um enigma e o homem dos seus sonhos era uma caixa de segredos. Nunca duas pessoas foram tão incompreensíveis ao nosso mundo intelectual.

João nasceu e cresceu fora do sistema social. Não estava contaminado com as vaidades, arrogâncias e injustiças desse sistema. Quando veio para o sistema, ele o condenou veementemente. O caminho que ele foi incumbido de preparar não era físico. Era o caminho do coração e do espírito humano. João era um trator sem freios que veio arar os solos compactados da alma humana, preparando-os para receber o mais fantástico, delicado e gentil semeador: Jesus de Nazaré.

João indicava que o homem aguardado há décadas queria entrar num lugar em que a ciência jamais conseguira penetrar, nas entranhas da psique humana. O mestre da vida desejava desempenhar um papel jamais alcançado pela ciência: transformar a personalidade humana, reeditar o filme do inconsciente e reorganizar as matrizes da memória que nos

tecem como seres que pensam.

Para Jesus, a humanidade não era um projeto falido. Apesar das guerras, dos estupros, dos assassinatos, da violência e das loucuras sociais deporem contra a humanidade, ele investiu toda a sua vida nesse projeto. O mestre da vida queria atingir um alvo que os tranqüilizantes e os antidepressivos mais modernos não conseguem atingir.

Ele não veio reformar o homem, dar um manual de conduta ou produzir uma paz temporária. Ele veio produzir um novo ser humano. Nunca alguém teve uma ambição tão grande. Jamais alguém apostou tanto em nós.

A imagem formada no inconsciente coletivo

Tempos depois da morte de João, Jesus o elogiou eloqüentemente. Ele disse aos seus discípulos que entre os nascidos de mulher, ou seja, entre os seres humanos, ninguém havia sido igual a ele em capacidade, coragem, determinação, paciência e na utilização do psicológico para remover as pedras da alma humana [5].

Antes de Jesus aparecer, os ouvintes de João desenhavam no seu imaginário o Messias, o "ungido" de Deus que libertaria o homem do seu cativeiro exterior e interior. Há mais de sete séculos, o respeitado profeta Isaías havia comentado que um dia o Messias viria, mas o tempo passou e muitas gerações tombaram sem vê-lo. As palavras de Isaías se transformaram em um delírio para Israel. Israel era uma nação escrava. De todas as nações, Israel era a única que não se submetia facilmente ao controle de Roma.

Israel era um corpo estranho para o império e precisava de um cuidado especial. Eles faziam freqüentes motins e o império reagia com violência. Os israelitas sonhavam com um grande Messias, sonhavam cora um grande libertador.

As palavras de João Batista alimentavam esse ardente desejo. Cada citação que João fazia era registrada no centro da memória dos seus ouvintes, gerando no inconsciente coletivo a imagem de um super-herói.

O homem dos sonhos de João se tornou o homem dos sonhos de milhares de pessoas. As pessoas castigadas pela fome e doentes na sua alma estavam ansiosas para conhecê-lo. A dor criou a esperança e a esperança se apaixonou, anteviu dias felizes e acreditou que a felicidade não era uma miragem.

João representava os frágeis raios solares que inauguram o mais belo amanhecer. Depois de uma longa noite de medo e inseguranças, muitos judeus voltaram a suspirar e a sorrir. Mas o tempo passava e o Messias não aparecia. Quando se produz intensa expectativa há três conseqüências. Se as expectativas não correspondem, gera-se frustração. Se as expectativas correspondem, gera-se ura tímido prazer. Se as expectativas ultrapassam o que foi inscrito no inconsciente, gera-se exultação.

O que Jesus provocou? Os dois extremos. Gerou frustração, porque não se colocou como super-herói, mas como filho do homem. Gerou também exultação porque nunca alguém fez o que ele fez ou falou o que falou.

O grande e singelo aparecimento

Pensar não é uma opção do homo sapiens, mas uma atividade inevitável. Ninguém consegue parar de pensar, apenas consegue desacelerar o pensamento. Até a tentativa de interrupção do pensamento já é um pensamento. Nem quando dormimos os pensamentos deixam o palco de nossa mente. Por isso sonhamos. Existem quatro fenômenos que lêem a memória e constróem cadeias de pensamentos. Todos os dias produzimos milhares de pensamentos.

Pensar é a característica básica da nossa espécie. Pensar é bom, mas pensar demais

rouba energia do córtex cerebral e produz um cansaço físico exagerado, déficit de concentração, déficit de memória, irritabilidade e, às vezes, insônia. João pensava muito ou pouco? João cresceu no deserto. Tinha contato com poucas pessoas.

O fato de crescer no ostracismo e, portanto, ter poucas pessoas para conversar, não indica que ele pensava pouco. Aliás, quem fala pouco, como é o caso dos tímidos, freqüentemente pensa muito. João devia pensar muito. Seus pensamentos estavam saturados de expectativas sobre Jesus. Os principais arquivos conscientes e inconscientes da memória de João estavam ocupados com uma pessoa que não conhecia. Ele era seu primo, mas cresceram separados, desde que Maria e José fugiram para o Egito e voltaram para a cidade de Nazaré na Galiléia *(6)*. João aguardava ansiosamente por conhecê-lo.

Quanto tempo você espera para que um sonho se concretize? Uns abandonam seus sonhos nas primeiras semanas. Seus sonhos não resistem ao calor dos primeiros problemas. Outros, nos primeiros meses. Seus sonhos estão mais arraigados dentro de si, mas quando atravessam o vale das frustrações, eles, com lágrimas, os enterram. João esperou por três décadas para que seu sonho se concretizasse. Quantas noites frias, desencantos e momentos de angústia ele não experimentou. Trinta anos de calor, poeira e sequidão não o desanimaram.

Um sonho só se torna real quando deixa o palco dos pensamentos e assume o controle da nossa emoção. A espera de João era quase surrealista. João amou quem não conheceu. Em meio a tantas expectativas, uma dúvida surgiu: como identificá-lo quando ele se aproximar? Virá ele como um grande rei? Terá uma grande comitiva? Suas vestes serão tecidas com fios de ouro para contrastar com as vestes do seu precursor?

As semanas se passavam e as multidões aumentavam nas margens do Jordão. Inquietos, os mais ousados perguntavam-se: "Será que João não está alucinando?" De repente, apareceu sorrateiramente mais um homem. Parecia mais um entre os milhares. Não havia diferença física entre ele e os demais.

Suas vestes eram comuns, não havia uma escolta atrás de si. Seus movimentos delicados não revelavam o poder de um rei, mas a fineza de um poeta. Ele não chamava a atenção de ninguém. Sem dúvida, era mais um sedento para ouvir as palavras eloqüentes do homem do deserto.

Mas esse homem foi pedindo licença para a multidão. Tocava os ombros das pessoas, foi abrindo espaço. Alguns não gostavam da sua intromissão, mas ele as silenciava com um sorriso. Sutilmente foi se aproximando. Ninguém o reconheceu. Certamente não era o Messias proclamado por João. Ele não tinha nada a ver com a imagem que as pessoas fizeram dele no seu inconsciente. Elas esperavam alguém supra-humano, mas ele era tão humano. Esperavam um homem com semblante de um rei, mas seu rosto estava sulcado pelas tardes ensolaradas. Suas mãos, castigadas por um trabalho árduo.

Ele continuava se aproximando. Não havia poder nos seus gestos, mas doçura nos seus olhos. Sua singeleza era contagiante. O homem incumbido de mudar o destino da humanidade se escondia na pele de um carpinteiro. Nunca alguém tão grande se fez tão pequeno para fazer grandes os pequenos.

João não parava de falar. Mais uma vez ele discursava sobre a pessoa mais poderosa da terra. Não sabia que ele estava lá, ouvindo-o e vindo ao seu encontro. Seus joelhos estavam encobertos pelas águas. Seu olhar era intrépido e sua voz continuava imponente. Subitamente, uma clareira na multidão se abriu. O homem dos sonhos de João apareceu e ninguém notou. Que frustração! Mas, de repente, os olhares se cruzaram. João ficou petrificado. Interrompeu seu discurso. Nada exterior indicava que era ele, mas João sabia por meios não lógicos que era ele. Seus olhos contemplaram atenta e embevecidamente a

Jesus de Nazaré [7].

Os olhos de João certamente lacrimejaram. Tantos anos se passaram e tantas noites em claro aguardando um único homem aparecer. Agora, ele estava ali, real, ao vivo e em cores diante de si. Talvez, pela primeira vez, o semblante de João tenha se alegrado. O seu aparecimento encheu sua alma de esperança.

Esperança para todos os miseráveis, os desesperados, os que perderam a motivação para viver, os que têm transtornos emocionais, os que vivem ansiosos e abatidos. Esperança também para todos os felizes, todos os que tiveram o privilégio de conquistar os mais excelentes sucessos, mas têm consciência de que a vida, por mais bela e bem sucedida que seja, é tão breve como o cair das folhas no outono.

Sim! Não apenas os miseráveis precisam de esperança, mas também os felizes, pois igualmente findarão os seus dias e nunca mais verão o rosto de quem amam, nem as flores dos campos, os entardeceres, os cantos dos pássaros.

A vida, por mais longa que seja, transcorre dentro de um pequeno parêntese do tempo. Todos os mortais precisam de esperança. A esperança era o nutriente interior de João. Só isso explica por que, sendo inteligentíssimo, trocou o conforto social pela secura do deserto.

O poder vestiu-se de doçura

Ao ver João paralisado, houve um silêncio cálido na platéia. A multidão fazendo eco ao silêncio de João. As pessoas não entendiam o que estava acontecendo, só sabiam que o rosto do homem destemido se transformara num rosto de uma dócil criança. Sabiam que ele vivia o dia mais feliz da sua vida.

O olhar de Jesus foi penetrante e inconfundível. Seu olhar transformou os anos de deserto de João num oásis. Momentos depois, João voltou a falar, mas mudou o discurso. Deixou de comentar as misérias, as hipocrisias, o apego tolo à fama, a estupidez do poder, as tolices, as fragilidades, as arrogâncias humanas. Perdeu o tom da ousadia. João lhe deu um *status* maior do que o do imperador romano. Mas agora ele estava perplexo. A mansidão de Jesus o contagiou. Havia serenidade na sua face, gentileza nos seus gestos. O poder vestiu-se de doçura e mansidão. Esse paradoxo acompanhará toda a história de Jesus. Ele revelará um poder que homem algum jamais teve, mas, ao mesmo tempo, demonstrará uma delicadeza jamais vista. Ele fará discursos imponentes, mas sua capacidade de compreensão e compaixão atingirá o inimaginável.

João percebeu, ainda que não claramente, os contrastes que seguiriam Jesus e fez eco a esse contraste. Pasmado, disse uma frase poética não sobre seu poder, mas sobre sua sensibilidade de amar e se doar: *"Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo".* [8]

O homem de quem não era digno de desatar as sandálias era um cordeiro tranqüilo, que morreria por ele e pelo mundo. Que contraste! Eu já estudei a personalidade de grandes homens como Freud, Van Gogh, Hitler, mas ninguém é tão difícil de ser investigado como Jesus. Somente depois de vinte anos de pesquisa exaustiva sobre o processo de construção dos pensamentos é que apliquei esse conhecimento e pude entender um pouco os bastidores de sua personalidade.

A mudança de discurso confundiu as pessoas. Não eram as palavras que a multidão esperava ouvir quando João lhes apontasse o Cristo. Todos esperavam que ele dissesse "eis o grandioso rei que vos libertará de Roma". Coloco-me no lugar dessas pessoas sofridas que tiravam o pão da boca dos seus filhos para pagar os impostos romanos. Certamente eu teria ficado muito frustrado.

As pessoas não sabiam se riam ou se choravam. Se elas estavam confusas, ficaram

perdidas. Nunca alguém havia dito que um homem era um cordeiro. Nada mais estranho. E mais ainda, jamais alguém havia dito que um homem se tornaria um cordeiro de Deus que libertaria o mundo das suas mazelas e misérias.

As pessoas queriam segurança, liberdade e comida na mesa. Elas não suportavam os soldados com seus elmos e plumagens. Queriam ser livres para andar, falar, correr, mas Jesus lhes mostraria que se o ser humano não for livre dentro de si, jamais o será fora de si. Elas queriam o analgésico para aliviar o sintoma, mas Jesus lhes apresentaria o remédio que combateria a causa da doença. Elas queriam um reino temporal, mas ele lhes apresentaria um reino eterno.

Jesus ainda não tinha aberto a sua boca. Ninguém imaginava que ele discursaria propostas que abalariam o mundo.Todavia, o homem dos sonhos de João causou, no primeiro momento, uma grande frustração. Ele não estava na fantasia das pessoas.

Um homem surpreendente

Após João apresentá-lo, todos esperavam que ele, pelo menos, fizesse um grande discurso. Mas optou pelo silêncio. Entrou nas águas do Jordão e quis cumprir o símbolo do batismo[(9)]. Deixaria de ser o carpinteiro de Nazaré, mudaria sua rota depois de trinta longos anos de espera e se tornaria o mestre dos mestres, o mestre da sensibilidade, o mestre da vida, o mestre do amor. Ensinaria o mundo a viver.

João se recusou a batizá-lo. Um rei não poderia abaixar-se diante de um súdito, pensava João. Mas o rei se abaixou. Esse é mais um paradoxo. Ele entrou calado e saiu calado.

O mestre dos mestres não tentou convencer a multidão da sua identidade. Tinha uma oportunidade ímpar para impressionar as multidões, mas se calou. Muitos compram jornalistas para falar bem de si ou para serem destacados nas colunas sociais. Amam aparecer. Jesus, embora fosse muito visível, apreciava o anonimato. João ficou maravilhado com sua humildade, mas a multidão ficou confusa. O choque foi inevitável. As pessoas saíram de cena e tiveram insônia. O sonho delas havia se esfacelado.

Jesus de Nazaré entendia de madeiras e pregos. Não parecia ter sabedoria para envolver as pessoas. Mas quando abriu a sua boca, todos ficaram perplexos. João, um brilhante orador, ficou pequeno diante da profundidade de sua eloqüência. Ele foi um dos maiores oradores de todos os tempos. A coragem e a gentileza se entrelaçavam na sua oratória. Raramente alguém foi tão sensível e destemido na terra da censura. Falar contra o sistema político e o sinédrio judaico geravam tantas conseqüências quanto falar contra Saddam ou Stalin na época em que estavam no poder.

Sua inteligência era assombrosa. Ele falava com os olhos e com as palavras. Suas aulas encantavam. Ninguém resistia ao fascínio dos seus discursos. Ele encantava prostitutas e intelectuais, moribundos e abatidos. Suas palavras incomodavam tanto que geravam ódio por parte dos fariseus. Depois que o mestre dos mestres apareceu, os intelectuais da época desapareceram de cena.

Apesar de odiá-lo, os fariseus caminhavam longos dias para beber um pouco da sua intrigante sabedoria. Eles perguntavam inúmeras vezes: "Quem és tu?", "Até quando deixará nossa mente em suspense?". Quanto mais perguntavam, mas eram vítimas da dúvida.

Eles queriam sinais, atos miraculosos, como a abertura do Mar Vermelho. Mas o delicado mestre queria a abertura das janelas da inteligência. Os fariseus chegavam sempre antes ou depois das cenas sobrenaturais acontecerem. Eles nunca o entenderam, pois não falavam a linguagem do coração, não sabiam decifrá-lo com uma mente multifocal, aberta, livre. Hoje, Jesus reúne bilhões de admiradores, mas ainda permanece um grande

desconhecido.

Você consegue decifrá-lo? Procurar conhecê-lo é o maior desafio da ciência, é a maior aventura da inteligência!

Escolhendo discípulos desqualificados para transmitir seu sonho

Jesus desejava ter discípulos para revelar os mistérios da vida. Iria levá-los a conhecer os segredos da existência. Segredos que os filósofos, a casta mais sedenta de pensadores, sonharam conhecer. Jesus almejava atuar na colcha de retalhos da personalidade de um pequeno grupo de seguidores e levá-los a atear fogo no mundo com suas idéias e seu projeto.

Queria esculpir neles a arte de pensar, da tolerância, da solidariedade, do perdão, da capacidade de se colocar no lugar dos outros, do amor, da tranqüilidade. Como fazer isso sem ter uma escola física? Como conseguir adeptos que confiassem nele sem usar de pressão social? Como abrir as janelas da mente de seus seguidores se ele insistia em não controlá-los? É fácil para um rei dominar as pessoas e levá-las a submeter-se à sua vontade. Mas Jesus, contrariando a lógica, usava a sensibilidade e a serenidade para atingir seus objetivos.

A tarefa e os métodos que o mestre da vida usava eram dificílimos de ser concretizados. Ele teria de convencer as pessoas a investir num projeto invisível. Ele discursava sobre um reino de paz, justiça, alegria. Mas esse reino era intangível, não palpável, era um reino nos céus. Era tão difícil como vender, hoje, a idéia de adquirir terrenos na Lua.

E havia outros graves problemas. Quem ele iria escolher? E como iria atraí-los? Jesus tinha tudo para falhar.

A universidade da vida: a grande empreitada

A psicologia e as ciências da educação só não se dobram aos pés do mestre dos mestres porque não o conhecem. Se fossem mais profundas e o conhecessem, uma parte das matérias deveria ser gasta com a espetacular psicologia e pedagogia do maior pensador da história.

O mestre desejava formar pensadores na grande universidade da vida, uma universidade em que muitos cientistas e intelectuais são pequenos alunos. A universidade clássica forma, com exceções, homens egoístas e imaturos. Raramente alguém sai dizendo: "Eu aprendi a ser sábio, a amar a vida, a superar conflitos e a ser solidário na minha faculdade".

A universidade deforma os alunos, contrai a criatividade, sufoca a arte da dúvida, destrói a ousadia e a simplicidade, furta o que eles têm de melhor. Os jovens são treinados a usar a memória como depósitos de informações, mas não a pensar, a ter sutileza, perspicácia, segurança, ousadia. Têm diplomas, mas não sabedoria. Sabem falar de assuntos lógicos, mas tropeçam nas pequenas dificuldades emocionais.

O mestre da vida queria formar pensadores que conhecessem o alfabeto do amor. Ele acreditou no ser humano. Acreditou em cada um de nós, apesar de todas as nossas falhas. Honrou pessoas sem honra, e disse "Você pode!" aos paralíticos físicos e aos paralíticos em sua inteligência. Ele amou os que não o amaram. E doou-se para quem não merecia.

Se você sente que erra com freqüência, tem muitos conflitos e acredita que não tem qualificação intelectual para brilhar afetiva e profissionalmente, não se desanime. Se estivesse morando próximo ao mar da Galiléia, provavelmente você seria um dos escolhidos para segui-lo. Ele tinha um especial apreço pelas pessoas complicadas. Quanto mais elas

tropeçavam e davam trabalho, mais ele as apreciava e investia nelas.

Vejamos como e quem ele escolheu como seu primeiro grupo de seguidores.

CAPÍTULO 2

Um Convite Chocante, Um Chamado Irresistível

Pequenos momentos que mudam uma história

A vida é feita de detalhes. Pequenos detalhes mudam uma vida. Por exemplo: alguém se atrasou alguns minutos para um compromisso. De repente, o seu atraso o fez encontrar uma pessoa diferente que, por fim, se tornaria a mulher ou homem da sua vida.

Alguém mudou o trajeto para casa num certo dia. Foi por um caminho mais longo e complicado. Sem perceber, evitou um grave acidente. Hoje ele está vivo.

Uma pessoa convivia durante anos com um colega de trabalho ansioso e difícil. Ele o aborrecia, mas ela se controlava. Um dia, ela exasperou-se. Disse algo impensado a ele. Percebendo sua falha, simplesmente pediu desculpas. Foram dez segundos de desculpas que criaram vínculos que anos de trabalho não produziram. Eles se tornaram grandes amigos.

Você deu um beijo no rosto de uma pessoa que ama. Há tempos não fazia isso. Você a tinha ferido sem perceber. Seu pequeno gesto curou uma mágoa oculta. Um beijo de um segundo gerou afeto, desobstruiu a emoção. A alegria voltou.

Os que desprezam os pequenos acontecimentos dificilmente farão grandes descobertas. Pequenos momentos mudam grandes rotas. Se você quer escrever uma bela história de vida, não se esqueça de que os pequenos detalhes inauguram grandes capítulos.

Foi isso que aconteceu há muitos séculos na vida de alguns jovens que moravam ao redor do mar da Galiléia. Diminutos momentos mudaram a vida deles, que mudaram a história, que mudaram a nossa maneira de pensar a existência. A humanidade nunca mais foi a mesma. Vejamos.

A personalidade construída sob o crepitar das ondas

Alguns jovens que moravam perto de um mar de rara beleza cresceram sob o burburinho das águas. O vento roçava a superfície do mar, que levantava o espelho d'água, que produzia o nascedouro das ondas num espetáculo sem fim. As ondas espumavam diariamente e se debruçavam orgulhosamente na orla das praias. Quando meninos, eles corriam na areia e pegavam as bolhas que se formavam. Mas, despedindo-se deles, elas dissolviam-se nas suas mãos, dizendo: "Pertencemos ao mar". Erguendo o semblante para o mar, eles diziam secretamente: "Nós também".

Assim era a vida desses jovens. Seus avós foram pescadores, seus pais eram pescadores e eles eram pescadores e deveriam morrer pescadores. A história deles estava cristalizada.

O mundo deles era o mar da Galiléia. Os seus sonhos? Aventuras, ondas e peixes. Sonhavam com grandes pescarias. Entretanto, os peixes escassearam. Séculos de pesca, no mesmo lugar, diminuíram os cardumes. A vida era árdua.

Colocar e puxar as pesadas redes no mar era extenuante. A musculatura ficava trêmula depois de horas de trabalho. Suportar as rajadas de ventos frios e ondas rebeldes durante toda noite não era para qualquer um. E o pior, freqüentemente o resultado era frustrante. Às vezes, não pegavam nenhum peixe. Quando chegavam do mar, os parentes e amigos queriam saber o resultado da jornada. Cabisbaixos, eles reconheciam o fracasso. As redes estavam leves; mas o coração, pesado. O mar era tão grande, mas se tornara uma piscina de decepções.

Eles reclamavam da vida que levavam. Todos os dias, as mesmas pessoas, os

mesmos obstáculos, as mesmas expectativas. Num ímpeto, diziam uns para os outros que mudariam de vida. Mas tinham ouvido seus pais dizerem a mesma coisa e não o fizeram. A coragem surge no terreno da frustração, mas se dissipa diante da realidade. Sobreviver em Israel, naquela época, era difícil. A fome era uma companheira muito próxima. Correr riscos para mudar de vida era quase um delírio.

O mais velho, mas ainda jovem, Pedro, casou-se cedo. Parecia ser decidido. Embora reclamasse da pesca, seu estoque de coragem não era suficiente para largar as redes. Tinha um irmão, André. Esse era mais discreto e tímido. Ambos provavelmente morreriam pescadores. Sabiam que a miséria era o subproduto mais evidente de um povo dominado pelo império romano. As nações subjugadas deveriam sustentar a pesada máquina de Roma, com sua burocracia e exércitos.

Na mesma praia, não muito distante dali, dois outros jovens, Tiago e João, ajudavam seu pai, Zebedeu, a consertar as redes. Zebedeu era um judeu próspero. Tinha barcos e empregados. Mas, ao que tudo indica, a base da educação deles vinha de sua mãe. Era uma mulher de fibra, daquelas que colocam combustível nas ambições legítimas desta vida. Era uma judia fascinante que honrava a tradição que permanece viva até hoje: "Um homem só é judeu se sua mãe for judia". A força de uma mãe é imbatível. Com uma mão ela afaga o rosto dos seus filhos, com a outra dirige seus corações e move o mundo.

Ela queria que seus filhos brilhassem na sociedade. Talvez o sonho dela fosse que eles construíssem a maior empresa de pesca da Galiléia. Embora ambiciosos, a cultura de Tiago e João não os permitia pensar muito além de barcos, redes e peixes. A estrutura empresarial e familiar consolidada levaria esses jovens a seguir um único destino: o negócio de seu pai. Seguir outro caminho era loucura.

Zebedeu e sua esposa davam-lhes conselhos constantes. "Nós trabalhamos muito para chegar aonde chegamos. Cuidado! Vocês podem perder tudo. Há milhares de pessoas morrendo de fome. Jamais abandonem o negócio do seu pai. Vivemos tempos difíceis. Economizem! Gastem tempo consertando as redes".

Todos os dias ouviam os conselhos sábios, mas sombrios, dos pais. Portanto, não se meteriam em confusão. A palavra aventura não fazia parte do dicionário da vida de Tiago e João. Riscos? Apenas aqueles que o mar escondia.

Pedro, André, Tiago e João seguiam a tradição de seus pais. Acreditavam num Deus que tinha criado os céus e a terra. Um Deus inalcançável que eles deveriam temer e reverenciar. Um Deus que estava há anos luz das angústias, necessidades e ansiedades humanas.

Na mente desses jovens não deviam passar as inquietações sobre os mistérios da vida. A falta de cultura e a labuta pela sobrevivência não os estimulavam a grandes vôos intelectuais. Eles não se perturbavam com os segredos da existência humana. O pensamento deles estava entorpecido como está o das pessoas que são escravas da competição e das pressões sociais do mundo moderno. Viver, para eles, era fenômeno comum e não uma aventura vibrante.

Nada parecia mudar-lhes o destino. Mas diminutos acontecimentos mudam grandes trajetórias.

Um convite perturbador

Pedro e André tinham ouvido falar sobre os discursos de João Batista. Mas entre as idéias do homem do rio e a realidade do mar havia um espaço quase intransponível. Os jovens pescadores, certo dia, jogaram a rede ao mar e se prepararam para mais um dia de trabalho. Não havia nada de diferente no ar. A massacrante rotina os aguardava.

De repente, viram uma pessoa diferente que caminhava pela praia. Seus passos eram lentos e firmes. A imagem longínqua se aproximou. Os passos silenciaram-se e os olhos o focalizaram. O estranho começou a observá-los. Incomodados, eles se entreolharam. Parecia o homem dos sonhos de João. Então, o estranho estilhaçou o silêncio. Ergueu a voz e lhes fez a proposta mais absurda do mundo: " *Vinde após mim que eu vos farei pescadores de homens"*.

Nunca tinham ouvido tais palavras. Elas soaram diferente de todas as vozes que já tinham ouvido. Elas mexeram com os segredos da alma desses dois jovens. Ecoaram num lugar em que os psiquiatras não conseguem entrar. Penetraram no espírito humano e geraram um questionamento sobre qual é o significado da vida, por que vale a pena lutar.

Todos deveríamos, em algum momento de nossa existência, questionar a nossa própria vida. Quem não consegue fazer esse questionamento será escravo da sua rotina. Será controlado pela mesmice, nunca enxergará nada além do véu do sistema. Viverá para trabalhar, cumprir obrigações profissionais, ter um papel social. Por fim, sucumbirá no vazio. Viverá para sobreviver até que a morte chegue.

Pedro e João já estavam com a vida definida. A rotina do mar afogara os seus sonhos. O mundo deles tinha poucas léguas. Mas, inesperadamente, apareceu o que lhes incendiou o espírito de aventura. Jesus arrebatou-lhes o coração com uma proposta que revolucionaria as suas histórias.

A análise psicológica dessa passagem impressiona porque Jesus não deu grandes explicações da sua proposta. Não fez discursos nem milagres. Entretanto, a maneira como falou e a proposta que fez deixaram em brasas vivas o território da emoção desses jovens.

Quem se arriscaria a segui-lo?

Nunca alguém havia feito uma oferta dessas a um grupo de pescadores ou a quem quer que fosse. Pense um pouco. Seguir quem? Quais são as credenciais do homem que fez a proposta? Quais as implicações sociais e emocionais dela?

Jesus era um estranho para eles. Não passava de um homem coberto de mistérios. Não tinha nada de palpável para oferecer a esses jovens inseguros. Você aceitaria tal oferta? Largaria tudo para trás para segui-lo? Deixaria a sua rotina estafante, mas segura, para seguir um caminho sem destino?

Jesus não lhes prometeu poder. Não lhes prometeu um céu sem tempestades, caminho sem fadigas, uma vida sem dor. Suas vestes eram simples, sua pele estava judiada pelo sol, não tinha secretários, dinheiro, não havia uma escolta atrás de si e, ainda por cima, estava a pé.

Quem teria coragem de segui-lo? E ainda mais, segui-lo para fazer o quê? Ser pescador de homens? Eles viram seus avós e seus pais se embrenharem na voragem do mar. Eles se tornaram pescadores. Pescavam peixes e cheiravam a peixes. Jamais tinham ouvido falar de pescar homens. O que é pescar homens? Para que propósito? Como fazê-lo? Essa oferta era muito estranha e arriscada.

Como você reagiria diante dessa oferta? Se você resolvesse segui-lo, imagine o transtorno que causaria a você mesmo e aos seus íntimos. O que explicar aos seus pais, aos amigos e à sociedade? Todos esperam algo de você. Esperam que você tenha êxito social e profissional. As pessoas entendem certas mudanças na nossa vida, mas imagine uma mudança de 180 °. Parecia loucura segui-lo. Todavia, os jovens galileus, que não eram amantes dos riscos, quando ouviram a voz do mestre dos mestres, arriscaram tudo o que tinham para segui-lo.

Um chamado irresistível

Pedro e André não entendiam por que tinham sido atraídos nem as conseqüências de seus atos, mas não puderam mais ficar dentro do barco. Todo barco é pequeno demais quando se tem um grande sonho. Se pescar peixes tem seus prazeres, pescar homens deveria ser muito mais emocionante. Subitamente, eles deixaram o passado e foram atrás de um homem que mal conheciam.

Os parentes diziam que aquilo era loucura. A esposa de Pedro devia estar chorando e indagando sobre como iriam sobreviver. Muitas dúvidas, pouca certeza, mas muitos sonhos rondavam o anfiteatro da mente desses jovens.

Minutos depois, Jesus encontrou dois outros jovens, mais novos e inexperientes. Eram Tiago e João. Eles estavam à beira da praia consertando as redes. A seu lado, estavam seu pai e os empregados envolvidos em outras atividades. Sorrateiramente, ele se aproximou. Pedro e André estavam a alguns passos dele. Então os fitou e fez o mesmo e intrigante convite. Jesus não os persuadiu, ameaçou ou pressionou, apenas os convidou. Falou menos que cinco segundos. Um pequeno momento mudou para sempre suas vidas.

Zebedeu, o pai, ficou pasmado com a atitude dos filhos. Havia lágrimas no seu rosto e dúvidas na sua alma. Não entendia por que eles estavam deixando as redes. Agarrado em seus braços, talvez dissesse: "Filhos, não abandonem o seu futuro", "Vocês nem mesmo conhecem a quem estão seguindo".

Convencer seu pai de que ele era o Messias não era uma tarefa fácil. Um Messias não podia ser tão comum e sem pompa. Os empregados, chocados, se entreolhavam. O pai, vendo que nada os dissuadia, decidiu deixá-los partir. Talvez tenha pensado: "Os jovens são rápidos para decidir e rápidos para retornar: logo voltarão para o mar". Mas eles nunca mais voltaram.

Deixavam imediatamente as redes

A vida é um grande contrato de risco. Basta estar vivo para se correr riscos. Risco de fracassar, de ser rejeitado, de se decepcionar com as pessoas, de ser incompreendido, de ser ofendido, de ser reprovado, de adoecer. Até um vírus, que é milhões de vezes menor que um grão de areia, representa um risco.

A vida é um grande contraste de risco. Quem fica preso num casulo com medo dos riscos, além de não eliminá-los, será sempre frustrado. Devemos ser corajosos para correr riscos, para superar conflitos, encontrar soluções e realizar nossos sonhos e projetos.

Um funcionário tímido, que segue estritamente a rotina do trabalho, que procura não dar trabalho para ninguém, que não emite opiniões sobre o que pensa, poderá ser um bom funcionário, mas será quase impossível chegar a ser presidente da empresa. Estará sempre em desvantagem competitiva. E, se chegar ao topo da empresa, não estará preparado para enfrentar as crises e os desafios da mesma. Por outro lado, um aventureiro desmedido, que não pensa minimamente nas conseqüências dos seus atos, que corre riscos pelo simples sabor da aventura, também pode levar a empresa à bancarrota.

Ao analisarmos as biografias de Jesus Cristo, principalmente nos evangelhos de Mateus e Marcos, sob a ótica dos discípulos e dos impactos sociais que ocorreram em suas vidas, ficamos fascinados. A Felipe, ele disse simplesmente: *"Segue-me"* [(10)]. Sob a aura das suas palavras, ele o seguiu. Os discípulos correram riscos intensos. Eles não entenderam a dimensão da proposta, mas ela foi feita por um homem vibrante.

Os jovens galileus, embora fossem inseguros, tiveram, pela primeira vez, uma coragem contagiante. Não pensaram nos perigos que correriam, nas possíveis perseguições e no suprimento das suas necessidades básicas. Nem mesmo se preocuparam em saber onde

dormiriam. O convite de Jesus carregava um desejo de mudança do mundo. Era simples, mas forte e arrebatador como as ondas do mar.

Tento analisar o que aconteceu no âmago da mente deles, mas tenho limitações. Há fenômenos que ultrapassavam a previsibilidade lógica. Havia algo de "mágico", no bom sentido da palavra, no chamamento de Cristo.

Era algo parecido, embora muito mais forte, com o olhar à primeira vista que cativa dois amantes, com a inspiração do poeta que o conduz a lapidar a mais bela poesia, com o *insight do* cientista que há anos procura por uma resposta, com o dia em que acordamos super animados, embora rodeados de problemas, e dizemos apenas para nós: "Como a vida é bela!".

Um chamado que jamais parou de ecoar no coração das Juh4rasgeraçÕes

Como mudar todos os planos e seguir um estranho? Se o mestre da vida tivesse feito esse convite a você e você o aceitasse, que explicação daria aos seus pais? Seus amigos entenderiam sua atitude? Que explicação daria a si mesmo? Os conflitos eram enormes. Mas aconteceu algo nos solos da alma e do espírito desses jovens que os fizeram correr todos os riscos.

E fascinante ver as pessoas investindo suas vidas naquilo em que acreditam, nos sonhos que as alimentam. A atitude que Pedro, André, João e Tiago tomaram foi repetida incansáveis vezes ao longo dos séculos. Em cada geração, milhões de pessoas resolveram seguir Jesus. Seguir alguém que não conheceram. Seguir alguém que nunca viram, que apenas tocou-lhes o coração. Um toque deu um novo significado às suas vidas. Que mistério é esse?

Se analisarmos a história, veremos que inúmeras pessoas, como Agostinho, Francisco de Assis, Tomás de Aquino, ouviram um chamado inaudível, um chamado inexplicável pela psicologia, que os fez romper a estrutura do egoísmo e se preocupar com as dores e necessidades dos outros. Um chamado que as estimulou a ser pescadores de seres humanos e a amá-los, aliviá-los, ajudá-los. Tornaram-se garimpeiros do coração. Seduzidos por essas inaudíveis palavras, largaram tudo para trás.

Deixaram suas redes, seus barcos e as expectativas da sociedade. Deixaram sua profissão e seu futuro e se transformaram em seus íntimos seguidores. Tornaram-se líderes espirituais, padres, pastores, freiras, missionários. Viveram para os outros. Eles talvez tenham dificuldade de explicar por que abandonaram o "mar", mas estão convictos de que não puderam resistir ao chamado interior do mestre do amor.

Antigamente, achava-se que essa atitude era um sinal de fragilidade e insanidade. Correr riscos para seguir alguém invisível? Depois de anos de pesquisa científica sobre o funcionamento da mente, sobre o desenvolvimento da inteligência e de exercício da psiquiatria e psicoterapia, admiro esses homens e mulheres. Muitos não abandonaram suas atividades seculares, mas doaram seu tempo, seu dinheiro, sua profissão e o seu coração ao ser humano, tornaram-se igualmente poetas do amor.

Independente da religião que professam e dos erros e acertos que possuem, eles investiram suas vidas num plano transcendental. Aprenderam a amar o ser humano e a considerar a vida um fenômeno que não se repetirá. Resolveram desenvolver uma das mais nobres inteligências: a inteligência espiritual.

Compreenderam que a vida é muito mais que o dinheiro, a fama ou a segurança material. Por isso, andando na contramão do mundo moderno, eles procuram os mistérios que se escondem além da cortina do tempo-espaço.

Hoje, a humanidade se dobra aos pés de Jesus pela ousadia dos seus primeiros

seguidores. Segui-lo, no primeiro século, era assinar o maior contrato de risco da história. Pelo fato desses jovens terem tido a coragem de segui-lo, as suas idéias, pensamentos e reações permearam a história.

Suas palavras são utilizadas em todas as religiões. Maomé, no livro do Alcorão, valoriza-o ao extremo, chamando-o de Sua Dignidade. O budismo, embora exista antes de Cristo, incorporou seus principais ensinamentos. Pequenos acontecimentos incendiaram civilizações, mudaram a vida de bilhões de pessoas.

CAPÍTULO 3

A Personalidade dos Discípulos

Os discípulos seriam desaprovados por uma equipe de seleção

O material humano é vital para o sucesso de um empreendimento. Uma empresa pode ter máquinas, tecnologia, computadores, mas se não tiver homens criativos, inteligentes, motivados, que tenham visão global, que previnam erros, que saibam trabalhar em equipe e pensem a longo prazo, poderá sucumbir.

Se houvesse uma equipe de psicólogos, especialistas em avaliação da personalidade e do desempenho intelectual, auxiliando Jesus na escolha dos seus discípulos, será que seus jovens seguidores seriam aprovados? Creio que não. Nenhum deles preencheria os requisitos básicos.

É provável que a equipe de psicólogos recomendasse para seus discípulos jovens da casta dos escribas e fariseus. Eles possuíam ilibada cultura, eram bem comportados, éticos, gozavam de reputação social. Alguns eram versados não apenas em língua hebraica, mas também no latim e no grego. Eles tinham uma visão ampla do mundo, conheciam as Antigas Escrituras e guardavam as tradições do seu povo.

O mestre dos mestres, contrariando toda a lógica, escolheu conscientemente jovens indisciplinados, incultos, rudes, agressivos, ansiosos, intolerantes. Os discípulos correram riscos ao segui-lo e ele correu riscos maiores ainda ao escolhê-los. Nunca alguém escolheu pessoas tão complicadas e despreparadas para ensinar. Por que fez uma escolha tão ilógica?

Ele preferiu começar do zero, trabalhar com jovens completamente desqualificados a ensinar jovens já contaminados pelo sistema, saturados de vícios e preconceitos. Preferiu a pedra bruta à mal lapidada.

A personalidade dos discípulos

Vamos analisar a personalidade de alguns discípulos antes deles encontrarem o mestre da vida. Os textos das biografias de Jesus falam muito pouco sobre os discípulos. Mas, indiretamente, falam muito sobre alguns deles. De Felipe e André fala-se muito pouco. De Bartolomeu, Tiago (filho de Alfeu), Tadeu e Simão (o zelote) quase nada é mencionado.

De Mateus sabemos apenas que ele era um coletor de impostos, um publicano. Os publicanos eram odiados pelos judeus porque estavam a serviço do império romano. Vários deles eram corruptos e extorquiam o povo. Os fariseus os rejeitavam. Mateus era uma pessoa sociável. Quando Jesus o chamou para discípulo, ele ficou tão empolgado que fez uma festa de confraternização com seus amigos. Na festa, estavam presentes outros coletores de impostos e homens de má reputação. Ao contemplar a cena, os fariseus questionaram a reputação de Jesus. Alguém que fala sobre Deus não poderia se relacionar com gente daquela laia, pensaram eles.

Mateus era uma pessoa detalhista e deslumbrada por Jesus. Por ser coletor de impostos, devia ter noção de escrita. Provavelmente, fez anotações nos tempos em que andou com Jesus, pois seu evangelho contém riquezas de detalhes que só um exímio observador poderia notar. Mas essas anotações demoraram anos para ser reunidas em livros. Por quê? Eles tinham a palavra oral de Jesus. A palavra escrita não era importante para eles naquele tempo.

Somente depois que novas gerações de pessoas foram acrescentadas aos seguidores de Jesus e os oráculos foram se diluindo no tempo é que eles sentiram a necessidade de reunir as anotações e recordações em livros, chamados de evangelhos. O Evangelho de

Mateus foi escrito provavelmente depois de trinta anos da morte de Jesus.

De Tome podemos investigar apenas alguns traços de sua personalidade. Era rápido para pensar e rápido para desacreditar. Andava segundo a lógica. Vivia sob o alicerce da dúvida. Existe uma dúvida positiva que abre as janelas da memória, quebra os paradigmas, recicla os preconceitos e expande a arte de pensar. Mas a dúvida que abatia Tome não era a dúvida positiva, pois era alicerçada na auto-suficiência. O mundo tinha de girar em torno das suas verdades, impressões e crenças. Sua dúvida estava bem próxima da desconfiança paranóica. Ele desconfiava de tudo e de todos. Você vive a dúvida saudável ou doentia?

De Tiago, filho de Zebedeu, descobrimos algumas características da sua personalidade que estão descritas no inventário de seu irmão João. Tiago era um jovem ousado, ambicioso e impaciente. Todavia, se tornou um dos mais íntimos amigos de Jesus. Após a morte de Jesus, ele foi martirizado. Foi assassinado por causa do amor e da defesa da causa do seu mestre.

Neste capítulo, gostaria de ressaltar as características de ttês dos seus discípulos: Pedro, João e Judas Iscariotes. Também analisarei com mais detalhes a personalidade de Paulo. Este foi acrescentado ao estafe de Jesus depois de oito anos da sua morte.

As características da personalidade de Pedro e João representam, provavelmente, os traços principais do caráter da maioria dos discípulos. Elas foram extraídas dos seus comportamentos evidentes e das entrelinhas das suas reações Contidas tanto nos evangelhos quanto nas cartas que escreveram.

As características da personalidade de Judas Iscariotes foram extraídas a partir da análise dos evangelhos. Judas tinha a personalidade mais destoante do grupo. As características de Paulo foram extraídas da análise das suas múltiplas cartas, principalmente palavras e reações reveladas em seus focos de tensão.

Antes de começar a comentar a personalidade dos discípulos, gostaria de fazer uma pergunta ao leitor. Quem foi o discípulo mais equilibrado? Fiz essa pergunta a várias pessoas enquanto escrevia este livro e a maioria errou. Como veremos, foi Judas Iscariotes. Ele era o mais dosado, sensato e discreto dos discípulos. Judas, provavelmente, seria a única pessoa que passaria numa prova de seleção se usássemos os critérios atuais de avaliação da personalidade e desempenho intelectual.

Primeiramente, vou descrever as características negativas da personalidade de Pedro, de João e de Paulo, porque elas sobressaem às positivas. A exceção será Judas. Começarei por descrever as características positivas da sua personalidade, porque elas sobressaem às negativas. Será de grande ajuda para todos nós entendermos a diferença entre ele e os demais discípulos e por que ele foi para o caos e os discípulos para o topo.

Jesus foi ousadíssimo ao escolher seus discípulos. Pagou caro por isso, pois eles lhe deram constante dor de cabeça. Mas parecia que ele gostava deles do jeito que eles eram. Ele não se importava com as decepções. O mestre da vida era um artesão da alma humana, queria lapidar uma jóia única, com brilho único, de único valor.

PEDRO

Características negativas da personalidade de Pedro

Era inculto, iletrado (não sabia ler), intolerante, ansioso, irritado, agressivo, inquieto, impaciente, indisciplinado, impulsivo, repetia os mesmos erros com freqüência e não suportava ser contrariado [(1,)].

Sua compreensão de mundo se restringia às necessidades da sobrevivência. Entendia de mar porque era um pescador. Sua visão política era limitada. Percebia o jugo romano

sobre Israel, mas desconhecia os complexos envolvimentos políticos entre Roma e o sinédrio judaico e as benesses de que alguns líderes judeus desfrutavam.

Pedro não desenvolveu as funções mais importantes da inteligência. Não era empreendedor, não sabia filtrar estímulos estressantes, não sabia expor suas idéias, mas impô-las. Sua emoção era flutuante e ele não contemplava o belo.

Ele não era uma pessoa altruísta, não era especialista em perceber as dores e necessidades dos outros. Não tinha projetos sociais. Não pensava em mudar o mundo, ajudar as pessoas, aliviar a sua dor. As suas necessidades básicas estavam em primeiro lugar. Logo após a morte de Cristo, perturbado, voltou a pescar [12].

Era um trator emocional, passava na frente de tudo que se opunha a ele. Não sabia se colocar no lugar dos outros, por isso tinha dificuldade de perdoar e compreender. As características de Pedro demonstram que ele era hiperativo e detestava a rotina. Se ele vivesse nos tempos de hoje, certamente seria um aluno que todo professor gostaria de ver em qualquer lugar do mundo, menos em sua sala de aula.

Era auto-suficiente. Não perguntava o que Jesus pensava sobre os assuntos. Pedro era tão ousado que pensava e respondia por ele. Sem perguntar, disse a funcionários romanos que Jesus pagava impostos [13]. Jesus não achava direito pagar tais impostos, pois se considerava o filho do Todo-poderoso.

A principal característica da personalidade de Pedro era que ele reagia antes de pensar[14]. Em algumas situações, colocou Jesus e os discípulos em situações delicadíssimas. Quando Jesus foi preso, Pedro tomou novamente uma iniciativa e cortou a orelha de um soldado. Havia uma escolta de cerca de trezentos soldados. A sua reação quase provoca uma chacina [15]. Jesus e todos os discípulos correram riscos de morrer por sua atitude impensada.

Pedro conhecia o mar da Galiléia, mas conhecia pouquíssimo o território da sua emoção e o anfiteatro da sua mente. Não percebia as suas limitações, fragilidades e medos.

Vendia a aparência de forte por ter comportamento intempestivo, mas, no fundo, quando testado, era inseguro.

Sua força apoiava-se na força e na inteligência do seu mestre. Quando Jesus se calou, Pedro fraquejou. Ele, de fato, o amava, mas seu amor até a morte de Jesus ainda era mais frágil do que seu medo. Controlado pelo medo, ele o negou três vezes.

Características positivas da personalidade de Pedro

Era uma pessoa simples, humilde, sincera. Tinha uma enorme capacidade de aprender. Era rude, mas tinha a emoção de um menino: singela e ingênua. Cria com facilidade nas palavras de Jesus. Sob seu comando, atirou a rede ao mar sem questionar, num lugar onde havia pescado a noite toda sem nada pegar. Sob as palavras de Jesus, teve a coragem de caminhar sobre a superfície do mar. Sucumbido pelo medo, afundou.

Embora fosse ansioso e agitado, não era superficial. Ao que tudo indica, era uma pessoa detalhista. Observava atentamente as atitudes e reações de Jesus com olho clínico. Amava contemplá-lo em ação. Admirava seus gestos.

Casou-se cedo, expressava responsabilidade. Apesar de sua segurança não suportar os focos de tensão, Pedro procurava ser determinado. Autenticidade e liderança eram suas características principais.

JOÃO

Características negativas da personalidade de João

João era ansioso, ambicioso, irritado, não suportava ser contrariado. Sua cultura era restrita. Como Pedro, sua visão social e política era limitada. Não desenvolveu também as funções mais importantes da inteligência. Não sabia proteger sua emoção nem preservar sua memória dos estímulos estressantes. Não sabia trabalhar frustrações nem usar seus erros como degraus para a maturidade.

João também não era uma pessoa altruísta. Antes de conhecer Jesus e nos primeiros meses em que o seguia, revelava ser um jovem egoísta e intolerante. Não sabia compreender os sentimentos dos outros. O mundo tinha de gravitar em torno de suas verdades.

Certa vez, contrariando todo amor, perdão e mansidão sobre os quais Jesus eloqüentemente discursava, João teve a coragem de sugerir a Jesus que enviasse fogo do céu para exterminar pessoas que não o seguiam. Jesus falava sobre dar a outra face aos inimigos e João falava em dar um tiro de canhão neles.

Tinha uma personalidade explosiva. Ele e seu irmão Tiago foram chamados pelo próprio Jesus de Boanerges, que quer dizer, filhos do trovão <16>. Quando confrontados, reagiam agressivamente.

João foi treinado por sua mãe a pensar grande, o que é uma característica positiva. Todavia, pensava grande demais.

Queria ceifar o que não tinha plantado. Queria o pódio sem labutas. Almejava a melhor posição entre os discípulos. Pensava que o reinado de Jesus fosse político, por isso, após uma reunião familiar, a mãe de Tiago e João fez um pedido incomum e ousado a Jesus quando ele estava no auge da sua fama.

Ela rogou a ele que no seu reino os seus filhos se assentassem um à direita e outro à esquerda. As duas melhores posições deveriam ser dadas aos seus dois filhos. Aos demais, o resto. Jesus discursava que os grandes têm de servir os pequenos. João queria ser grande para ser servido pelos pequenos.

Pedro e João nos representam. Muitas das características negativas deles estão evidentes ou ocultas em nossa personalidade.

Características positivas da personalidade de João

João era um jovem intempestivo, afetivo. Nos primeiros tempos em que seguia o mestre dos mestres sua emoção era um pêndulo. Oscilava entre a explosão e a doçura, entre a sensibilidade e a agressividade. Apesar de ser intolerante, sua emoção era uma esponja que absorvia o amor de Jesus. Contemplar a sua amabilidade o fascinava.

João errava muito, mas, como Pedro, era uma pessoa transparente. Todos sabiam facilmente o que ele pensava. Ser transparente era uma característica muito importante aos olhos de Jesus. João observava os comportamentos de Jesus como se fosse um pintor acadêmico. Não perdia os detalhes.

Sua capacidade de aprender fez dele um íntimo discípulo.

Foi um brilhante aluno. Tornou-se um amigo de Jesus. Nos momentos mais difíceis pelos quais ele passou, João estava presente.

JUDAS ISCARIOTES

Características positivas da personalidade de Judas

Era moderado, dosado, discreto, equilibrado e sensato. Do que podemos observar nas quatro biografias ou evangelhos de Jesus, nada há que desabone o comportamento de Judas.

Não há elementos que indiquem se era tenso, ansioso ou inquieto. Não há relatos de que tenha ofendido alguém nem que tenha tomado uma atitude agressiva ou impensada.

Jesus chamou a atenção de Pedro e de João diversas vezes. Chamou a atenção de Tome pela sua incredulidade. A Felipe disse: "Há tanto tempo estou convosco e não me conheces?" [17] Entretanto, Jesus jamais chamou a atenção de Judas, a não ser na noite em que foi traído.

Certa vez, Judas repreendeu Maria, irmã de Lázaro [18], por derramar um perfume caríssimo na cabeça de Jesus. Ele achou sua atitude um desperdício. Disse que aquele perfume deveria ser vendido e o dinheiro arrecadado deveria ser dado aos pobres. Aparentemente, ele era o que mais pensava nos outros, o mais moralista e sensível dos discípulos. Num capítulo posterior, compararei a atitude de Judas com a de Maria.

Sabia lidar com contabilidade, por isso cuidava da bolsa das ofertas. Era, provavelmente, o mais culto, o mais esperto, o mais eloqüente e o mais polido dos seus pares. Não dava escândalos nem tinha comportamentos que perturbassem o ambiente. Agia silenciosamente.

Características negativas de Judas

Judas era o que tinha menos características negativas e conflitos em sua personalidade. O grande problema era que ele nunca tratara seus conflitos adequadamente. Pequenas frustrações tornaram-se monstros; pequenas pedras, montanhas.

Não entendia seus sentimentos mais profundos. Embora moralista e dosado, tinha dificuldade de penetrar no seu próprio mundo e reconhecer suas mazelas. Sabia julgar, mas não sabia compreender. Errava pouco exteriormente. No secreto do seu ser devia exaltar a si mesmo.

Uma das piores características de Judas era que ele não era uma pessoa transparente. Antes de trair Jesus, traiu a si mesmo. Traiu sua sabedoria, traiu seu amor pela vida, sua capacidade de aprender, seu encanto pela existência. O maior traidor da história foi o maior carrasco de si mesmo. Era autopunitivo. Tinha tudo para brilhar, mas aprisionou-se no calabouço dos seus conflitos. Judas era o mais bem preparado dos discípulos. Por que ele o traiu? Por que não superou o sentimento de culpa gerado pela sua traição? A negação de Pedro não foi menos séria do que a traição de Judas. Por que eles seguiram caminhos tão distintos diante de erros tão graves? Trataremos desse assunto no texto em que mostrar a evolução da personalidade dos discípulos. Na ocasião, estudaremos o dramático suicídio de Judas e as lágrimas incontidas de Pedro.

PAULO DE TARSO

No texto que se segue, comentarei a personalidade de Paulo de Tarso. Paulo não foi um seguidor presencial de Jesus Cristo. Passou a segui-lo anos mais tarde, de oito a dez anos após a sua crucificação. Paulo não andou com Jesus, não ouviu suas palavras, não contemplou seus gestos, não aprendeu lições diretamente com ele, mas foi um dos seus maiores seguidores.

Características negativas da personalidade de Paulo

Paulo era um jovem radical, extremamente agressivo, discriminador, exclusivista, ambicioso e ansioso. Foi o mais culto dos discípulos; mas, antes de tornar-se cristão, foi também o mais arrogante e violento [19]. Suas verdades eram absolutas. Para ele, o mundo era do tamanho dos seus preconceitos. Sua capacidade de excluir pessoas que pensavam contrariamente às suas tradições era impressionante.

Ele não se contentou em ter um discurso ferrenho contra os seguidores de Jesus de Nazaré. Para ele, eles eram uma praga que devia ser extirpada da sociedade. Se houvesse

metralhadora na sua época, eles seriam extirpados a bala, mas como não havia[20], usavam as pedras. Era um fim mais lento e doloroso.

Para Paulo, Jesus não passava de um herético, de um enganador, de um corpo estranho em Israel. O que impressiona em sua personalidade era que nenhum cristão o havia ferido diretamente, mas ele se achava o mais lesado dos homens. Tinha aversão pelas pessoas sem conhecê-las, pelo simples fato de pensarem contrariamente às idéias da sua religião.

Ele era o tipo de pessoa que rejeitava os outros sem penetrar na sua história, sem analisar as suas lágrimas, sonhos, intenções. Tinha o pior tipo de ódio, o ódio gratuito. Ele aprisionava pessoas porque era um prisioneiro dentro do seu próprio ser.

Levou os seguidores de Jesus à morte e viu neles o desespero, mas isso não lhe tocou a emoção. Os pais clamavam por misericórdia, mas ele permanecia insensível. As mães suplicavam piedade, pois tinham seus filhos para criar, mas ele as encerrava em prisões. Paulo, querendo seguir a tradição dos judeus, se tornara insensível. Colocou suas verdades acima da vida humana. Toda pessoa que tem tal reação é socialmente perigosa.

A cena de Estevão foi chocante. Ele ouviu esse amável e inteligente homem discursar. Estevão brilhou nas suas idéias. Mas provocou a ira dos judeus. Eles pegaram pedras e o lincharam publicamente. Paulo assistiu à cena e consentiu na sua morte.

Parecia destituído de sentimentos. As primeiras pedras esfacelaram seu corpo. Romperam músculos e artérias. Produziram hemorragias e uma dor indecifrável. Estevão agonizava lentamente. Paulo permanecia insensível, sua emoção estava tão petrificada como a dos homens mais agressivos do conflito palestino-judeu.

Paulo era a última pessoa que deveria ser chamada de discípulo de Jesus. Era a última pessoa que o merecia [21]. Apesar das suas evidentes características positivas, era uma pessoa destrutiva e destruidora. Era o mais hábil intelectualmente e o mais violento socialmente. Se fosse um líder da sua nação, poderia causar graves problemas sociais, pois não toleraria seus contrários, os dizimaria. É simplesmente incrível como ele mudou. Estudaremos alguns fenômenos do processo de formação de sua personalidade no final deste livro.

Paulo disse na carta aos efésios que se considerava o menor de todos os cristãos. Suas palavras não são apenas o reflexo da sua humildade, mas revelam o clamor das suas lembranças. Ele não se esqueceu do que fez.

Embora tivesse superado seus conflitos, eles geraram cicatrizes inesquecíveis. Essas cicatrizes estão contidas claras ou nas entrelinhas de todas as suas cartas. As lágrimas e as feridas que provocou jamais se apagaram dos solos da sua memória.

Características positivas da personalidade de Paulo

Era uma pessoa de um conhecimento invejável. Sabia falar o hebraico, o grego e o aramaico. Sua coragem, perspicácia e capacidade de argumentação expressas em seus escritos são espantosas. Ele devia ter os traços dessas características desde a sua adolescência. Nos tempos atuais, ele conseguiria assumir o controle de qualquer equipe de políticos e intelectuais.

Paulo era um jovem empreendedor. Aproveitava as oportunidades para cumprir suas metas. Era um excelente orador. Embora fosse exclusivista e preconceituoso, havia uma inquietação dentro do seu ser. Ele buscava respostas. Era uma pessoa agitada, tensa, ansiosa.

Apesar de cometer atitudes inumanas, era fiel à sua consciência. Não tinha receio de expressar seus pensamentos em público. Podia correr risco de morrer, mas não conseguia se calar. Ninguém no mundo o convenceria a mudar as suas convicções, a não ser a sua própria

consciência. Por isso, ele se tornou um discípulo de modo totalmente diferente dos demais. Aquilo em que ele cria controlava o seu ser. Foi drástico nas perseguições, mas quando aprendeu a amar o mestre da vida, ninguém se entregou tanto por esta causa[22].

Almejando provocar a maior revolução: reeditar o filme do inconsciente

A personalidade dos discípulos evidencia o desafio que Jesus enfrentaria. O único que se encaixava num padrão aceitável de comportamento era Judas, o que o vendeu e o traiu. Não havia modelos. Parece que Jesus errou drasticamente em sua escolha. Ele tinha de revolucionar a personalidade deles para que eles revolucionassem o mundo.

Seria a maior revolução de todos os tempos. Mas essa revolução não poderia ser feita com o uso de armas, força, chantagem, pressões, mas com perdão, inclusão, mansidão, tolerância. Seus discípulos não conheciam essa linguagem. Parecia loucura o projeto de Jesus. Era quase impossível atuar nos bastidores da mente dos discípulos e transformar as matrizes conscientes e inconscientes da memória e tecer novas características de personalidade neles.

Quando alguém nos ofende ou contraria, detona-se o gatilho da memória que em milésimos de segundos abre algumas janelas do inconsciente: as janelas da agressividade, do ódio, do medo. A área do tamanho da cabeça de um alfinete contém milhares de janelas com milhões de informações no córtex cerebral.

Não sabemos localizar as janelas da memória, nem as positivas nem as negativas. Mesmo se soubéssemos o seu lócus, não poderíamos deletá-las ou apagá-las. Deletar informações é a tarefa mais fácil nos computadores. No homem, é impossível. Todas as misérias, conflitos e traumas que temos arquivados não podem mais ser apagados. A única possibilidade é reeditá-los ou reescrevê-los. Sem reeditá-los é impossível transformar a personalidade. Podemos ficar anos fazendo tratamento psicoterapêutico que não haverá mudanças substanciais. Como reeditar a memória dos discípulos em tão pouco tempo? Jesus tinha pouco mais de três anos para isso.

Se fosse possível transportar os mais ilustres psiquiatras e psicólogos clínicos através de uma máquina do tempo para tratar dos discípulos de Jesus com sete sessões por semana, eles não poderiam fazer muito. Por quê? Porque os discípulos não tinham consciência dos seus problemas. O grande dilema das ciências que tratam da saúde mental é que o mais importante para a superação de uma doença não é sua dimensão, mas a consciência que um paciente tem dela e a capacidade do seu "eu" em deixar de ser vítima para ser autor da sua história.

Quando treino um psicólogo, enfatizo que ele deve aprender a estimular o "eu" a reescrever as matrizes da personalidade. O "eu", que representa a vontade consciente, deve deixar de ser espectador passivo das misérias e aprender a conhecer o funcionamento da mente, os papéis da memória, a construção básica das cadeias de pensamentos para ser líder de si mesmo. Chamo isso de psicoterapia multifocal, pois trabalha com os fenômenos que constróem multifocalmente os pensamentos, que transformam a energia emocional e que estruturam o "eu".

Todas as técnicas psicoterapêuticas, ainda que inconscientemente, objetivam a reedição do filme do inconsciente e o resgate da liderança do "eu". Mas quanto mais ela é consciente, mais pode ser eficiente.

Por que é tão difícil mudar a personalidade? Porque ela é tecida por milhares de arquivos complexos que contêm inúmeras informações e experiências nos solos conscientes e inconscientes da memória. Não temos ferramentas para mudarmos magicamente esses arquivos que se inter-relacionam multifocalmente.

Alguns teóricos da psicologia crêem que a personalidade se cristaliza até os sete anos. Mas essa é uma visão simplista da psique. Embora seja uma tarefa difícil, é sempre possível transformar a personalidade em qualquer época da vida, principalmente, como disse, se o "eu" deixar de ser espectador passivo, subir no palco da mente e se tornar diretor do *script dos* pensamentos e das emoções.

Esse conceito representa, na minha opinião, o topo da psicologia mais avançada. Em outras palavras, se refere ao gerenciamento dos pensamentos e das emoções. Esse gerenciamento tem grandes aplicações em todas as áreas: psicologia clínica, ciências da educação, ciências políticas, sociologia, direito, filosofia.

Os antidepressivos e os tranqüilizantes são úteis, mas eles não reeditam o filme do inconsciente e não levam o ser humano a gerenciar suas angústias, ansiedades, idéias negativas. Se não trabalhar nas matrizes da memória e não aprender a ser líder de si mesmo, será dependente dos psiquiatras e dos medicamentos, ainda que os psiquiatras jamais desejem tal dependência.

O grande desafio de Jesus

Os discípulos eram vítimas das características doentias da sua personalidade. Estavam saturados de áreas doentias nos solos conscientes e inconscientes da sua memória. Não tinham a mínima capacidade de gerenciamento da sua psique nos focos de tensão. Como ajudá-los? Como reescrever a sua memória?

Não há milagres, o processo é complexo. Para reescrever os arquivos da memória é necessário sobrepor novas experiências às antigas. As experiências de tolerância devem sobrepor-se às experiências de discriminação. As experiências de segurança devem sobrepor-se às experiências do medo, a experiência da paciência deve ser registrada em todos os milhares de arquivos que contêm agressividade, e assim por diante. As novas experiências devem ser sobrepostas à medida que os arquivos contaminados se abrem nos focos de tensão.

Quando surge o medo, a crise de pânico, as reações agressivas, os pensamentos negativos, é que o "eu" deve aproveitar a oportunidade para ser diretor do *script* do teatro da mente e reescrevê-los. Como fazer isso? Criticando, confrontando e analisando inteligentemente cada experiência. Desse modo, ricas experiências se sobreporão aos arquivos contaminados. Assim reurbanizamos as favelas da memória.

Veja o grande problema enfrentado por Jesus. Os seus discípulos não sabiam atuar no seu próprio mundo. Não tinham consciência das suas limitações. Eram tímidos espectadores diante dos seus conflitos. Não aprenderam a mergulhar dentro de si mesmos nem a fazer uma revisão de suas vidas. Como ajudá-los? Como fazer uma pessoa que nunca amou a música, que não aprendeu a tocar piano, tocar com brilhantismo as músicas de Mozart, Wagner, Chopin?

Imagine que os discípulos reeditaram, depois de certo tempo andando com ele, os arquivos que continham suas reações agressivas e intolerantes. Por algumas semanas, mostraram-se amáveis e gentis com todos os que os rodeavam. Eles poderiam achar ilusoriamente que dali em diante seriam os homens mais pacientes e tolerantes da terra. Todavia, muitos arquivos na periferia da memória, que estão nos becos do inconsciente, não foram reeditados.

De repente, alguém os rejeita ou critica, detona-se o gatilho da memória, abrem-se algumas janelas e esses arquivos ocultos aparecem. Então, novamente, eles reagem impulsivamente, ferindo as pessoas sem pensar nas conseqüências dos seus atos. Eles recaem. As recaídas sempre ocorrem nas depressões, fobias, síndrome do pânico ou em

qualquer processo de transformação da personalidade. O que fazer? Desistir? Jamais! Só há um caminho. Continuar reeditando os novos arquivos. As recaídas não devem gerar um desânimo, ao contrário, devem produzir uma motivação extra para continuar a reescrever os arquivos que não foram trabalhados.

Como Jesus não queria melhorar o ser humano, mas transformá-lo de dentro para fora, teria de lidar com todas as recaídas dos seus discípulos. Teria de ter uma paciência incomum. Teria de ter uma esperança fenomenal. E teve! Nunca alguém revelou tanta paciência. Eles não entendiam quase nada do que ele dizia. Eles faziam o contrário do que ouviam, mas ele cria que podia virar de cabeça para baixo a vida de todos eles.

Os discípulos o frustraram durante mais de três anos. Nas últimas horas antes de morrer, eles o decepcionaram mais ainda. Jesus tinha todos os motivos do mundo para esquecê-los. Jamais desistiu deles, nem mesmo do seu traidor. Que amor é esse que não desiste?

Jesus sabia que seu projeto levaria uma vida toda. Ele demonstrava com seus gestos e palavras que detinha o mais elevado conhecimento de psicologia. Ele sabia de todo esse processo. Ele não fez um milagre na alma, pois sabia que ela é um campo de transformação difícil de ser operado.

Ele ambicionava algo mais profundo do que os psicólogos da atualidade. Desejava diariamente que eles reescrevessem os principais capítulos da sua história através de novas, belas e elevadas experiências existenciais. Ele criou conscientemente ambientes pedagógicos nas praias, montes, sinagogas, para produzir ricas experiências e sobrepô-las aos arquivos doentios que teciam a colcha de retalhos das suas personalidades. Foi um verdadeiro treinamento. O maior já realizado conscientemente.

Ele programou, como um micro-cirurgião que disseca pequenos vasos e nervos, uma mudança da personalidade dos seus jovens discípulos. Como ele fez isso? Estudaremos esse assunto. Cada parábola, cada leproso, cada perseguição e risco de morte, tudo isso fazia parte do seu treinamento.

CAPÍTULO 4

O Vendedor de Sonhos

Somos a única geração de toda a história que conseguiu destruir a capacidade de sonhar e de questionar dos jovens. Nas gerações passadas, os jovens criticavam o mundo dos adultos, rebelavam-se contra os conceitos sociais, sonhavam com grandes conquistas. Onde estão os sonhos dos jovens? Onde estão seus questionamentos?

Eles são agressivos, mas sua rebeldia não é contra as "drogas" sociais que construímos, mas porque querem ingeri-las em doses cada vez maiores. Eles não se rebelam contra o veneno do consumismo, a paranóia da estética e a loucura do prazer imediato produzidos pelos meios de comunicação, eles amam esse veneno. O futuro é pouco importante, o que importa é viver intensamente o hoje. Não têm uma grande causa para lutar. São meros consumidores, números de identidade e de cartões de crédito.

A geração de jovens que cresceu aos pés do consumismo e da paranóia da estética deixou de sonhar. Eles perderam rapidamente o encanto pela vida. As nações modernas estão pagando um preço alto por ter matado os sonhos dos seus filhos. Elas têm assistido com perplexidade a seus jovens se suicidando, se drogando, desenvolvendo transtornos psíquicos.

Os programas infantis que estimulam o consumismo e não promovem o desenvolvimento das funções mais importantes da inteligência, tais como a capacidade de pensar antes de reagir ou trabalhar frustrações, cometeram um crime emocional contra as crianças. Todas as imagens desses programas são registradas nos solos conscientes e inconscientes da memória das crianças, contaminando o amor pela vida e a estruturação do "eu" como líder da psique.

Os presentes e os objetos que elas avidamente consomem produzem um prazer rápido e superficial. A emoção torna-se instável e ansiosa. Passados alguns dias, perdem o prazer pelo que consumiram e procuram outros objetos para tentar satisfazê-las, gerando um mecanismo que tem princípios semelhantes com a dependência psicológica das drogas. A felicidade se torna uma miragem para elas.

O objetivo de ter escrito o livro "Dez Leis Para Ser Feliz" é para mostrar que a felicidade não é obra do acaso, mas uma conquista. Nele, comento dez ferramentas da psicologia, tais como gerenciar seus pensamentos, administrar as emoções, contemplar o belo, trabalhar suas perdas e frustrações, para conquistarmos qualidade de vida nesta belíssima e turbulenta existência. Se os jovens não aprenderem a usar essas ferramentas, não sonharão e não conhecerão dias felizes.

Os pais e professores deveriam ser vendedores de sonhos. Deveriam plantar as mais belas sementes no interior deles para fazê-los intelectualmente livres e emocionalmente brilhantes. Jesus Cristo tem muito a nos ensinar nesse sentido. Vejamos.

Um vendedor de sonhos

A vida sem sonhos é como um céu sem estrelas. Alguns sonham em ter filhos, em rolar no tapete com eles, em ser seus grandes amigos. Outros sonham em ser cientistas, em explorar o desconhecido e descobrir os mistérios do mundo. Outros sonham em ser úteis socialmente, em aliviar a dor das pessoas. Alguns sonham com uma excelente profissão, em ter grande futuro, em possuir uma casa na praia. Outros sonham em viajar pelo mundo, conhecer novos povos, novas culturas e se aventurar por ares nunca antes percorridos. Sem sonhos, a vida é como uma manhã sem orvalho, seca e árida.

Jesus foi o maior vendedor de sonhos de que já se teve _, notícia. Parece estranho usar a expressão "vendedor de sonhos", pois sonhos não se vendem. Mas essa expressão é poética e objetiva retratar a capacidade inigualável do mestre da vida em inspirar a emoção das pessoas e revolucionar a maneira como elas vêem a vida.

Num mundo onde tudo é vendido, tudo tem seu preço, Jesus chamou alguns jovens completamente despreparados para a vida e, paulatinamente, lhes vendeu gratuitamente aquilo que não se pode comprar, vendeu os mais fascinantes sonhos que um ser humano pode sonhar. Para ele, seus sonhos poderiam ser concretos; para seus discípulos, eram aspirações.

O mestre dos mestres andava clamando nas cidades, vielas e à beira da praia discorrendo sobre as suas idéias. Seu discurso era contagiante. Seus ouvintes ficavam eletrizados. Quais foram os principais sonhos que abriram as janelas da inteligência dos seus discípulos e irrigaram suas vidas com uma meta superior?

A - O sonho de um reino justo: o reino dos céus

Naqueles ares, um homem incomum proclamava altissonante: "Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus" *(23).* Quanto mais Jesus abria a sua boca, mais dúvidas surgiam no palco da mente dos seus ouvintes. As dúvidas geravam um estresse positivo que arejava o anfiteatro das idéias e os estimulavam a pensar.

As pessoas que o ouviam ficavam perplexas. Elas deviam se perguntar: "Quem é este homem? O que ele está dizendo? Conhecemos os reinos terrenos, conhecemos o império romano, mas nunca ouvimos falar de um reino dos céus. O que significa arrepender-se para receber um novo reino?".

"Arrepender-se" parece uma simples palavra, mas, na realidade, é uma das mais importantes tarefas da inteligência humana. Os computadores jamais desempenharão essa tarefa intelectual. Ela é mais importante do que armazenar bilhões de dados. No futuro, os computadores poderão ter milhões de vezes a capacidade de armazenar e processar informações do que os atuais, mas jamais se arrependerão de seus erros. Poderão apontar erros, mas não terão consciência deles, não se arrependerão ou terão sentimento de culpa.

Quando você falha, tem consciência dessa falha, se arrepende e pede desculpas, você está, nesse simples ato, sendo mais complexo do que os supercomputadores. Por isso, os fortes reconhecem seus erros, os fracos não os admitem; os fortes admitem suas limitações, os fracos as disfarçam. Sob a ótica desses parâmetros, podemos conferir que há muitos intelectuais que são fracos e muitos seres humanos desprovidos de cultura acadêmica que são fortes.

A palavra "arrepender-se" usada por Jesus explorava uma importante função da inteligência. Ela não significava culpa, autopunição ou lamentação, mas fazer uma revisão de vida, corrigir as rotas do pensamento e dos conceitos. Os que não têm coragem de revisar sua vida serão sempre vítimas e não autores de sua história.

O mestre dos mestres discursava sobre um reino que estava além dos limites tempo-espaço, fora da esfera das relações sociais e políticas dos governos humanos. Era um reino dos céus, de outra dimensão, com outra organização e estrutura. Ele seduzia seus ouvintes com um reino onde a justiça faria parte da rotina social, a paz habitaria o território da emoção, as angústias e aflições humanas inexistiriam. Não era esse um grande sonho?

Os judeus conheceram o reino de Herodes, o Grande. Ele governara Israel por décadas. Seu reino foi inumano e explorador. Herodes era tão brutal que matou dois de seus filhos. Alguém que não poupou a própria prole, não pouparia os israelitas. Os homens o temiam. Após sua morte, Israel foi dividido entre a Galiléia e a Judéia. Nos tempos de Jesus,

o imperador romano não mais designou reis sobre as terras, mas governadores. Pilatos governava a Judéia, onde ficava Jerusalém e Herodes Antipas, a Galiléia.

Pilatos e Herodes Antipas, para agradar Roma e mostrar fidelidade, governavam com mão de ferro essas duas regiões. Os impostos eram pesados. O povo passava fome. Qualquer movimento social era considerado subversão ao regime e massacrado. O nutriente emocional das crianças e dos adultos era o medo. Era esse tipo de reino injusto e violento que os judeus conheciam. Um governo em que uma maioria sustentava as benesses de uma minoria.

Nesse clima, apareceu o homem Jesus, sem exércitos e pompa, desafiando o poderoso império romano pela proclamação de um outro reino, em que cada ser humano não seria mais um número na multidão, onde cada miserável teria *status* de um príncipe. Nesse reino, ninguém jamais seria excluído, discriminado, ofendido, rejeitado, incompreendido.

Jesus não tinha a aparência, as vestes e os exércitos de um rei, mas era um vendedor de sonhos. Atrás dele seguia-se uma pequena comitiva formada por um grupo de jovens atônitos com suas palavras. Os jovens eram frágeis e desqualificados, mas começaram a empunhar a bandeira de mudar o sistema social. Eles não conheciam aquele a quem seguiam, mas estavam animados com sua coragem de enfrentar o mundo.

Era uma época de terror. O momento político recomendava discrição e silêncio. Mas nada calaria a voz do mais fascinante vendedor de sonhos de todos os tempos. Ele morreria pelos seus sonhos, jamais desistiria deles. Foi um mestre inesquecível.

B - O sonho da liberdade: cárcere físico e emocional

Nada cala tão fundo na alma humana como a necessidade de liberdade. Sem liberdade, o ser humano se destrói, se deprime, torna-se infeliz e errante. Jesus vendia o sonho da liberdade em seus amplos aspectos. Suas palavras são atualíssimas. Vivemos em sociedades democráticas, falamos tanto de liberdade, mas, freqüentemente, não somos livres dentro de nós mesmos.

A prisão exterior mutila o prazer humano. As prisões sempre foram um castigo que pune muito mais a emoção do que o corpo. Elas não corrigem o comportamento, não educam, não reeditam os arquivos doentios da memória que conduziram o indivíduo a praticar crimes. O sistema carcerário não transforma a personalidade de um criminoso, apenas impõe dor emocional. Os presidiários, quando dormem, sonham em ser livres: livres para andar, sair, ver o sol, contemplar flores. Alguns presidiários cavam túneis durante anos para tentar escapar. O desejo de liberdade os consome diariamente.

A ditadura política é outra forma de controle de liberdade. Um ditador controla um povo utilizando as armas e o sistema policial com ferramentas que oprimem e dominam. As pessoas não são livres para expressar suas idéias. Além da ditadura política, existe a ditadura emocional e a intelectual. Há muitos ditadores inseridos nas famílias e nas empresas.

O mundo tem de girar em torno deles. Suas verdades são absolutas. Não admitem ser contrariados. Não permitem que as pessoas expressem suas idéias. Impõem medo aos filhos e à esposa. Ameaçam despedir seus funcionários. Gostam de proclamar: "Eu faço! Vocês dependem de mim! Eu pago as contas! Eu mando aqui! Quem não estiver contente que vá embora!".

Esses ditadores parecem ser livres, mas, de fato, são prisioneiros. Eles controlam os outros porque são escravos dentro de si mesmos. São controlados pelo seu orgulho, arrogância, agressividade. Escondem sua fragilidade atrás de seu dinheiro ou poder. Todo homem autoritário, no fundo, é um homem frágil. Os fracos usam a força, os fortes usam o

diálogo. Os fracos dominam os outros, os fortes promovem a liberdade. Existem diversas formas de restrição à liberdade. A exploração emocional é uma delas. Uma minoria de ídolos fabricados pela mídia explora a emoção de uma grande maioria, que tem freqüentemente as mesmas capacidades intelectuais dessa minoria. A massificação da mídia faz com que muitos gravitem em torno de alguns atores, esportistas, cantores, como se fossem supra-humanos.

A fama é a maior estupidez intelectual das sociedades modernas. A fama gera infelicidade, mas quem não a tem pensa que ela é um oásis de prazer. Apenas os primeiros degraus da fama geram o prazer. O sucesso é legítimo. Devemos lutar para ter sucesso na profissão, nas relações sociais, na realização de nossas metas, mas a fama que acompanha o sucesso pode se tornar uma grande armadilha emocional, pois, freqüentemente, gera angústia, solidão, perda da singeleza e da privacidade.

Na realidade, não existem semideuses. Não há pessoas especiais que não sejam comuns nem comuns que não sejam especiais. Todos temos problemas, incertezas, ansiedades e dificuldades semelhantes. A exploração emocional produzida pela mídia tem destruído os sonhos mais belos dos jovens.

Eles não admiram as atividades dos seus pais. Infelizmente, nossos jovens estão drogados pela necessidade da fama. Não apreciam ser heróis anônimos, tais como os médicos, os professores, os advogados, os técnicos nas indústrias. Muitos adolescentes não querem ser cientistas, professores, médicos, juízes. Eles querem ser personagens famosos, que do dia para a noite conquistam as páginas dos jornais. Querem o troféu sem treinamento. Desejam o sucesso sem alicerces. São candidatos a ser frustrados nesta breve existência.

Jesus discorria sobre uma liberdade poética. Ele não pressionava ninguém a segui-lo. Nunca tirava proveito das situações para controlar as pessoas. Os políticos almejam que os eleitores gravitem em torno deles. Muitos contratam profissionais de marketing para promovê-los, para exaltar seus feitos, ainda que eles sejam medíocres.

O mestre dos mestres, ao contrário, gostava de se ocultar. Era um especialista em dizer às pessoas para não espalhar publicamente o que ele havia feito por elas. Era tão delicado que não explorava a emoção das pessoas que ajudava e curava. Sua ética não tem precedente na história. Ele as encorajava a continuar o seu caminho. Se quisessem segui-lo, tinha de ser por amor.

O resultado? Na terra do medo, elas aprenderam a amar. Amaram o vendedor de sonhos. Ele vendeu o sonho do amor gratuito e incondicional. Elas compraram esse sonho e ele se tornou uma indecifrável realidade. Sonhavam com um reino distante sobre o qual ele havia discursado, mas já haviam conquistado o maior de todos os sonhos, o do amor.

O império romano as dominava. A vida era crua e árida, mas elas estavam livres dentro de si mesmas. O amor as libertara. Nada é mais livre do que o amor. O amor transforma pobres súditos em grandes reis e grandes reis em miseráveis súditos. Quem não ama vive no cárcere da emoção.

C - O sonho da eternidade

Onde estão Confúcio, Platão, Alexandre (O Grande), Cristóvão Colombo, Napoleão Bonaparte, Hitler, Stalin? Todos pareciam tão fortes! Cada um a seu modo: uns na força física, outros na loucura e ainda outros na sabedoria e na gentileza. Mas, por fim, todos sucumbiram ao caos da morte. Os anos se passaram e eles se despediram do breve palco da vida.

Viver é um evento inexplicável. Mesmo quando sofremos e perdemos a esperança,

somos complexos e indecifráveis. Não apenas a alegria e a sabedoria, mas também a dor e a loucura revelam a complexidade da alma humana. Como as emoções e as idéias são tecidas nos bastidores da alma humana? Quais fenômenos as produzem e as diluem?

Quanto mais pesquiso esses fenômenos e avanço um pouco na sua compreensão, mais me sinto um ignorante. Por ter desenvolvido a teoria da Inteligência Multifocal, que estuda o funcionamento da mente e a construção dos pensamentos, recebi um título de membro de honra da academia de gênios de um respeitado instituto de um país europeu. Fiquei feliz, mas tenho convicção de que não o mereço.

Por quê? Pois tenho consciência da minha pequenez diante da grandeza dos mistérios que cercam o pequeno e infinito mundo da alma ou psique humana. Sabemos muito pouco sobre quem somos. Um verdadeiro cientista tem consciência não do quanto sabe, mas do quanto não sabe. O dia em que deixar de confessar a minha ignorância estou morto como pensador.

Existir, pensar, se emocionar é algo fascinante. Quem pode esquadrinhar os fenômenos que nos transformam em "homo intelligens", num ser que pensa e tem consciência de que pensa?

Quem pode decifrar os segredos que produzem o movimento da energia a qual constitui as crises de ansiedade e a primavera dos prazeres?

A produção da menor idéia, mesmo no cerne da mente de um paciente psicótico, é mais complexa do que os mistérios que fundamentam os buracos negros no Universo que sugam planetas inteiros. Um professor de Harvard tem os mesmos fenômenos que lêem a memória e constróem cadeias de pensamentos que uma criança magérrima castigada pela fome.

Ambos possuem um mundo a ser explorado e merecem a mesma dignidade. Infelizmente, o sistema social entorpece nossa mente e dificulta nossa percepção para o espetáculo da vida que pulsa em cada um de nós. Não somos americanos, árabes, judeus, chineses, brasileiros, franceses ou russos. No cerne da nossa inteligência jamais fomos divididos. Somos a espécie humana.

O movimento contra a fome capitaneado por Lula, Presidente do Brasil, é uma atitude que encanta. Entretanto, a luta contra a fome não é problema de uma nação, é responsabilidade de nossa espécie. Mas somos uma espécie cuja viabilidade é questionável. Raramente honramos na plenitude nossa capacidade de pensar. Por isso, não somos capazes de enxergar a dor dos outros. Somos ótimos nos discursos, mas lentos nas ações. As máculas da nossa história depõem contra nossa viabilidade.

Perdemos o sentido de espécie. Nós nos dividimos pela cultura, religião, nação, cor da pele. Dividimos o que é indivisível. Segmentamos a vida. Se conhecêssemos minimamente as entranhas dos fenômenos que tecem o mundo das idéias e a transformação da energia emocional, nos conscientizaríamos de que somos mais iguais do que imaginamos. A diferença entre os intelectuais e as crianças com necessidades especiais, entre os psiquiatras e os pacientes psicóticos, entre os reis e os súditos está na ponta do iceberg da inteligência. A imensa base é exatamente a mesma.

Apesar de criticar em todos os meus livros as mazelas emocionais, as misérias sociais e a crise na formação de pensadores no mundo moderno, quando estudo os bastidores da mente humana fico boquiaberto. Sinto que existir, ser um ser humano, é um privilégio fascinante.

Às vezes, quando viajo com minhas filhas à noite e vejo ao longe as casas nas fazendas com uma luz acesa, pergunto a elas: "Quais pessoas moram naquela casa? Quais são seus sonhos e suas alegrias mais importantes? Quais foram as lágrimas que elas nunca

choraram?" O meu desejo, ao fazer essas perguntas, é humanizar minhas filhas, educar a emoção delas, levá-las a perceber que há um mundo complexo e rico dentro de cada ser humano, não importa quem ele seja. Estou, também, treinando-as a não julgar precipitadamente as pessoas, mas a enxergar além da cortina dos seus comportamentos.

Sinto que, se os pais e os professores conseguissem educar a emoção das crianças desse modo, mais de 90% da violência da sociedade diminuiria no prazo de duas ou três décadas. A vida seria respeitada.

O mestre dos mestres amava e respeitava a vida incondicionalmente. Nunca pedia conta dos erros de uma pessoa. Não queria saber com quantos homens a prostituta havia dormido. Suas atitudes eram tão incomuns que ele corria risco de vida por elas. Ele conseguia criar vínculos com as pessoas discriminadas, apreciá-las e perdoá-las, porque penetrava dentro delas e as compreendia. Se você não for capaz de compreender as pessoas, será impossível amá-las.

Os leprosos tinham os cães como amigos. Viviam a dor da rejeição e da solidão. Jesus tinha um cuidado especial com eles. Ele lhes oferecia o que tinha de melhor, a sua amizade. Para ele, cada ser humano era um ser único no teatro da vida. Cada ser humano era insubstituível e não um objeto descartável. Só isso explica o fato dele dar um valor descomunal às pessoas que estavam à margem da sociedade. Ele não concordava cora os erros delas, mas as amava independentemente das suas falhas.

O sonho da transcendência da morte

Jesus amava tanto a vida que discorria sobre um sonho que até hoje abala os alicerces da medicina, o sonho da transcendência da morte, o sonho da eternidade. Como já comentei nos outros livros, a morte é o atestado de falência da medicina. A mais poética das profissões sucumbe quando fechamos os olhos para a existência.

O desejo da medicina é prolongar a vida e aliviar a dor. E a mesma aspiração das religiões. Toda religião discorre sobre o alívio da dor, o prolongamento da vida, a superação da morte. Sem dúvida, é um grande sonho. Mas, um dia, vivenciaremos sozinhos, sem amigos, filhos, dinheiro, poder, o maior fenômeno que depõe contra a vida: o caos da morte.

As pessoas que dizem que não têm medo da morte são as mais frágeis emocionalmente. Falam sobre o que não refletiram. Elas só podem fazer tal afirmação se usarem o atributo da fé em Deus. Caso contrário, quando realmente estiverem diante do fim da vida, ocorrerá uma explosão de ansiedade, elas se comportarão como meninos amedrontados diante do desconhecido.

Em quase todos os filmes de Hollywood, a morte é um dos fenômenos mais destacados. Nos jornais e nas revistas, a morte é igualmente privilegiada como notícia, seja na forma de acidentes, guerras, doenças. Na pintura, literatura, na música, ela recebe também um relevante destaque.

Porém, apesar da morte estar na pauta principal de nossas idéias, freqüentemente, nós nos recusamos a pensar profundamente sobre ela como fenômeno. Quais as conseqüências da morte para a capacidade de pensar? O que acontece com a grande enciclopédia da memória com a decomposição do cérebro? É possível resgatar nossa história?

Do ponto de vista científico, nada é tão drástico para a memória e para o mundo das idéias do que a morte. A memória se desorganiza, bilhões de informações se perdem, os pensamentos deixam de ser produzidos, a consciência mergulha no vácuo da inconsciência.

O caos do cérebro destrói o direito mais fundamental do ser humano que está nos códigos jurídicos mais lúcidos e nos textos intelectuais mais sóbrios, o direito de ter uma identidade, de ter consciência de si mesmo, de possuir uma história.

Jesus, sabendo das conseqüências da morte, vendeu o sonho da eternidade. Para os seus seguidores que viram muitos pais chorando no leito das suas crianças, que viram filhos clamando para que seus pais revivessem e pessoas inconsoláveis pela perda dos seus amigos a morte era uma fonte de dor.

Ao ouvir de muitas formas e em muitos lugares o mestre da vida discorrer eloqüentemente que ele estava na terra para que a humanidade recebesse a Deus e conquistasse a imortalidade, eles foram contagiados por um grande júbilo. Um júbilo que continuou a ecoar pelos séculos.

A alma humana anseia pela eternidade

Quem não almeja a eternidade? Todos. Mesmo as pessoas que pensam em suicídio têm sede e fome de viver. Elas apenas querem exterminar a dor que estrangula sua emoção e não a vida que pulsa dentro de si mesmas. Fazemos seguro, colocamos fechadura nas portas, tomamos medicamentos quando doentes, desenvolvemos uma complexa medicina, ciências biológicas e agrárias, porque temos sede de viver.

Na ilha de Maiorca, na pequena e belíssima cidade de Valdemossa, existe um convento dos monges Cartujas. Nos séculos passados, os cartujas foram dizimados por um rei da Espanha. Agora há um museu desses monges que retratam sua enigmática história. Os cartujas viviam na clausura, não tinham qualquer contato com a sociedade. O que era mais estranho é que eles viviam em completo silêncio. Eles podiam conversar apenas uma hora por semana uns com os outros para tratar de assuntos da administração do mosteiro.

O que movia esses homens? Por que deixaram tudo para trás para viver nesse mundo? Uma frase resumia a sua filosofia de vida e o motivo pelo qual seguiam a Jesus Cristo! "Nós nos calamos porque o anseio da nossa alma pela imortalidade não pode ser expresso por palavras..." Independentemente do julgamento que possamos fazer do comportamento deles, essa frase resume não apenas a filosofia dos cartujas, mas um anseio inconsciente e incontrolável. Nossa alma clama pela eternidade.

Antigamente, muitos psiquiatras, inclusive eu, achavam que ter uma religião era um sinal de fragilidade intelectual. Hoje, sabemos que é sinal de grandeza intelectual, emocional e espiritual. Nossa ciência ainda está no tempo da pedra para dar respostas às questões mais importantes da vida. Continuamos não sabendo quem somos e para onde vamos. Mas, para nosso espanto, Jesus dava resposta sobre essas questões com uma segurança impressionante.

Segundo as biografias de Jesus, esse sonho se tornou realidade após a sua crucificação. Segundo os quatro evangelhos, Jesus venceu o que é impossível para a ciência, o caos da morte. Ele conseguiu resgatar sua vida e identidade, conseguiu preservar o tecido da sua memória, superar aquilo que para a medicina é uma miragem. Crer nesse fato entra na esfera da fé e, portanto, extrapola os objetivos dessa coleção.

Enquanto andava pela Judéia e Galiléia, a eternidade era apenas um sonho para seus seguidores. Mas era um sonho belíssimo, um bálsamo para a vida tão fugaz e mortal. Através desse sonho, ele cativou os jovens discípulos. A vida deles ganhou um outro significado, produziu a mais bela esperança. As dores e perdas passaram a ser vistas de outro modo. Os acidentes e as catástrofes começaram a ser suportados e superados. As lágrimas dos que ficaram se tornaram gotas de orvalho que anunciavam o mais belo amanhecer. Eles passaram a crer que, um dia, o sol voltaria a brilhar depois da mais longa tempestade.

A medida que o mestre dos mestres vendia o sonho da eternidade, seus discípulos aumentavam mais e mais. Nunca tinham ouvido alguém dizer tais palavras. Eles nem faziam

idéia de quem eles estavam seguindo e o que lhes aguardava. Eram jovens e inexperientes, mas foram contagiados pelo mais eloqüente vendedor de sonhos. Se você estivesse nas praias da Galiléia ou nas cidades por onde ele passava, você também seria contagiado?

D - O sonho da felicidade inesgotável

Existe equilíbrio do campo de energia psíquica, como alguns psiquiatras e psicólogos crêem? Não. É impossível exigir estabilidade plena da energia psíquica, pois ela organiza-se, desorganiza-se (caos) e reorganiza-se continuamente. Não existem pessoas calmas, alegres, serenas sempre, nem mesmo ansiosas, irritadas e incoerentes em todos os momentos.

Ninguém é emocionalmente estático, a não ser que esteja morto. Devemos reagir e nos comportar sob determinado padrão, senão seremos instáveis, mas tal padrão sempre refletirá uma emoção flutuante. A pessoa mais tranqüila tem seus momentos de ansiedade e a mais alegre tem seus períodos de angústia. Só os computadores são rigorosamente estáveis. Por isso, eles são simplistas.

Não deseje ser estável como os robôs. Não se perturbe se você é uma pessoa oscilante, pois não é possível nem desejável ser rigidamente estável. O que você não deve permitir é sentir oscilações grandes nem bruscas, como as produzidas pela impulsividade, mudança súbita de humor, medo. Quem é explosivo se torna insuportável, quem é excessivamente previsível se torna um chato.

O campo de energia psíquica vive num estado contínuo de desequilíbrio e transformação. O momento mais feliz de sua vida desapareceu e o mais triste se dissipou. Por quê? Porque a energia psíquica do prazer ou da dor passa inevitavelmente pelo caos e se reorganiza em novas emoções. Somos um caldeirão de idéias e uma usina de emoções. Simplesmente não é possível interromper a produção de pensamentos nem dos sentimentos.

Os problemas nunca vão desaparecer nesta sinuosa e bela existência. Problemas existem para ser resolvidos e não para perturbá-lo. Todavia, quando a ansiedade ou a angústia invadir sua alma, não se desespere, extraia lições de sua aflição. Essa é a melhor maneira de ter dignidade na dor. Caso contrário, sofrer é inútil. E, infelizmente, a maioria das pessoas sofre inutilmente... Elas expandem sua miséria e não enriquecem a sua sabedoria.

Uma pesquisa que realizei sobre a qualidade de vida da população da cidade de São Paulo mostrou números chocantes: 37,8% dos habitantes estão ansiosos (são mais de cinco milhões de pessoas); 37,4% apresentam déficit de memória ou esquecimento; 30,5% sentem fadiga excessiva; 29,9% sentem dores musculares e 29,1%, dor de cabeça.

Por incrível que pareça, 82% dos habitantes da principal capital da América Latina estão apresentando dois ou mais sintomas. Todavia, se realizarmos a mesma pesquisa em qualquer média ou grande cidade das sociedades modernas, como Nova York, Londres, Paris, Tóquio, encontraremos números semelhantes. A flutuação emocional e a construção de pensamentos atingiram patamares doentios.

Há mais de três milhões de pessoas, incluindo jovens e adultos, com transtorno do sono em São Paulo. Elas fazem uma guerra na própria cama. Qual guerra? A guerra de pensamentos. Levam os seus problemas e todo o lixo social que acumularam durante o dia para o que deveriam preservar: o sono. Por não aquietarem suas mentes, elas roubam energia excessiva do cérebro. A conseqüência disso? Acordam cansadas sem ter feito exercícios físicos. Mesmo quando dormem, o sono não é reparador, pois ele não consegue repor a energia gasta pela hiper-produção de pensamentos. Pensar é bom, pensar demais é um dos maiores problemas que destroem a qualidade de vida do homem moderno.

Antigamente, Freud e outros pensadores criam que as causas dos conflitos psíquicos dos adultos surgiam na infância, através das crises familiares, transtornos sexuais, privações, agressividade. Todavia, se Freud analisasse os dados da pesquisa que realizei, ficaria chocado. Das dez principais causas que têm adoecido o ser humano, sete são sociais, como o medo do futuro, insegurança, crise financeira, medo de ser assaltado, da solidão, do desemprego.

As sociedades modernas se tornaram uma fábrica de estímulos agressivos. As pessoas não têm defesa emocional; pequenos problemas causam um grande impacto. Ficam anos na escola aprendendo a conhecer o mundo de fora, mas não sabem quase nada sobre como produzimos pensamentos, como gerenciá-los, como administrar suas frustrações e angústias. Elas desconhecem que os pensamentos negativos e as emoções tensas são registrados automaticamente na memória e não podem mais ser deletados, apenas reeditados. A educação moderna, apesar de ter ilustres professores, está falida, pois não prepara os alunos para a escola da vida.

Temos sido vítimas da depressão, da ansiedade e das doenças psicossomáticas. Esperávamos que o ser humano do século XXI fosse feliz, tranqüilo, solidário, saudável. Multiplicamos o conhecimento e construímos carro, geladeira, telefone, televisão para facilitar nossa vida, nos dar conforto e alegria, mas nunca o ser humano se sentiu tão desconfortável e estressado. Todavia, apesar das mazelas emocionais terem se intensificado nos dias atuais, elas não são privilégios da nossa geração. Por isso, nossa história está manchada por guerras, discriminações, injustiças, agressividades.

Ser feliz é o requisito básico para a saúde física e intelectual. Todavia, ser feliz, do ponto de vista da psicologia, não é ter uma vida perfeita, mas saber extrair sabedoria dos erros, alegria das dores, força nas decepções, coragem nos fracassos.

O maior de todos os sonhos

Comentei tudo isso como pano de fundo para falar sobre o vendedor de sonhos. Logo após o encontro com João Batista, ele retornou para a Galiléia e começou a discorrer, de sinagoga em sinagoga, sobre sua missão. Os homens deliravam com sua eloqüência. Sua fama se alastrava como fagulha na palha seca. Então, ele foi até Nazaré, entrou na sinagoga e discursou publicamente sobre alguns dos seus mais belos sonhos. Seu projeto era espetacular.

Na platéia, estavam os homens que o viram crescer. Eles certamente não dariam muito crédito às suas palavras, não valorizariam o plano transcendental do carpinteiro. Não era o melhor lugar para ele dizer coisas centrais que ocupavam seus pensamentos. Mas ele sempre ia contra a lógica. Definitivamente, ele não tinha medo de ser rejeitado, a crítica não o perturbava.

Na platéia também estavam seus jovens discípulos e um grupo de fariseus desconfiado de tudo o que ele dizia. Com grande convicção, ele realçou a sua voz e disse palavras que provocaram encanto e espanto. Disse que estava nesta terra para proclamar libertação aos cativos, restaurar a vista aos cegos e pôr em liberdade os oprimidos [24]. Ele inferiu que sua real profissão não era ser um carpinteiro, mas um escultor da alma humana, um libertador do cárcere do medo, da ansiedade, do egoísmo. Ele queria libertar os cativos e os oprimidos. Também queria libertar os cegos, não apenas os cegos cujos olhos não vêem, mas cujos corações não enxergam. Os cegos que têm medo de confrontar-se com suas limitações, que não conseguem questionar qual é o seu real sentido de vida. Os cegos que são especialistas em julgar e condenar os outros, mas que são incapazes de olhar para as suas próprias fragilidades.

A platéia ficou chocada. Quem era esse homem que se colocava como carpinteiro da emoção? Não parecia o mesmo menino que tinha crescido nas ruas de Nazaré. Não parecia o adolescente que seguia os passos do seu pai nem o homem que suava ao carregar toras pesadas de madeira. Eles não entenderam que o menino que brincava nas cercanias de Nazaré não apenas era inteligente, mas crescia em sabedoria e se tornava, pouco a pouco, um analista da alma humana. Não faziam idéia de que o homem que se formara naquela pequena cidade tinha mapeado a personalidade humana como nenhum pesquisador da psicologia e se tornara o mestre dos mestres.

Ele não apenas conheceu os nossos erros e defeitos exteriores, mas também analisou o funcionamento da nossa mente e compreendeu como as nossas mazelas psíquicas são produzidas no secreto do nosso ser. Só isso explica por que ele foi tão tolerante com nossas falhas, por que deu a outra face aos seus inimigos, por que nunca deixou de dar chances ao inseguro e ao incauto, por que nunca desistiu de perdoar...

Quando ele terminou o seu discurso na sinagoga de Nazaré, os homens, instigados pelos fariseus, se enfureceram. Levaram-no para fora arrastado e queriam matá-lo. Mostraram que eram escravos dos seus preconceitos. Não podiam aceitar que um carpinteiro tivesse tão grande missão. Mostraram que eram cativos e cegos. Eram livres por fora e oprimidos por dentro. Os seus discípulos ficaram assustadíssimos. Começaram a entender o tamanho do problema em que tinham se envolvido. Jesus vendia o maior de todos os sonhos, o sonho de uma alma arejada, saudável, livre, feliz. Ele queria ajudar o ser humano a romper os grilhões dos conflitos que controlavam e sufocavam a psique. Mas quem estaria disposto a ser ajudado?

Sua inteligência era tão intrigante que discorreu sobre a ansiedade e suas causas com grande lucidez. Suas idéias perturbam a psiquiatria e a psicologia modernas. Ele disse que precisamos gerenciar os pensamentos e não gravitar em torno dos problemas do amanhã. Ele focava as flores, contemplava-as e dizia que devíamos procurar a grandeza das coisas simples. Mas quem queria libertar o território da sua emoção das ansiedades da vida?

Certa vez, ele foi muito longe no seu discurso. Levantou-se numa festa em que o clima era tenso, pois estava para ser preso e, desprezando o medo, convidou as pessoas a beber de sua felicidade. Nunca alguém foi tão feliz na terra de infelizes. A morte o rondava e ele homenageava a vida. O medo o cercava, mas ele estava mergulhado num mar de tranqüilidade. Que homem é esse que é apaixonado pela vida mesmo quando o mundo está desabando sobre ele?

O seu discurso nessa festa foi relevante e complexo. Ele disse que os que cressem nele teriam acesso a um rio de águas vivas que fluiria do seu interior. Ao usar essa linguagem, ele inferiu que tinha pleno conhecimento de que a energia psíquica não é estável, mas flutuante, por isso usou a simbologia de um rio.

Queria mostrar que o sonho da felicidade passava por um constante estado de renovação emocional no qual não haveria tédio, angústia, rotina. O prazer seria inesgotável, mas não estável ou estático. Mostrava que era possível plantar flores nos desertos, destilar orvalho na terra seca, extrair alegria nas frustrações. Não bastava ser eterno, ele queria que cada ser humano encontrasse uma felicidade borbulhante.

O vendedor de sonhos deixava perplexos seus ouvintes, não importava se eles eram seguidores ou perseguidores. Na ocasião dessa festa, a escolta de soldados que estava incumbida de prendê-lo ficou paralisada. Era muito fácil aprisioná-lo, ele não tinha qualquer proteção. Mas quem consegue aprisionar um homem que abala os pensamentos? Quem consegue amordaçar um vendedor de sonhos que liberta a emoção? Os soldados partiram de mãos vazias.

Os líderes de Israel que os enviaram ficaram indignados. Inquiridos por que não o prenderam, eles responderam: "Nunca alguém falou como este homem". Eles foram libertados no seu espírito, desejaram ansiosamente beber da felicidade sobre a qual ele discursara.

Não foram seus milagres que mudaram a história da humanidade. Foram seus sonhos. Jesus Cristo tem feito bilhões de pessoas sonhar ao longo dos séculos. Ele foi o maior vendedor de sonhos da história. Sob o clima dos seus sonhos, os portadores de câncer, os que perderam seus amados, os que experimentaram injustiças, os que tombaram no caminho têm encontrado esperança no caos, paz nas tormentas, refrigério no árido solo da existência.

Sob o toque dos seus sonhos, mesmo os que não passaram por turbulências encontraram algo tão procurado e tão difícil de ser encontrado: o sentido da vida...

CAPÍTULO 5

O Coração dos Discípulos: Os Solos da Alma Humana

Os *inimigos e os amigos o desconheciam*

Envolvidos pelos sonhos de Jesus, os jovens discípulos tiveram a coragem de virar a página da sua história e segui-lo. Deixaram o futuro que haviam traçado para trás. João Batista o havia colocado nas alturas. Pensaram que seguiriam alguém capaz de arregimentar o maior de todos os exércitos, alguém que exercitasse sua força para que o mundo se dobrasse aos seus pés. Mas ficavam pasmados com suas palavras. Elas penetravam-lhes o cerne do ser. Tudo o que fazia quebrava os paradigmas e os conceitos de vida. Ele revelava um poder descomunal, mas preferia dar ênfase à sensibilidade. Ele discursava sobre a eternidade, parecia tão superior aos homens, mas tinha a coragem de se dobrar aos pés de pessoas simples. Ele preferia a inteligência à força, a sabedoria ao poder. Quem era ele?

Jesus era um homem econômico nas palavras. Nós exageramos no discurso, falamos em excesso, mas ele era ponderado. Sabia das limitações intelectuais dos discípulos em compreender seu projeto, suas idéias, seus sonhos. Por isso, nutria-lhes lentamente a alma e o espírito como uma mãe que acalenta seus filhos. Ele tinha uma grande ambição: transformar os seus incultos discípulos e torná-los tochas vivas que pudessem incendiar o mundo com seus projetos e sonhos.

Ele não falava claramente sobre sua personalidade e objetivos. Grandes debates eram feitos pelos mais próximos sobre sua identidade. Seus inimigos ficavam atordoados com seus gestos. Seus amigos ficavam fascinados com suas palavras. Inimigos e amigos tinham suas mentes embriagadas de dúvidas.

Os inimigos não sabiam a quem perseguiam e os amigos não sabiam a quem seguiam. Só sabiam que era impossível ficar indiferente a ele.

A parábola do semeador, o mais excelente educador

Ele era um brilhante contador de histórias. Suas parábolas educavam, possuíam um conteúdo espetacular. O mestre dos mestres conseguia resumir assuntos que poderiam ser discutidos em vários livros em uma simples história.

Certa vez, ele contou uma parábola belíssima que sintetizava a sua grande missão: a parábola do semeador. Ele simbolizou e classificou o coração humano em vários tipos de solos. O que impressiona é que nessa história ele não usou os parâmetros dos erros, acertos, sucessos ou fracassos para nos classificar. Ele classificou o coração emocional e intelectual do ser humano pela sua receptividade, desprendimento e disposição para aprender.

Ele tinha uma visão diferente da psique comparada à da educação atual. Para ele, suas palavras não eram informações lógicas nem a memória era um depósito dessas informações. A memória era um solo que deveria receber sementes que, uma vez desenvolvidas, deveriam frutificar.

Frutificar onde? No território da emoção e no anfiteatro dos pensamentos. Frutificar o quê? Amor, paz, segurança, sensibilidade, solidariedade, perdão, mansidão, a capacidade de se doar, habilidade de pensar antes de reagir. Ele conquistava o espírito das pessoas, o cerne do ser humano gerando inspiração, desejo ardente de mudança, criatividade e arte de pensar. Ele atingia algo que a educação clássica almeja, mas não atinge. Ele queria produzir pensadores.

Seu desejo não era corrigir comportamentos nem produzir pessoas que reagissem

como robôs bem comportados. Ele plantava sementes nos solos conscientes e inconscientes da memória de seus seguidores objetivando que elas transformassem suas personalidades ao longo da vida. Sua tarefa era gigantesca, pois seus discípulos tinham uma estrutura emocional e intelectual avariada e sem alicerces profundos.

Sua visão sobre educação e transformação da personalidade foi proferida há vinte séculos, mas é atualíssima, capaz de chocar a educação moderna.

Os *solos da alma humana: o coração dos discípulos*

Durante trinta anos, Jesus pesquisou atenta e silenciosamente o processo de formação da personalidade. Era um especialista em detectar nossas dificuldades. Sabia que ferimos as pessoas que mais amamos, que perdemos facilmente a paciência, que somos governados por nossas preocupações. Ao invés de nos acusar, ele nos estimula a pensar. Queria que as multidões fizessem o mesmo.

O mestre dos mestres era um plantador de sementes. Sabia que a personalidade não muda num passe de mágica. Era um educador de princípios. Era um pensador perspicaz, arguto e detalhista. Por que ele se posicionou como um semeador e comparou o coração psicológico a um solo? Porque ele não queria dar meros ensinamentos, regras de comportamentos e normas de conduta.

No Velho Testamento, as leis tentaram corrigir o homem, discipliná-lo, fazê-lo ter uma convivência social saudável, mas falharam. Apesar das leis serem normas de conduta excelentes, a agressividade, o egoísmo e as injustiças nunca foram extirpados, ao contrário, afloraram-se.

A lei e as regras de conduta tentam mudar o ser humano de fora para dentro, as sementes que o mestre da vida queria plantar objetivava mudá-lo de dentro para fora. Não há figura mais bela para um educador do que ser um semeador. Um educador que semeia é um revolucionário. Ele nunca mais tem controle sobre o que planta. As sementes terão vida própria e poderão mudar para sempre o ecossistema emocional e social.

Era isso que Jesus almejava. Ninguém sonhou mudar tanto o mundo como ele. Mas ele não usou de qualquer tipo de violência e pressão para isso. Ele sabia que a mudança só seria real se ele mudasse a ecologia da alma e do espírito humanos.

Os quatro tipos de solos que ele descreveu em sua parábola representam quatros tipos de personalidades distintas ou quatro estágios da mesma personalidade. No caso dos jovens discípulos, eles representam principalmente quatro estágios do desenvolvimento de suas personalidades na encantadora, sinuosa e intrigante caminhada com o mestre dos mestres.

O primeiro tipo: o solo que representa um caminho

Ele descreveu o primeiro tipo de solo como uma terra à beira do caminho [25]. Esse solo estava compacto, endurecido e impermeável. As sementes que ali foram lançadas não penetraram nele e, portanto, não encontraram condições mínimas para germinar. Que tipo de pessoa essa terra representa?

Representa as que têm seu próprio caminho, as que não estão abertas para algo novo, não estão dispostas a aprender. Elas se fecham dentro do seu mundo. Foram contaminadas pelo orgulho, não conseguem abrir o leque das possibilidades dos pensamentos. Suas verdades são eternas e absolutas. O coração psicológico delas é compactado como a terra de uma estrada. São rígidas e fechadas. Quando põem uma coisa na cabeça ninguém consegue removê-la.

Quantas pessoas não conhecemos que possuem essas características? Quantas vezes não reagimos assim? Somos turrões, teimosos, não permitimos que nos questionem. O

mundo tem de girar em torno do que pensamos. Os jovens discípulos possuíam uma personalidade compactada, encarcerada.

As dores, as perdas e as decepções deveriam funcionar como arados para sulcar o coração emocional, mas muitas vezes somos tão rígidos que não permitimos que elas penetrem nos compartimentos mais profundos do nosso ser. Continuamos os mesmos.

As reflexões sobre as experiências difíceis que os outros passam deveriam funcionar como a chuva serôdia, mansa e suave, para irrigar o território da nossa inteligência. Entretanto, muitas vezes, ele está tão solidificado que se torna impermeável. Não aprendemos com os erros dos outros. Uma pessoa inteligente aprende com os seus erros, uma pessoa sábia aprende com os erros dos outros.

As pessoas que reagem assim repetem os mesmos comportamentos, erram os mesmos erros. Nada as tira do seu caminho. Ninguém consegue levá-las a rever seus paradigmas. Ninguém consegue semear em seus corações.

Ser rígido, fechado, preconceituoso não é fruto da falta de cultura acadêmica. Há muitos intelectuais, filósofos, psicólogos, médicos que são fechados dentro de si mesmos. Eles não podem ser contrariados, têm medo de se abrir para outras possibilidades. São infelizes. E, o que é pior, deixam as pessoas que mais amam também infelizes.

A sabedoria requer que estejamos sempre abertos às novas lições. A humildade é a força dos sábios; e a arrogância, dos fracos. Nem Jesus, com suas mais belas sementes da sabedoria e do amor, conseguia fazer germinar num solo compactado à beira do caminho. Por quê? Porque ele não invadia a psique de nenhum ser humano. Ele só trabalhava na alma dos que lhe permitiam.

Jesus tinha em alta conta o livre arbítrio das pessoas. Era necessário que elas se abrissem e reconhecessem seu orgulho, rigidez, arrogância, para que ele pudesse ajudá-las. Os jovens discípulos, embora inflexíveis, abriram seu ser a ele.

Ao ouvir as suas palavras e contemplar, fascinados, os seus gestos, o solo do coração deles foi sulcado e preparado para receber as suas sementes. Eles tinham enumeráveis defeitos, mas eram pessoas simples. O orgulho deles não tinha raízes tão grandes, por isso Jesus os escolheu.

Agora entendemos um pouco mais porque eles foram escolhidos. Apesar de serem tão complicados e agressivos, eles eram mais fáceis de ser trabalhados do que os fariseus. Estes, embora cultos e dosados, embora fossem aparentemente muito melhor do que os jovens galileus, estavam profundamente contaminados pelo orgulho. O orgulho é um vírus psíquico altamente destrutivo de todo e qualquer tipo de personalidade.

Os jovens discípulos começaram a sua jornada com Jesus como um solo compacto à beira do caminho. Todos passaram por esse estágio, porque eram impulsivos, ansiosos, agressivos. Do meu ponto de vista, a única exceção foi Judas. Ele era o melhor dos discípulos. O território da sua emoção e dos seus pensamentos não era tão impermeável. Judas tinha mais cultura e era mais sensato. Quando Jesus o encontrou, ele já estava no estágio seguinte. Era de se esperar que ele brilhasse mais do que os outros, mas teve um trágico fim.

No "Mestre da Sensibilidade", comentei que o maior favor que podemos fazer a uma semente é sepultá-la. Uma vez sepultada, ela morrerá, mas se multiplicará. As sementes que não penetram na terra são comidas pelas aves do céu, perdem a sua função. Infelizmente, a maioria das sementes que recebemos não germina.

Como está o terreno da sua psique? Você consegue ser ajudado pelas pessoas que o rodeiam? Seus amigos, filhos, colegas de trabalho conseguem falar ao seu coração? Seus erros e sofrimentos conseguem sulcar a sua terra e torná-la apta para que as mais nobres

sementes possam crescer?

O segundo tipo: o solo rochoso

O solo rochoso é o segundo tipo de coração que Jesus simbolizava nessa parábola. Era um solo melhor do que o que estava à beira do caminho. As sementes nele lançadas encontraram condições mínimas para germinar. Elas logo nasceram, visto que a terra era pouca. Porém, logo veio o calor do sol e elas não suportaram, já que suas raízes eram superficiais.

Quem é representado por esse tipo de solo? Como o próprio Jesus disse, ele representa todos os que receberam rápida e alegremente a sua palavra [(26)]. Eles fizeram festas para ele. Compraram seus mais belos sonhos. O júbilo era incontido. Mas, um dia, os problemas chegaram, as perdas surgiram, as perseguições bateram à porta. Ficaram confusos.

Perceberam que o mestre dos mestres não eliminava todos os obstáculos que eles encontravam pelo caminho. Ficaram assustados. Entenderam que não estavam livres de decepções. Creram que todas as suas orações seriam rapidamente atendidas. Pensaram que segui-lo era viver um céu sem tempestade, relações sem desencontros, trabalhos sem fracassos. Mas se enganaram.

Jesus nunca fez essas promessas. Prometeu, sim, força na fragilidade, refrigério nos fracassos, coragem nos momentos de desespero. Eles viram o próprio Jesus passar por tantos problemas e correr risco de morrer. Essas cenas os abalaram. Será que é ele o Messias? Será que vale a pena segui-lo? Será que seus sonhos não são delírios? Essas perguntas os atormentavam. Desanimados, muitos desistiram de segui-lo.

Creio que todos os jovens seguidores de Jesus passaram por esse estágio. Eles não eram gigantes, como nenhum ser humano o é. Todos nós temos nossos limites. Às vezes, uma pequena pedra para alguém, fácil de ser contornada, representa uma grande montanha para outrem e vice-versa. Não é tão fácil suportar o calor dos problemas, mas é necessário. O medo dos problemas intensifica a dor. Enfrentá-los é uma atitude inteligente.-^

Mas qual é a melhor maneira de enfrentá-los? Lançando raízes nos solos da nossa psique. As raízes de uma árvore são o segredo de seu sucesso, de sua capacidade de suportar o calor do sol, as tempestades e o frio. As raízes dão sustentabilidade às plantas, suprem-nas com nutrientes e água.

O segredo do sucesso de um estudante, de um executivo, de um profissional liberal, de um esportista também está nas suas raízes. Muitos observam os resultados e ficam fascinados, mas não percebem que seus segredos são a coragem, a humildade, a simplicidade, a determinação, o desejo ardente de aprender enraizados nos solos de sua emoção e de seus pensamentos.

Se você não se preocupa em cultivar raízes internas, não espere encontrar águas profundas nos dias de aridez. As plantas que suportam a angústia do sol e os períodos de sequidão não são as mais belas, mas as que têm raízes mais profundas. Elas atingem o lençol freático. Encontram as águas profundas.

Um dia, as dificuldades e os problemas aparecerão, mesmo para alguém que sempre teve uma rotina tranqüila. Os amigos vão embora, a pessoa que mais amamos não nos suporta, os filhos não nos compreendem, o trabalho vira um tédio, o dinheiro fica escasso, os sintomas aparecem.

O que fazer? Entrar em desespero? Não! Aproveitar as oportunidades para lançar raízes. Jesus demonstrou que, para lançar raízes, é necessário remover as pedras, o cascalho do nosso ser. Como? Andando por ares nunca antes respirados. Percorrendo os labirintos do

nosso ser. Correndo riscos para conquistar aquilo que realmente tem valor. Aceitando com coragem as perdas que são irreparáveis. Reconhecendo falhas, pedindo desculpas, perdoando, tolerando, tirando a trave dos nossos olhos antes de querer remover o cisco do olho de alguém.

Os perdedores perturbam-se com o calor do sol, os vencedores usam suas lágrimas para irrigar o solo do seu ser. Não tenha medo das turbulências da vida, tenha medo de não ter raízes.

Certa vez, Jesus fez um discurso para testar seus ouvintes. Ele chocou-os dizendo que eles deviam comer da sua carne e beber do seu sangue. Ele, na realidade, queria dizer que suas palavras é que eram um verdadeiro alimento para nutrir os solos do espírito e da alma deles. As pessoas que ouviram a primeira parte do seu discurso ficaram perplexas. Como poderiam comê-lo? Escandalizados, vários discípulos o abandonaram.

Então, ele fitou os jovens discípulos e desferiu uma pergunta inesperada. Deu-lhes liberdade para que eles o abandonassem. Um momento de silêncio reinou. Em seguida, Pedro tomou a dianteira e, em outras palavras, disse que ele e seus amigos não tinham para onde ir, pois Jesus tinha as palavras da vida eterna. Eles haviam crido e sonhado o sonho de Jesus.

Os jovens galileus passaram por muitos testes. Esse foi mais um deles. A cada teste lançavam raízes mais profundas. Os problemas e os sofrimentos eram ferramentas que os faziam garimpar ouro dentro de si mesmos.

O terceiro tipo:o solo com espinhos

O terceiro tipo de solo representa uma terra melhor do que temos visto até o momento. O solo era adequado. Não era compactado, não havia pedras no seu interior. As sementes encontraram um excelente clima para crescer. Lançaram raízes profundas, conseguiram atingir águas submersas, suportaram o calor do sol e as intempéries. Elas cresceram com vigor e entusiasmo.

Os problemas exteriores não conseguiam destruí-las. Junto com as pequenas plantas geradas pelas belas sementes cresceram, sutilmente, os espinhos.<-No início, os espinhos aparentavam ser gramíneas frágeis e inocentes. Havia espaço para todas as plantas, poderiam conviver juntas. Entretanto, os meses se passaram e as plantas e os espinhos cresceram. Então, algo imprevisível aconteceu. O espaço que era tão grande começou a ficar pequeno. Iniciou-se uma competição.

Os espinhos começaram a competir com as plantas pelos nutrientes, oxigênio, água e raios solares. Como estavam mais adaptados, deram um salto. Cresceram rapidamente e começaram a sufocar as plantas. Elas clamavam pelos nutrientes e pelos raios solares para fazer a fotossíntese, mas os espinhos controlavam seu desejo de viver. Assim, apesar de ter raízes profundas e de conquistar um bom porte, as plantas não frutificaram, não sobreviveram.

Que grupo de pessoas ou que estágio da personalidade esse tipo de solo representa? Representa as pessoas mais profundas e sensatas, que permitiram o crescimento das sementes do perdão, do amor, da sabedoria, da solidariedade e de todas as demais sementes do plano transcendental do mestre dos mestres.

Elas suportaram as incompreensões, as pressões, as dificuldades externas. Viram Jesus sofrer oposição e perseguição, mas não desanimaram. Ficaram amedrontadas quando ele, por diversas vezes, quase foi apedrejado, mas não o abandonaram. Nenhuma crítica, rejeição, doença, decepção ou frustração parecia roubar-lhes o desejo de segui-lo.

Dia a dia tornaram-se fortes para vencer os problemas do mundo. Os anos se

passaram e elas pareciam imbatíveis. Entretanto, não estavam preparadas para superar os problemas do seu próprio mundo, que cresciam sutilmente no âmago do seu ser. Jesus disse, nessa parábola, que os espinhos representam as preocupações existenciais, os cuidados do mundo, as ambições, a fascinação pelas riquezas.

Quem não tem preocupações? Freqüentemente, somente as pessoas irresponsáveis estão livres de preocupações. Quem não antecipa situações do futuro e vive no passado? Quem não se perturba com as incertezas do futuro? Quem não tem ambição? Mesmo o mais humilde dos homens tem ambição, ainda que ela seja para conservar sua timidez e não expressar suas idéias. Quem não é seduzido pelas riquezas? Há inúmeros tipos de riquezas que fascinam o ser humano: possuir dinheiro, ser admirado, ser reconhecido, ser maior do que os outros.

Os grandes problemas, como doenças ou risco de morrer, não destruíam os discípulos. Agora teriam de passar no teste dos pequenos problemas que cresciam no solo da sua alma e competiam com as plantas oriundas das sementes do mestre dos mestres. A arrogância competia com o perdão, a intolerância competia com a compreensão, a necessidade de poder competia com o desprendimento, a raiva e o ódio competiam com o amor.

Um dos maiores problemas que sufoca as plantas não é o fracasso, mas o sucesso. O sucesso profissional, intelectual, financeiro e até o espiritual, se não forem bem administrados, paralisam a inteligência, obstruem a criatividade, destroem a simplicidade. Seu sucesso o tem paralisado ou libertado?

Muitos líderes espirituais dão uma atenção especial para cada um dos seus ouvintes, se preocupam com a dor que eles sentem, quando o número deles é pequeno. Todavia, após conquistarem milhares de ouvintes, perdem o encanto por eles, pois se tornam apenas números. Jesus disse que ele era o bom pastor [27]. A fama jamais o fez perder o contato íntimo com as pessoas. Ele conhecia cada ovelha pelo seu nome, se preocupava com cada uma das suas necessidades.

Muitos cientistas, no começo da carreira, são ousados, criativos e aventureiros. Mas, à medida que sobem na hierarquia acadêmica, sufocam sua capacidade de pensar, se tornam estéreis de idéias. Muitos executivos, quando estão no auge da carreira, sufocam sua coragem, perspicácia e sensibilidade. Têm medo de correr riscos, não exploram o desconhecido. Perdem a capacidade de enxergar os pequenos problemas que causarão grandes transtornos no futuro.

As sementes dos espinhos estavam presentes desde a mais tenra formação da personalidade dos discípulos, portanto, estavam ecologicamente adaptadas. Algumas preocupações são legítimas, como a educação dos filhos, ter segurança, uma boa aposentadoria, um bom plano de saúde. O problema ocorre quando essas preocupações nos controlam, roubam nossa tranqüilidade e capacidade de decidir. Muitas pessoas são diariamente assaltadas por pensamentos perturbadores. Elas são maravilhosas para os outros, mas são escravas dos seus pensamentos. Não sabem cuidar da sua qualidade de vida.

Eu moro no interior de uma mata. Um lugar belíssimo. Não é fácil plantar uma flor neste lugar, pois ela não está adaptada ecologicamente. As formigas a atacam com grande voracidade e os espinhos e outras plantas crescem rapidamente competindo com ela. É preciso cultivar diariamente, arrancar as ervas daninhas, afofar a terra, irrigar e suprir com nutrientes.

Do mesmo modo, precisamos cuidar do ecossistema do coração psicológico. Diariamente, temos de remover o lixo que se acumula nos terrenos da nossa emoção. Temos de reciclar os pensamentos negativos e perturbadores que sutilmente são produzidos.

Judas foi assaltado pouco a pouco por pensamentos perturbadores e não os superou. Nos primeiros anos, ele jamais pensara que trairia Cristo. Judas queria que ele virasse a mesa dos fariseus, mas Jesus era paciente com seus inimigos. Judas queria que ele tomasse o trono político de Israel, mas ele queria o trono do coração humano. Ele admirava Jesus, mas não o entendia, não o amava. Estudaremos esse assunto quando abordar o desenvolvimento da personalidade dos discípulos. Os espinhos, no secreto da alma de Judas, cresceram. Como ele não os tratou, eles sufocaram os belos ensinamentos do mestre dos mestres.

Perdemos simplicidade à medida que a vida ganha complexidade. O homem do mundo moderno é mais infeliz do que o do passado. A ciência aumentou, a tecnologia deu saltos, as necessidades expandiram-se e, assim, a vida perdeu sua singeleza e poesia.

Pais e filhos tornaram-se técnicos em falar de coisas que não dizem respeito a eles, mas não sabem falar de si mesmos. Não sabem chorar e sonhar juntos. Amigos ficam anos sem se visitar ou dar sequer um telefonema um para o outro. Não temos tempo para as coisas importantes, pois estamos entulhados dentro de nós mesmos. Se não temos problemas exteriores, nós os criamos.

Jamais devemos nos esquecer de que o registro das experiências psíquicas é automático, produzido pelo fenômeno RAM. Se não tratarmos as nossas angústias, preocupações com doenças, medo do futuro, reações ansiosas, eles vão se depositando nos solos da memória tornando-os ácidos e áridos. As flores não suportam tal acidez, mas os espinhos a adoram.

Quem não tem esse cuidado vai se entristecendo e adoecendo lentamente, ao longo da vida, mesmo que tenha tido uma infância saudável. Chega ao ponto da vida ficar tão amarga que a pessoa não entende por que é infeliz, impaciente, tensa ou por que possui doenças psicossomáticas. Não há problemas exteriores, não atravessa crises familiares, financeiras e sociais. Tem todos os motivos do mundo para viver sorrindo, mas está angustiada. Por quê? Porque não cuidou das ervas daninhas do seu interior. A parábola do semeador contada por Jesus é altamente psicoterapêutica. Devemos estar alerta.

Que tipo de solo você é? Você tem cuidado das principais plantas da sua vida? Você tem plantado flores nos solos de sua memória ou os tem entulhado de lixo e preocupações sociais?

O último tipo de solo:a boa terra

Chegamos à boa terra, o solo que o mestre da vida queria para plantar e cultivar as mais importantes funções da personalidade. Jesus ansiava por mudar o ecossistema da humanidade, mas ele precisava do coração humano para realizar essa tarefa. O coração psicológico que representa a boa terra foi o que removeu as pedras, suportou as dificuldades da vida, lançou raízes profundas nos tempos de aridez, debelou os problemas íntimos e, assim, criou um clima favorável para frutificar com abundância.

Quem representa a boa terra? O próprio Jesus disse que são os que compreenderam a sua palavra, refletiram sobre ela, permitiram que ela habitasse no seu ser. Comportaram-se como sedentos ansiosos pela água, como o ofegante ávido pelo ar, como crianças famintas pelo leite. Não eram movidos apenas pelo entusiasmo das boas novas, mas pela disposição desesperada de aprender.

Devo ressaltar que esse grupo privilegiado de pessoas não era o mais inteligente, culto, puro e ético. Muitos membros desse grupo eram complicados, tinham enormes defeitos, fracassaram inúmeras vezes, mas superaram seus conflitos, deram valor ao que realmente importava, abriram seu coração ao vendedor de sonhos e aplicaram a sua palavra dentro de si mesmos.

Alguns deles foram longe nos seus erros. Caíram no ridículo e ficaram decepcionados consigo mesmos, como Pedro. Entretanto, tiveram coragem de perceber suas limitações e de se esvaziar para aprender as mais profundas lições nas mais incompreensíveis falhas. Não tiveram medo de chorar e começar tudo de novo.

Os jovens galileus entenderam, ao longo dos meses, que não bastava admirar Jesus. Não bastava aplaudi-lo e considerá-lo filho do Deus Altíssimo. Entenderam que segui-lo e amá-lo exigia um preço.O maior de todos os preços era reconhecer as próprias misérias. Era enfrentar o egoísmo, o individualismo, o orgulho que contaminava diariamente o território de sua emoção. Era aprender a amar incondicionalmente, a dar a outra face e a não desistir de si e de ninguém, por mais que falhassem...

Para o mestre dos mestres ós solps não eram estáticos. Um tipo de solo poderia se transformar em outro. Jesus usava várias ferramentas para poder corrigir os solos dos seus discípulos. Ao andar com eles, ele os colocava em situações difíceis, fazia-os entrar em contato com seu medo, ambição, conflitos. Ele os treinava constantemente a "arar" a alma, a esfacelar os torrões, a corrigir a acidez e a repor nutrientes. O resultado ninguém conseguia prever. Era uma tarefa quase impossível. Jesus tinha tudo para falhar.

Passado mais de um ano, os discípulos apresentavam reações agressivas e egoístas. No segundo ano, ainda perpetuavam as competições, uns queriam ser maiores do que os outros. No terceiro ano, o individualismo ainda tinha fortes raízes. No final da sua jornada, logo antes da sua crucificação, o medo ainda encarcerava os discípulos. Jesus parecia derrotado. Mas ele persistia como se fosse um artesão da inteligência humana. Ele confiou completamente nas suas sementes!

Ele não era apenas um vendedor de sonhos, mas também um vendedor de esperança. As pessoas podiam cuspir no seu rosto, esbofeteá-lo, negá-lo e até traí-lo, mas ele não desistia delas. Ele acreditava no genoma das suas sementes e nos solos que cultivara. Será fascinante descobrirmos o que aconteceu.

Para o mestre da vida, nenhum solo era inútil ou imprestável. Uma prostituta poderia ser lapidada e ter mais destaque do que um fariseu. Um coletor de impostos corrupto e dissimulado poderia ser transformado a tal ponto que superaria no seu reino um líder espiritual puritano e moralista. Um psicopata inumano e violento poderia reciclar a sua vida a tal ponto que seria capaz de recitar poesias de amor, ter sentimentos altruístas e correr riscos para ajudar os outros.

Raramente alguém acreditou tanto no ser humano. Nunca alguém entendeu tanto das vielas da nossa emoção e desejou transformar o teatro da nossa mente num espetáculo de sabedoria...

CAPÍTULO 6

Transformando a Personalidade: A Metodologia e os Principais Laboratórios e Lições

Esculpindo a alma humana na escola da vida

Permita-me gastar um pouco de tempo para expor alguns mecanismos inconscientes que conduzem ao processo de transformação da personalidade. Se não entendermos esse assunto, teremos apenas uma admiração superficial por Jesus, ele não será um mestre inesquecível aos nossos olhos.

Muitos pensam que seu relacionamento com seus discípulos foi sem direção. Ele foi um grande mestre, não por acaso. Ele sabia o que queria atingir nos bastidores da inteligência. Ao estudar como Jesus atuava na personalidade deles, fiquei assombrado. As ciências da educação estão no tempo da pedra se comparadas à sua magnífica pedagogia.

Ele provou que em qualquer época da vida podemos reeditar o filme do inconsciente e mudar os pilares centrais que estruturam a personalidade. Sua metodologia envolvia complexas experiências de vida, que aqui chamo de laboratórios existenciais.

Cada laboratório era uma escola viva, constituída de um ambiente real, espontâneo, que envolvia seus discípulos nas mais complexas circunstâncias. O objetivo dessa escola viva era realizar eficientes treinamentos onde os arquivos conscientes e inconscientes da memória se expusessem e fossem transformados.

Tenho comentado em muitos textos que a memória humana não pode ser deletada. Deletar é a tarefa mais simples nos computadores. Não temos essa habilidade porque não sabemos a localização dos arquivos doentios da nossa memória nem as ferramentas necessárias para apagá-los. Não podemos apagar o lixo, os traumas, as frustrações do passado, temos de conviver com eles, quer queiramos ou não. A única possibilidade que temos é reeditar esses arquivos, sobrepor novas experiências às matrizes antigas.

Esse é um processo lento e Jesus tinha plena consciência disso. Na sua indecifrável sabedoria, ele criava ambientes para que viessem à tona as características doentias que estavam na grande periferia da memória, no inconsciente. Seus laboratórios existenciais aceleravam e tornavam mais eficiente o processo de reedição. Demorei anos para entender esse mecanismo usado pelo mestre dos mestres.

Horas antes de ser preso, quando começou a lavar os pés dos discípulos, ele ainda estava propositadamente reeditando as áreas doentias. Seus gestos programados faziam com que a competição predatória e a arrogância fossem espontaneamente reescritas.

O mestre da vida educava a inteligência e tratava psicoterapeuticamente os traumas dos seus discípulos ao mesmo tempo. Ele sabia o que queria atingir na personalidade e como chegar lá. Creio que ele foi o maior educador do mundo. Jesus foi muito mais longe do que Freud.

Freud pensava que um paciente deitado num divã falando livremente o que lhe vinha à cabeça poderia captar e compreender os conflitos do inconsciente e assim gerar um autoconhecimento e, conseqüentemente, superar seus traumas e conflitos. Infelizmente, Freud não teve a oportunidade de estudar, como eu, os papéis da memória e o processo de construção do pensamento. Por isso, não compreendeu que jamais conhecemos a história de maneira pura, a história é sempre reconstruída. O autoconhecimento do passado é uma reconstrução do passado.

Não existe lembrança pura do passado, mas reconstrução dele. Por quê? Porque no

ato em que recordo uma experiência passada há uma série de variáveis, tais como meu estado emocional, o ambiente em que estou, minha motivação, que entram em cena, dando cores e sabores ao passado que ele não tinha.

Para provar isso, pergunto: "Quantos pensamentos você produziu a semana passada?" Milhares e milhares. De quantos você se lembra com a cadeia exata, que inclui sujeito e verbo conjugado tempo-espacialmente? Talvez nenhum. Mas se eu pedir para você reconstruir os ambientes, as circunstâncias e as pessoas com as quais se relacionou, então, você produzirá milhares de novos pensamentos, embora não exatamente iguais aos que você pensou. Você criou algo novo ao recordar o seu passado.

Esse exemplo prova cientificamente que a história arquivada na memória é um suporte para a criatividade e não um depósito de informações para ser acessado e repetido como nos computadores. Prova também que não existe lembrança pura, mas reconstrução do passado com micro ou macro diferenças. Demonstra ainda que as provas escolares que objetivam a repetição de informações estão erradas. Queremos que os nossos alunos repitam informações, mas a memória deles clama para que eles criem novas idéias.

Muitos pensam que estão recordando o passado nos consultórios de psicologia, mas muitas vezes estão recordando o passado desfigurado pelo presente. O objetivo máximo do tratamento psicológico é reeditar a história e resgatar a liderança do "eu". O "eu" tem de ser gerente dos pensamentos e administrador das emoções, caso contrário, ele será sempre vítima das suas misérias psíquicas.

O mestre dos mestres não queria que seus discípulos fossem repetidores de regras morais e éticas. Ele tinha um plano mais profunda Jesus desejava que eles reescrevessem a sua história, aprendessem a pensar antes de reagir, rompessem o cárcere interior e fossem líderes de si mesmos. Somente assim, eles amariam o espetáculo da vida e teriam livre arbítrio.

O grande problema não é só saber que o resgate do passado é feito com distorções, o problema é saber como reeditar o filme do passado, como sobrepor novas imagens às imagens antigas. Para reeditar o passado precisamos atingir os arquivos que se entrelaçam nas tramas do inconsciente. Como reeditá-los se eles aparecem apenas nos focos de tensão? Raramente um ataque de pânico acontece numa sessão psicoterapêutica, o que dificulta para o psiquiatra ou psicólogo entender a dimensão da crise do paciente e dar ferramentas para que ele possa superar seu conflito.

Seguindo o mesmo princípio, um psicopata tem um comportamento sereno em determinadas situações, simulando lucidez, mas em situações tensas ele abre certas janelas da memória e mostra a sua face violenta. Como atuar nessas tramas ocultas? Muitos psiquiatras crêem que os psicopatas são incuráveis. Eu creio que eles podem ter esperança. A transformação da personalidade do apóstolo Paulo é um exemplo de como alguém agressivo pode ser transformado num poeta do amor. Entretanto, infelizmente, a maioria das pessoas leva para o túmulo os seus conflitos. Costumam ser agressivas, fóbicas e ansiosas a vida inteira.

Jesus tinha as mesmas dificuldades para entrar nas tramas do inconsciente dos seus discípulos. Em determinadas situações seus discípulos pareciam anjos inofensivos, mas ele sabia que no âmago da personalidade deles havia graves conflitos. Sabia que por detrás da cortina dos comportamentos dos seus jovens seguidores havia uma agressividade explosiva e uma impulsividade incontrolável.

Por isso, usando de uma inteligência incomum, ele criou inúmeras situações para que os arquivos doentes viessem à tona para ser superados. Nos primeiros anos em que comecei a analisar a inteligência de Jesus, não entendia por que uma pessoa tão sábia se envolvia em

tantos problemas. Se quisesse, ele poderia evitá-los com sua perspicácia.

O mestre dos mestres não estava interessado apenas em que eles resgatassem o passado sombrio, pois sabia que esse resgate é freqüentemente distorcido. Desejava que eles reeditassem esse passado. Conhecer a grandeza do perdão, superar o sentimento de culpa, cultivar um amor solene entre si eram instrumentos preciosos para essa reedição. Vejamos alguns ambientes dramáticos usados por Jesus para trabalhar no cerne da alma dos seus discípulos.

Correndo risco para salvar uma prostituta

Diariamente, os discípulos deparavam-se com seus transtornos psíquicos. Cada clima criado em sua escola viva realizava uma socioterapia, que tratava do egoísmo, intolerância e radicalismo deles. Momentos depois, Jesus arrematava a socioterapia com uma psicoterapia de grupo ou individual e tratava dos conflitos íntimos. Nesses momentos, ele falava diretamente ao coração dos discípulos com palavras simples, diretas e impactantes.

Certa vez, ele correu risco de morrer por causa de uma mulher adúltera. Os fariseus queriam sua decisão, se apedrejavam ou libertavam a mulher pega em flagrante adultério. No primeiro momento, ele não deu resposta. O clima criado ficou extremamente tenso. Daria para imaginar os traumas que ocorreriam. Ele, assim, expôs o medo, a insegurança e a discriminação não apenas dos fariseus, mas também dos discípulos. Por quê? Pois eles igualmente teriam atirado pedras nela.

No segundo momento, ele interveio, levou os fariseus a pensar na sua psicopatia e a protegeu. Ao ver a cena, eles ficaram estarrecidos pelo fato de Jesus quase ter morrido por uma estranha, considerada "escória" da sociedade.

Era muito mais fácil dizer que a matassem, mas se fizesse isso ele teria matado o seu amor e o seu projeto de vida. Jesus protegeu-a com o escudo do seu próprio ser. Os discípulos entenderam que eram também discriminadores, depararam-se com seus limites, ansiedade e dificuldade de raciocinar em situações estressantes.

Após essa lição de terapia social, criou-se um ambiente psíquico dentro dos discípulos para realizar a mais excelente psicoterapia. Desse modo, as palavras de Jesus: "Amai o próximo como a ti mesmo" ganharam um outro sabor, penetraram nos solos inconscientes da memória deles e reeditaram traumas e conflitos. Pasmados, eles deviam dizer para si mesmos: "Como somos limitados!", "Que amor é esse que se doa até às últimas conseqüências?". Há de se ressaltar que o tratamento sociopsicoterapêutico do mestre dos mestres era regado com um amor inexplicável.

Ele treinava seus discípulos para transformar pedras em diamantes. Ao andar com ele, os insensíveis se apaixonavam pela vida, os agressivos acalmavam as águas da emoção e os iletrados se tornavam engenheiros de idéias. Não era uma tarefa fácil. Diariamente seus discípulos davam-lhe dor de cabeça. O mestre do amor, sempre dócil, ouvia os absurdos dos seus discípulos e, pacientemente, trabalhava nos becos da alma bruta deles. Ele acreditava no ser humano, por mais que esse o decepcionasse. Ele foi um escultor da personalidade.

Talvez você aprecie se relacionar com as pessoas serenas e que o valorizem à altura do que você merece. Talvez você quisesse ter filhos que reclamassem menos e fossem menos agressivos. Talvez você desejasse ter alunos menos ansiosos, arredios e que amassem ardentemente o saber. Talvez você almejasse colegas de trabalho menos competitivos, mais abertos e éticos. Todavia, não se esqueça de que muitos cientistas e homens que brilharam na sociedade foram, no passado, pessoas complicadas.

Por que brilharam? Por que venceram seus problemas? Porque alguém investiu neles. As pessoas que mais lhe dão dor de cabeça hoje poderão vir a ser as que mais lhe darão

alegrias no futuro. Invista nelas, cative-as, surpreenda-as. Plante sementes e espere que os anos passem. Esse é o único investimento que jamais se perde, sempre se ganha. Se as pessoas não ganharem, você, pelo menos, ganhará. O quê? Experiência, paz interior e consciência de que fez o melhor.

O mestre da vida investiu sua energia e inteligência em pessoas complicadíssimas para mostrar que todos têm esperança. Você e eu temos esperança para transformar os problemas mais intocáveis da nossa personalidade. Só Judas achou que seu caso não tinha solução, embora ele fosse o melhor na fase inicial. Estudaremos que Jesus nunca o abandonou, Judas se auto-abandonou.

Vamos analisar alguns dos seus principais treinamentos. Seriam necessários alguns livros para expor esse assunto, mas vou falar de maneira sintética apenas sobre alguns pontos. Em cada treinamento, veremos a sua metodologia, algumas das mais relevantes lições de vida.

Treinando-os a ser fiéis à sua consciência

Jesus, certa vez, contou uma história que perturbou os seus ouvintes, quebrou para sempre alguns paradigmas religiosos. Ele disse que havia um certo fariseu que orava de maneira eloqüente. O conteúdo da sua oração revelava a sua integridade. Nela, ele dizia a Deus que jejuava, dava ofertas e fazia orações constantes. Na mesma história, ele contou que havia um pobre moribundo que mal conseguia falar com Deus. Ele olhava para o céu, batia no peito e pedia compaixão. Provavelmente, não dava ofertas para o templo, não orava com freqüência e não tinha um comportamento ético. Sentia-se um miserável diante de Deus.

Qual dessas duas orações foi aceita por Deus? Se houvesse uma enquête em que opinassem todos os religiosos do mundo, provavelmente o fariseu ganharia disparado. Entretanto, para o espanto dos ouvintes, Jesus disse que sua oração não foi ouvida, não atingiu o coração do Criador. Por quê? Porque ele orava de si para si mesmo. Enquanto orava, ele se exaltava. Não procurava Deus no secreto do seu ser. Segundo Jesus, Deus olha para algo que quem está de fora não enxerga: para a consciência, a real intenção.

O fariseu achava-se um homem grande diante de Deus por causa da sua ética moral e religiosa. Mas não analisava seus erros, não enxergava que o coração que pulsa, o ar que respira, a mente que pensa eram dádivas divinas. Aos olhos do mestre dos mestres, Deus se importa com a consciência.

O miserável que não conseguiu sequer produzir uma oração lógica e digna tocou o coração de Deus. Ele não conseguiu fazer um grande discurso em sua oração, porque tinha consciência da sua pequenez, da sua falibilidade e da grandeza de Deus. O meu ponto aqui não é entrar nos assuntos que tangem à fé, mas mostrar um dos mais complexos treinamentos de Jesus. Ele treinou seus discípulos a ser fiéis à sua consciência.

Quem disfarça, dissimula e teatraliza seus comportamentos não tem parte com ele. Não é a quantidade de erros que determina a grandeza de um discípulo, mas sua capacidade de reconhecê-los. Uma pessoa podia ter mil defeitos, mas se tivesse a coragem de admiti-los, ela teria caminho. O mesmo princípio ocorre na psiquiatria e psicologia modernas.

Não temos nada para fazer por uma pessoa que se esconde dentro de si mesma, a não ser que ela tenha uma psicose.

Vivemos em sociedades que amam os disfarces e as máscaras sociais. As pessoas sorriem, mesmo solapadas pela tristeza; mantêm a aparência, mesmo que falidas; para os de fora são éticos, para os membros da família são carrascos. O sistema político simplesmente não sobrevive sem máscaras, disfarces e mentiras. Certa vez, o mestre da vida criticou os

líderes religiosos comparando-os a sepulcros caiados. Por fora, têm belas pinturas, por dentro estão apodrecidos. Foi uma comparação corajosa, mas sincera. Muitos fariseus mantinham um comportamento religioso ilibado, mas, às ocultas, odiavam a ponto de matar.

No sermão do monte, Jesus disse que não bastava não matar, era necessário não se irar. Ele queria dizer que podemos não matar fisicamente, mas matamos interiormente. Muitos matam emocionalmente seus colegas de trabalho, seus amigos e, às vezes, até as pessoas que mais amam, quando elas os decepcionam—-

Jesus aceitava todos os defeitos dos seus discípulos, mas não admitia que eles não fossem transparentes. O único que não aprendeu essa lição foi Judas. Jesus ensinou-os a ser verdadeiros em toda e qualquer situação. Deu-lhes contínuos exemplos. Ele falava abertamente o que pensava. Sabia que poderia ser preso ou morto a qualquer momento, mas não se calava.

Em alguns momentos, o clima tenso dava arrepios. Mas o mestre dos mestres era intrépido, não calava a sua voz. Todavia, seu falar não era agressivo. Ele expunha com tranqüilidade e segurança suas idéias. Queria conquistar e não destruir as pessoas. Atualmente, alguns dizem que são honestos, que sempre falam o que pensam. Mas, no fundo, são descontrolados, pois são agressivos, impulsivos, impõem o que pensam. Ao invés de conquistar as pessoas, eles as perdem. Jesus exalava serenidade, embora fosse verdadeiro, em algumas situações optava pelo silêncio. Somente num segundo momento, falava.

Nas sociedades modernas as pessoas falam muito sobre o mundo exterior, mas se calam sobre os seus mais íntimos pensamentos. Muitos alunos têm medo de questionar seus professores. Muitos ouvintes têm receio de questionar seus líderes religiosos. Muitos funcionários têm medo de propor novas idéias aos executivos da sua empresa. Muitos novos cientistas têm receio de se confrontar com seus chefes de departamentos. São massacrados pelo sistema. Vivem represados. Mentes brilhantes são sufocadas, perpetuando conflitos que raramente serão reeditados.

Não podemos ser controlados pelo que os outros pensam e falam de nós. Ser gentil, sim, mas se esconder, nunca. O homem que é infiel à sua própria consciência jamais quita a dívida consigo mesmo.

Os discípulos de Jesus tinham liberdade de falar com ele e expressar suas dúvidas. Eles foram treinados a ser fiéis à sua consciência e a ser simples como as pombas e prudentes como as serpentes [(28)]. Deveriam saber o que falar e como falar, mas não se calar, nem diante de reis. Deveriam aprender a falar com segurança e sensibilidade, com ousadia e sabedoria. De nada adiantaria se eles conquistassem o mundo, mas não conquistassem a sua própria consciência.

Treinando oratória e comunicação

O treinamento dos discípulos realizado por Jesus envolvia múltiplas áreas, inclusive da comunicação e oratória. Ele queria treiná-los a falar de maneira vibrante, pois seu plano era vibrante. Ele queria educá-los para falar no coração dos homens, pois seu projeto era regado a afeto. Os discípulos tinham parcos recursos lingüísticos. Divulgar seu plano, seu amor, sua missão não envolvia pressão social, armas ou violência. A única ferramenta eram as palavras.

Se seus discípulos não aprendessem a mais excelente oratória, não convenceriam o mundo de que o carpinteiro que morrera na cruz de maneira vexatória era o filho do Deus Altíssimo. Como ensinar homens a falar com multidões se eles mal conseguiam organizar suas idéias diante dos seus amigos? Jesus corria grandes riscos de não ter êxito. Ele deu

aulas magníficas de oratória sem que seus discípulos percebessem.

A capacidade de comunicação de Jesus deixava todos seus ouvintes fascinados. Numa época de escassos oradores, ele brilhou. As platéias ficavam impressionadas tanto com o conteúdo dos seus discursos como com a maneira como o expunha. Reuniu dois instrumentos difíceis de ser conciliados na oratória: a convicção e a sensibilidade. Tinha uma voz segura e suave. Ele passeava pelas vielas da emoção dos seus ouvintes. Falava com os olhos e com os gestos. Seu corpo era uma sinfonia. Como cheguei a essa conclusão? Pelas reações das suas platéias, até das que eram constituídas por seus opositores.

O mestre dos mestres foi um excelente comunicador de massas. Os palestrantes da atualidade usam recursos multimídia para poder auxiliá-los. Alguns conferencistas travam sua inteligência sem o recurso de computadores para animar sua exposição. As pessoas dependem cada vez mais de recursos exteriores para expor as suas idéias.

Jesus não tinha nenhum recurso externo. Não tinha nem um quadro negro para expor didaticamente seus pensamentos. Mas seus discursos e sua didática magnetizavam as platéias. Ele era capaz de falar para milhares de pessoas ao mesmo tempo. E, o que é pior, falava para um público misto. A coisa mais difícil é falar para um público constituído de adultos, crianças, intelectuais, iletrados. As crianças distraem os adultos. Uma palavra difícil não é compreendida por quem tem menos cultura. Vira um tumulto incontrolável.

Agora imagine falar para um público misto e sem microfone. Quase impossível. Mas Jesus falava com maestria para dez, mil ou dez mil pessoas. Para falar para as multidões procurava espaços abertos, calmos e com boa capacidade de difusão sonora, como o Monte das Oliveiras e as praias. Suas conferências levavam as multidões a suspirar. As suas biografias registram diversas reações de encantamento que ele provocava no público.

Raramente os líderes espirituais de hoje têm um discurso vibrante, não apelativo, que provoque fascínio e inspiração. Raramente falam ao coração e conseguem fazer com que seus ouvintes sonhem com as flores, amem a vida, superem suas angústias. Alguns me disseram que, ao estudar a inteligência de Cristo e usar esse estudo nos seus discursos, começaram a encantar seu público. O mestre dos mestres ficou grande aos olhos das pessoas.

Nos programas de TV, os animadores não conseguiriam sobreviver sem a parafernália de recursos que atrai o telespectador. Sem nenhuma atitude apelativa, o mestre da vida conseguia 100% de audiência nas proximidades em que estava. Até as crianças silenciavam suas mentes.

As pessoas estavam famintas e doentes nesta época. Quando a miséria física bate às portas, ninguém se anima a pensar mais profundamente sobre as questões existenciais. Os instintos prevalecem sobre a arte de pensar. Portanto, cativar o pensamento de pessoas famintas era um verdadeiro desafio. Fazer com que as pessoas deslocassem sua atenção do pão físico para o pão psicológico e espiritual era uma empreitada gigantesca. Qualquer um falaria para as moscas.

Mas Jesus atraía multidões incontáveis. Mais do que seus atos sobrenaturais, a sua oratória deixava assombrados homens e mulheres. O vendedor de sonhos inspirava a alma e o espírito humanos.

Ao penetrar de maneira viva nos laboratórios de comunicação do mestre dos mestres, seus discípulos foram pouco a pouco abrindo as janelas da sua inteligência. Libertaram sua criatividade. Reeditaram as matrizes dos solos de sua memória que continham timidez, insegurança, insensibilidade, medo de ser rejeitado, incompreendido, criticado. Desse modo, deram um salto intelectual sem precedentes.

Após a sua morte, os jovens galileus que mal sabiam vender peixes se tornaram

também grandes vendedores de sonhos. Falavam dos sonhos de Jesus como se fossem seus próprios sonhos. Discursavam sobre uma pátria superior, um reino celestial, que nunca viram, com a maior convicção do mundo. Encantaram platéias. Estancaram lágrimas. Trouxeram esperança no caos e alegria na dor.

Treinando-os a falar de si mesmos

Jesus foi um mestre inesquecível em todos os aspectos. Treinou seus discípulos, não apenas a falar para o mundo, mas a falar do seu próprio mundo. Explico-me. Ele não queria que seus discípulos fossem vibrantes oradores por fora e doentes por dentro. Ele sabia do risco de um grande orador se orgulhar e se colocar acima dos outros ou então se isolar e não saber mais falar das pequenas coisas e dos seus conflitos interiores.

Muitos padres, pastores, rabinos, líderes mulçumanos, budistas, à medida que são respeitados, se isolam dentro de si mesmos. Não conseguem mais falar das suas inquietações e discorrer sobre seus sofrimentos. Vários sofrem crises depressivas, mas têm vergonha de falar dos seus sentimentos.

Lembro-me de um padre, ilustre diretor de um seminário, que tinha ataques de pânico diante do público. Sofria drasticamente, pois achava que ia ter um enfarto durante as suas atividades, mas não tinha coragem para falar do seu drama com ninguém, nem com os padres que o auxiliavam. Só ganhou confiança para se abrir comigo depois que leu meus escritos. Andou mais de 600 quilômetros para falar comigo. Infelizmente, só se tratou depois de mais de dez longos anos de sofrimento silencioso.

Cada religião deveria ter um centro de qualidade de vida para prevenir transtornos psíquicos e para que seus líderes e adeptos pudessem se ajudar mutuamente, superar conflitos, expandir as funções mais importantes da inteligência. Qualquer instituição que nega o estresse e as doenças emocionais comete uma grande injustiça com seus membros. Não há uma pessoa que não tenha algum problema na colcha de retalhos da sua personalidade. Os casos mais graves precisam de ajuda. Negá-los é ser desumano. É falar de Deus sem inteligência espiritual, emocional, multifocal, é negar o amor pela vida.

Do mesmo modo, deveria haver um centro de qualidade de vida em cada universidade e grande empresa para tratar dos seus funcionários, cientistas, professores e alunos. Muitos só procuram um tratamento depois que grande parte dos arquivos da memória está contaminada com experiências doentias. Diariamente, os pensamentos mórbidos e as emoções tensas são registrados de maneira privilegiada nos solos da memória. Quanto mais passa o tempo, mais difícil é reeditar o filme do inconsciente.

Infelizmente, muitos acham que ter um transtorno emocional é sinal de fragilidade e de pequenez intelectual. Esse preconceito existe tanto nos meios acadêmicos quanto, principalmente, nos meios religiosos. Ledo engano. A depressão e a síndrome do pânico, por exemplo, costumam atingir as melhores pessoas da sociedade, as mais sensíveis, afetivas e humanas. Mas, como tenho dito, elas são boas para os outros, mas péssimas para si mesmas. Cuidam dos outros, são incapazes de prejudicá-los, mas não sabem cuidar de si mesmas.

Jesus jamais desprezou os feridos. Ele veio para os que são doentes. Queria humanizar seus discípulos. Não desejava formar homens seduzidos pelo sucesso, que se colocassem acima dos mortais. Almejava que a humildade fosse permeada na personalidade de cada um. Queria gerar discípulos que fossem capazes de dizer: *"Eu errei, me desculpe"*. Que tivessem a ousadia de falar: *'Eu preciso de você"*. Que não tivessem medo de dizer: *"Eu estou sofrendo,preciso de ajuda"*.

Jesus não tinha vergonha dos seus sentimentos. Chorou algumas vezes em público.

Por que alguém tão grande chorou publicamente? Por que alguém que era um excelente orador, que fez atos sobrenaturais jamais vistos, não conteve as suas lágrimas? Porque ele amava a sua humanidade, amava ser transparente. E porque ele queria treinar seus discípulos a dissolver sua maquiagem e a falar dos seus sentimentos.

Horas antes de ser preso, foi ainda mais longe. Chamou Pedro, Tiago e João e disse-lhes que sua alma estava profundamente angustiada. Eles se assustaram com tamanha franqueza. Jesus parecia imbatível, mas, agora, estava muito triste, suando sangue, ofegante, profundamente estressado. Seus discípulos não entendiam que ele estava se preparando para ser torturado e para morrer pela humanidade.

Ele poderia esconder seus sentimentos. Poderia passar a imagem de um herói que não conheceu o vale das misérias emocionais. Poderia evitar que isso fosse registrado nas suas biografias e vazasse para o mundo. Mas fez questão de expressar seus sentimentos. Quantas vezes você precisou que alguém o ouvisse, mas teve medo de falar? Quantas vezes você sufocou a sua dor, optou pelo silêncio pois teve receio de ser incompreendido?

O mestre da vida falou da sua dor para três discípulos que não tinham condições de ajudá-lo. Algumas horas depois, Pedro o negaria e Tiago e João fugiriam amedrontados. Ele usou a sua própria dor para produzir o ambiente mais excelente para treinar seus jovens discípulos e o mundo inteiro a não ter vergonha dos seus sentimentos, a não represar seus conflitos, a buscar ajuda mútua, a romper com a solidão e a jamais se comportar como gigantes, intocáveis e perfeitos. Ah! Se Judas tivesse aprendido essa lição!

Quantos pais nunca choraram na frente dos filhos! Chorar e sonhar com eles é mais importante do que dar-lhes o mundo todo. O choro na psiquiatria, freqüentemente, é aliviador. Quando uma pessoa tem uma depressão e não consegue chorar mais, é porque ela se adaptou à sua miséria emocional, perdeu as esperanças.

O projeto de Jesus não era um movimento social em torno de mais uma religião. Era um projeto para toda a humanidade. Seu coração era ardente e espaçoso, ele desejava alcançar cada ser humano independente da sua cor, raça, cultura, religião ou condição financeira.

O mestre da vida queria mostrar que existir, poder pensar, sentir e ter consciência de si mesmo era uma experiência fascinante e única. Queria produzir homens saudáveis, felizes, satisfeitos, serenos. Jamais desejou que seus discípulos fossem gigantes ou semideuses. Ele ambicionava formar homens livres que, por sua vez, formassem homens livres.

Se seus discípulos conquistassem milhões de ouvintes, mas não tratassem os seus conflitos, não soubessem falar de si mesmos, estariam vivendo uma peça teatral. Por fora sorririam, por dentro seriam infelizes.

Diante disso, eu gostaria de propor algo aos leitores. O treinamento de Jesus Cristo envolvia reuniões constantes e livres. Seus discípulos aprendiam a insubstituível arte de dialogar, perdiam o medo de falar sobre si mesmos. Ao redor de uma mesa, ele disse as suas mais brilhantes palavras, como na última ceia, e seus discípulos falaram de muitos dos seus problemas.

Os leitores interessados poderiam reunir para estudar a humanidade de Jesus Cristo, independentemente de sua religião, filosofia de vida, cultura, *status*. Poderíamos chamar essa reunião de *Programa de Qualidade de Vida*.

O programa pode ter duração limitada ou não. Três meses, com uma reunião semanal de 1 h e 30 min seria o ideal. As lições poderiam tratar de estresse, proteção da emoção, contemplação do belo, gerenciamento dos pensamentos. Uma sugestão seria escolher determinados capítulos dos livros "Análise da Inteligência de Cristo" e transformá-los em

lições.

Em cada reunião seriam lidos textos durante 20 ou 30 minutos e depois começariam os debates entre os membros, como o mestre dos mestres fazia após contar suas parábolas. Cada grupo poderia ter um líder, não para controlar os outros, mas para estimulá-los a discutir o assunto lido e a falar sobre as suas dificuldades. Seria bom que os grupos não tivessem um número muito grande de pessoas para haver tempo e liberdade para todos falarem; no máximo, treze ou quatorze pessoas. O grupo mais próximo de Jesus era constituído de treze pessoas, ele e os doze discípulos.

Cada pessoa que fizesse o *Programa de Qualidade de Vida* poderia se tornar um multiplicador, organizando outros grupos no seu condomínio, bairro, grupo religioso, escola, empresa. O objetivo principal desses grupos não seria divulgar uma ideologia, mas uma socioterapia através das pessoas ajudarem-se mutuamente, aprendendo a falar de si mesmas, prevenindo transtornos psíquicos, protegendo sua emoção, gerenciando seus pensamentos, enfim, desenvolvendo qualidade de vida. Muitos sofrimentos e suicídios poderiam ter sido evitados se tivéssemos um ombro amigo para recostar e ouvidos prontos a ouvir.

Embora o grupo possa ser formado por membros de uma religião, não deveriam divulgá-la nas reuniões. Eu sonho com o dia em que os vizinhos e as pessoas de diversas religiões, inclusive não-cristãs, desligarão um pouco a TV e se reunirão para trocar experiências. Eu sonho com escolas onde possam ser implantados programas de qualidade de vida.

O diálogo está morrendo. As pessoas só conseguem falar de si mesmas quando estão diante de um psiquiatra ou psicólogo, o que é intelectualmente inaceitável. O modelo da construção das relações sociais produzido pelo mestre da vida é brilhante. Se as pessoas não aprenderem a falar de si mesmas e a ser autoras da sua história, a indústria de antidepressivos e tranqüilizantes será a indústria mais poderosa do século XXI. E isso já está ocorrendo.

Será que vamos ficar assistindo passivamente à sociedade adoecer coletivamente? É mais fácil ficarmos paralisados, mas os que tomam uma atitude e correm riscos para mudar algo, fazem a diferença. Para os que quiserem algo mais elaborado, o instituto "Academia de Inteligência" estará desenvolvendo um programa nesse sentido.

Treinando-os a trabalhar em equipe

Jesus escolheu pessoas distintas, impulsivas, intolerantes e individualistas para torná-las a melhor equipe de trabalho. Para trabalhar em equipe, elas necessitariam resolver as disputas internas, o ciúme, a inveja, a prepotência, a necessidade de estar acima dos outros.

O individualismo surge naturalmente no desenvolvimento da personalidade. Ninguém precisa fazer esforço ou sofrer influência de outrem para ser uma pessoa individualista e egoísta. Mas para trabalhar em equipe, cooperar em detrimento das diferenças necessita-se de um complexo aprendizado. Na África, belíssimos países são dilacerados por falta desse aprendizado. Tribos se digladiam, se matam, porque não sabem trabalhar em equipe. Não sabem se doar, compreender mutuamente e aceitar perdas para atingir uma meta. Os que querem ser estrelas sempre brilharão sozinhos. Trabalhar em equipe implica em deixar que os outros brilhem.

Aprender a se colocar no lugar dos outros e procurar enxergar o mundo com seus olhos é fundamental para trabalhar em equipe. Quem despreza esses requisitos não aprenderá a ouvir as palavras inaudíveis do coração e não saberá cooperar. Muitos professores não enxergam os conflitos dos seus alunos. Eles só percebem o drama

emocional que eles estão vivendo quando alguns tentam o suicídio ou saem atirando e matando seus colegas. Vivemos numa sociedade que ouve muitos tipos de sons, mas não penetra no segredo dos corações.

Se, a partir de hoje, você perguntar para os jovens mais agressivos ou tímidos o que se passa no interior deles, você estará amando pessoas que não se sentem amadas e ouvindo pessoas que se sentem isoladas. Você prevenirá suicídios e violências. Pelo fato de sentirem-se acolhidas, as pessoas começam a se ouvir e a enxergar seu problema de um modo diferente. Esse é um dos segredos do sucesso de uma psicoterapia eficiente. O paciente pára para se ouvir.

Raramente, os pais e filhos perguntam-se mutuamente quais são seus maiores sonhos e suas maiores frustrações. Ouvir não é escutar. Ouvir é se entregar. Quem nunca construiu uma boa capacidade de ouvir terá uma sociabilidade doente. Fará julgamentos preconcebidos, não saberá ouvir ou falar um não.

Os discípulos de Jesus eram constituídos por um grupo de jovens com péssima habilidade de se relacionar. Mesmo ouvindo eloqüentes palavras sobre amor, eles insistiam em ser individualistas, egocêntricos.

Jesus, querendo que eles aprendessem a cooperar uns com os outros, preparou-os para sair de dois em dois e anunciar o seu plano transcendental. Ele criou um ambiente incomum que treinou múltiplas áreas da personalidade deles.

Nessa ocasião, o mestre dos mestres disse-lhes que eles teriam de sair sem seu apoio, em duplas, sem manual de conduta, sem roteiro, sem provisão de alimentos, sem dinheiro para eventuais necessidades. Eles teriam de depender um do outro, depender das pessoas contatadas e depender de Deus. Mas, sobretudo, eles teriam de depender dos treinamentos realizados por Jesus que estavam registrados como belíssimas sementes nos solos do seu ser. Apreensivos, eles saíram com a roupa do corpo. Que treinamento audacioso!

Deveriam entrar na casa das pessoas, mudar os paradigmas delas e falar de um reino invisível aos olhos dos humanos. Teriam de vender sonhos para um povo faminto e sofrido. Vender aquilo em que criam, mas que não tinham visto. Nada é tão difícil. Se as pessoas têm dificuldade de receber o que é concreto, imagine o que é intangível aos olhos.

No começo, claudicavam, tinham rompantes egoístas. Entretanto, para ter sucesso, cada dupla tinha de conversar, aprender a conhecer os sentimentos uns dos outros, traçar caminhos. Teriam de lidar juntos com as rejeições e críticas. Se fossem rejeitados, eles deveriam agir com doçura. Eles, na sua maioria, foram pescadores da Galiléia, mas agora teriam de ter uma oratória cativante capaz de falar ao coração dos homens, fisgar-lhes a alma. Como fazer a abordagem inicial? Como encantá-los?

O resultado foi fascinante. Jesus alegrou-se muito. Eles trabalharam inconscientemente seu individualismo, rigidez e dificuldade de interação social. Ao mesmo tempo, conquistaram pessoas, compreenderam suas angústias, trouxeram esperança no caos, refrigério nas tempestades.

Treinando-os a superar a compulsão pelo poder e a promover o amor incondicional

Apesar do sucesso desse e de outros laboratórios, os discípulos ainda conservavam a ambição doentia pelo poder, as disputas internas sobre quem seria o maior deles. A ambição é um vírus que jamais morre, dormita. No final de sua jornada, Jesus sabia que eles poderiam ter graves problemas de relacionamento após sua morte se não tratassem seriamente com ela.

Ele não tolheu a ambição dos seus seguidores. Ao contrário, incendiou-a, mas mudou

seu padrão. Era possível que um fosse maior do que o outro. Entretanto, quem quisesse ser o maior deveria aprender a ser servo de todos. Quem tivesse a ambição de ser o maior em seu reino deveria ser capaz de se fazer pequeno para engrandecer os grandes. Com essas palavras, ele chocou a inteligência dos seus discípulos, pois inverteu valores cristalizados em suas mentes. Quem estabeleceu na história tal padrão para formar uma casta de líderes? Os líderes, freqüentemente, querem que o mundo gravite em torno de si. Jamais desejam girar na órbita dos outros.

Nas instituições, os líderes comumente desfrutam do privilégio de ser servido. No treinamento do mestre dos mestres, os líderes devem desfrutar o privilégio de servir. Na sociedade, embora haja exceções, os grandes espoliam os menores e gozam de benesses. No reino do mestre dos mestres, os grandes são espoliados pelos menores.

Para Jesus, quem explora o outro nunca fez um inventário sobre a grandeza da vida que pulsa dentro de cada ser humano. Quem explora o outro é um menino que não compreendeu a dimensão da vida no teatro da existência. Não percebeu que um dia enfrentará a solidão de um túmulo como qualquer miserável à margem da sociedade. Os que querem ser donos do mundo jamais foram donos de si mesmos.

Muitos líderes religiosos, chefes de departamentos de universidades e executivos estão despreparados para assumir o poder. O poder os seduz e os domina, por isso eles dominam e controlam os outros. Infelizmente, entre psiquiatras e psicólogos clínicos, o autoritarismo também existe. Eles assumem uma postura autoritária dentro do consultório, onde nenhum paciente pode questionar sua conduta e suas interpretações. Quem não é capaz de dar o direito para seus pacientes questioná-los não está preparado para exercer essa delicada profissão. Questione respeitosamente quem exerce alguma influência sobre você.

Alguns psiquiatras desprezam o diálogo com seus pacientes porque dizem que eles possuem um déficit de serotonina nas sinapses nervosas que só os medicamentos conseguem resolver. Isso é um absurdo científico. Eles não sabem que a tese do déficit de serotonina é apenas uma hipótese teórica e não uma verdade científica.

Desconhecendo o que é uma hipótese, tratam dos transtornos depressivos, da síndrome do pânico e de outros tipos de doenças psíquicas como verdades absolutas. Os medicamentos antidepressivos e tranqüilizantes são importantes, mas são atores coadjuvantes no tratamento. O ator principal é o "eu", que representa a vontade consciente e crítica de si mesmo.

O objeto de qualquer tratamento é estruturar o "eu" para que ele gerencie as emoções e os pensamentos e se torne o autor da sua própria história, e não vítima dos seus conflitos. Só assim, o ser humano será líder de si mesmo e exercerá seus direitos.

No primeiro livro dessa coleção, disse que Jesus teve um gesto surpreendente para dar as últimas lições aos seus discípulos. Na época, as multidões seguiam-no apaixonadas. Jerusalém fervilhava de gente querendo tocá-lo ou vê-lo, ao menos de longe. Muitos lhe davam um *status* maior do que os imperadores romanos sonharam ter. Ao mesmo tempo em que milhares de pessoas estavam na capital de Israel para se prostrar aos seus pés, ninguém imaginava que ele estava se prostrando aos pés dos seus complicados discípulos. Não cabia no imaginário humano que ele estava produzindo a mais fascinante universidade viva para que seus seguidores soubessem que tipo de líder ele procurava.

Os discípulos estavam ao redor da mesa tomando a última ceia. De repente, ele pegou água e uma toalha e, sem dizer palavra alguma, começou a lavar os pés deles. Eles já o haviam decepcionado tanto e horas depois ele sabia que o decepcionariam ainda mais.

A negação de Pedro feriria a sua emoção, a traição de Judas abriria uma vala em sua alma e o abandono de todos os discípulos geraria uma grande frustração. Mas, apesar de

tanta dor, Jesus estava prostrado aos seus pés, dando a outra face para eles. Ele os amava incondicionalmente. O amor era mais forte que a dor.

O seu gesto deu ura choque de lucidez na emoção de cada um. Cada gota de água que escorria pelos pés, cada crosta de sujeira que removia e cada movimento da toalha produziam fantásticas experiências nos territórios da emoção e nos palcos dos pensamentos dos discípulos. Tais experiências penetraram nos arquivos mais doentios dos solos de suas memórias e reeditaram as disputas internas que havia entre eles e a necessidade compulsiva de um estar acima do outro. As crostas de sujeira eram removidas nos pés e as crostas do orgulho eram dissolvidas na alma. O silêncio de Jesus gritava nos becos do inconsciente dos seus discípulos.

Eles entenderam que o maior é aquele que serve, que o maior é aquele que ama. Entenderam que as pessoas menos importantes socialmente deveriam receber uma atenção especial. Os miseráveis deveriam ter lugar de destaque. Depois da crucificação, quando refletiram sobre o gesto afetivo e desprendido de Jesus, eles nunca mais foram os mesmos.

Ficaram claros de que Jesus era, de fato, controlado pelo amor sobre o qual ele incansavelmente discursou. Ele era um homem fiel às suas palavras. Os discípulos cometeram erros imperdoáveis, mas não foram excluídos, ao contrário, foram tratados como príncipes cujos pés foram lavados suavemente. Como você trata as pessoas que erram? Você os exclui e condena ou os acolhe e valoriza? Somos ótimos para dar chances para quem nos dá retorno, mas péssimos para acolher os aflitos. Alguns não poupam nem seus filhos.

Os gestos eloqüentes de Jesus demonstravam que eles deveriam perdoar sempre, mesmo que as falhas se repetissem ou fossem incompreensíveis. Eles aprenderam valores que até hoje não aprendemos. Compreenderam que os fortes dão a outra face, os fracos reagem; os fortes compreendem, os fracos julgam; os fortes amam, os fracos condenam.

Quando um mestre é surpreendente, as palavras são dispensáveis. Nunca o silêncio foi tão eloqüente.

CAPÍTULO 7

Judas: Antes e Depois do Mestre

Os estágios do desenvolvimento da personalidade de Judas

Judas tinha todas as condições para ser transformado uma boa terra, num dos grandes líderes que mudariam a história a humanidade. Como vimos, os solos que Jesus descreveu na parábola do semeador podem representar quatro estágios do desenvolvimento da personalidade de uma mesma pessoa.

Todos os discípulos, à exceção de Judas, começaram no primeiro estágio. Eram um solo à beira do caminho, possuíam ma personalidade impermeável, inflexível, difícil de ser trabalhada. Judas, pelas características de sua personalidade, começou no segundo estágio. Seu coração emocional tinha pedras, as acolheu rapidamente as sementes plantadas por Jesus e logo Ias nasceram. As raízes eram pequenas e frágeis.

Pouco a pouco, Jesus começou a sofrer forte oposição.

Judas ficou assustado com o ódio dos fariseus. Parecia que isso não estava no programa do enviado de Deus. Algumas vezes, seus opositores o expulsaram das sinagogas; outras, chamaram-no de louco e, ainda outras, pegaram em pedras para esmagá-lo. Judas ficava amedrontado. Experimentava o calor do sol. As raízes frágeis quase não suportavam. Mas o treinamento que Jesus realizava sulcava a terra e permitia que as sementes invadissem áreas mais profundas.

Foi um belo começo. Judas era uma pessoa alegre e realizada. Admirava Jesus. Seus discursos o inspiravam. Seu poder o fascinava. Para ele, o carpinteiro de Nazaré era o grande Messias aguardado por séculos por Israel. Seus milagres, sua oratória e sua inteligência confirmavam isso.

Ele venceu o teste do calor do sol. Judas superou as angústias, as perseguições, as rejeições, as críticas, a fama de louco, pertinentes ao segundo estágio. Ele crescia viscosamente. Desse modo, passou para o terceiro estágio, o do solo espinhoso.

O seu coração parecia um jardim cujas plantas escondiam os rebentos que desabrochariam as flores na mais bela primavera. Mas, sem que ele percebesse, cresciam paralela e sutilmente os espinhos, representados pelas ambições, pela fascinação pelas riquezas, pelas preocupações com a vida.

No início, Judas não tirava os olhos do seu mestre. Ao seu lado, o mundo, embora perigoso, se tornava um oásis. Mas, paulatinamente, ele colocava os olhos dentro de si mesmo. Pensamentos negativos, dúvidas, questionamentos começaram a transitar no palco de sua mente. Infelizmente, ele os represou, nunca os expôs para Jesus. Se você quiser evitar grandes problemas no relacionamento com as pessoas que você ama, fale com elas, trate as pequenas coisas que o perturbam hoje. Pequenos espinhos podem causar grandes infecções.

À medida que dúvidas pairavam dentro de Judas, a sua ansiedade cultivava ervas daninhas na sua alma. Os treinamentos de Jesus já não reeditavam, como nos demais discípulos, arquivos secretos e doentios do seu ser. Judas continuava discreto, mas seus interesses não estavam em sintonia com o homem que ele seguia e admirava.

Os conflitos de Judas

Judas tinha dois grupos de conflitos. O primeiro grupo foi construído ao longo do processo de sua personalidade. Alguns desses conflitos eram controláveis; outros eram controladores. Alguns eclodem na infância; outros, na adolescência e outros, na fase adulta. O problema não é termos características doentes em nossa personalidade, o problema é como as trabalhamos.

Judas era uma pessoa auto-suficiente e não transparente. Essas características não o controlavam nos primeiros dois anos em que andou com Jesus. Nesse período, embora não

entendesse algumas reações dele, Judas tinha convicção de que Jesus era o Messias, caso contrário, o teria abandonado nos primeiros meses.

Controlar nossas características doentias e não deixar que elas se manifestem não quer dizer superá-las definitivamente. Para superá-las, é necessário reescrevê-las nas matrizes da memória. Mais cedo ou mais tarde elas podem ser sutilmente nutridas e eclodir numa fase adulta. A perda de um emprego pode eclodir em uma grande insegurança que estava represada. Um ataque de pânico pode levar a eclodir uma preocupação excessiva com doenças que estava razoavelmente controlada.

Foi isso o que aconteceu com Judas. Ele era o mais dosado dos discípulos, mas apenas controlava suas características doentias. As características doentias dos demais discípulos eram mais visíveis. Elas tumultuavam o ambiente; portanto, era mais fácil tratá-las.

Não é tão fácil tratar de pessoas tímidas. Embora sejam mais éticas e solícitas do que a média das pessoas, ocultam conflitos. Falam pouco, mas pensam muito. Porque elas não se expõem é difícil ajudá-las. A melhor maneira de cultivar os conflitos é escondendo-os. Não tenha medo nem vergonha dos seus conflitos. Desista de ser perfeito. O mestre da vida não exigiu que seus discípulos não falhassem; exigiu, sim, que perdoassem. Nunca suplicou que não falhassem; suplicou, sim, que tivessem compaixão e amor uns pelos outros.

Judas tinha provavelmente menos conflitos do que os demais discípulos, mas era uma pessoa que se escondia atrás de sua ética. Seus parceiros não o conheciam, nem ele mesmo conhecia suas mazelas psíquicas.

O segundo grupo de conflitos de Judas advinha da sua relação com Jesus. Judas ficava perturbado com os paradoxos que o acompanhavam. Jesus contrariava o raciocínio lógico e linear, mesmo dos dias atuais.

Ele revelou uma oratória sem precedente, mas logo depois de deixar as multidões extasiadas com suas idéias, procurava o anonimato. Demonstrou um poder para atuar no mundo físico e solucionar doenças, capaz de deixar atônita a física e a medicina modernas, mas jamais usava seu poder para que o mundo se dobrasse aos seus pés. Ele se dizia imortal, mas comentava que morreria como o mais vil dos mortais pendurado numa trave de madeira. Ele deixou insones os líderes de Israel por causa da sua inteligência, mas não procurava convencê-los a tomar a sua causa.

Nunca alguém tão grande desprezou tanto os aplausos humanos e o poder político. Os olhos tristes de um leproso eram mais importantes para ele do que o mundo aos seus pés. A compaixão por uma prostituta roubava-lhe o coração mais do que uma reunião de cúpula querendo aclamá-lo rei. Quem poderia entender um comportamento desses? Até hoje, milhões de judeus admiram Jesus, mas não o compreendem e não o consideram o Messias.

Na atualidade, grande parte da humanidade diz segui-lo ou estar debaixo dos seus ensinamentos, mas a maioria não conhece essas características da sua personalidade. Sob quaisquer análises: teológica, psicológica, psiquiátrica, sociológica ou filosófica, ele é difícil de ser compreendido, mas, em todas elas, ele foi o mestre dos mestres.

O que me encanta como pesquisador da psicologia e da filosofia não são os milagres estrondosos que ele fez, mas sua capacidade de não perder as suas raízes. Jesus nadou contra a correnteza da intelectualidade. A fama não o seduziu. Diferente da grande maioria das pessoas que dão um salto na fama, ele sempre deu uma atenção especial a cada ser humano. Nos últimos dias antes de sua morte, ele estava famosíssimo. Tinha milhões de coisas com que se preocupar. Mas conseguiu abandonar tudo por causa de um simples amigo, Lázaro.

Jesus era incompreensível para Judas. Nos primeiros tempos, ele foi fonte de alegria, depois se tornou uma fonte de conflitos. Uma pedra de tropeço para as suas ambições.

Judas queria mudar o mundo exterior

Judas queria que Jesus eliminasse todos os sofrimentos de Israel, mas Jesus discursava que não há noite sem tempestades, jornadas sem obstáculos, risos sem lágrimas. Para Judas, o problema da sua nação era o cárcere do império romano; para Jesus, o problema era muito mais grave, era o cárcere da emoção, o cárcere das zonas de conflitos as quais estão nas matrizes da memória. O problema estava na essência do ser humano.

Jesus discorria de múltiplas formas que o ser humano só seria livre se fosse livre dentro de si mesmo, se seu espírito fosse transformado, se a fonte dos seus pensamentos fosse renovada, reescrita.

A decepção com Jesus criou um clima favorável para o cultivo dos espinhos. O entusiasmo, a alegria e os sonhos iniciais foram convertidos em preocupações e ansiedades. Uma competição foi estabelecida no seu interior.

A compreensão sociopolítica do mestre dos mestres era invejável. Marx e Adam Smith poderiam ter aprendido muito se o tivessem estudado. Jesus sabia que somente uma mudança de dentro para fora poderia ser revolucionária. Somente a mudança nos solos conscientes e inconscientes poderia gerar o mais belo florescimento da ética, da solidariedade, do respeito pelos direitos humanos e, principalmente, de um amor mútuo.

Tenho, durante anos, me perguntado por que um discípulo íntimo de Jesus o traiu? Jesus era seguro e honesto; ninguém exalou tanta doçura, gentileza, serenidade. Mesmo nas pouquíssimas vezes em que ele se irou, não agrediu as pessoas, mas o sistema hipócrita em que elas viviam.

Como Judas pôde traí-lo? Na realidade, Judas foi controlado pelos seus conflitos. Antes de trair Jesus fora dele, traiu a imagem de Jesus que ele construíra dentro de si. A imagem que ele construiu de Jesus não batia com a imagem do salvador de Israel que ele inicialmente tinha.

Milhares de pensamentos dominavam o palco da mente desse jovem discípulo. Ele entregou a sua vida por alguém que não compreendia. Creio que ele jamais deixou de admirá-lo, mas nunca chegou a amá-lo. Há mais mistérios entre a admiração e o amor do que imagina nossa vã filosofia.

As lições da escola viva de Jesus ajudaram a personalidade de Judas, mas não podiam fazê-lo amar. Amar é o exercício mais nobre do livre arbítrio. Ninguém controla plenamente a energia do amor, mas pode direcioná-la ou, então, obstruí-la. Judas precisava decidir amar Jesus. Geralmente a obstrução do amor vem pelas frustrações e desencontros. Se ele abrisse seu ser para Jesus, tratasse com seus conflitos, falasse das suas decepções, seria apaixonado pelo mestre da vida. O verdadeiro amor faz com que uma pessoa nunca desista da outra, por mais que ela a decepcione.

Muitos casais se separam não porque não se admirem, mas porque não conseguem falar das frustrações um para o outro. Eles só percebem que o casamento está falido quando um dos cônjuges pede o divórcio. A partir de hoje seja transparente com quem você ama, inclusive com seus filhos e amigos. A falta do diálogo faz com que as pequenas pedras se transformem em montanhas.

Jesus também frustrara os demais discípulos por não atender às suas ganâncias, mas eles o amavam. Não abriam mão dele, por mais que enfrentassem problemas, por mais incompreensível que fosse sua atitude de amar os inimigos e dar um valor inestimável aos que viviam às margens da sociedade.

Judas traiu o filho do homem e não o filho de Deus. Judas não cria que Jesus era o Messias. Um crucificado que dizia que morreria pela humanidade não correspondia às suas

expectativas. Ele procurava um herói. Até hoje muitos procuram um Jesus herói. É difícil entender alguém que despreza o poder e ama as coisas simples e aparentemente desprezíveis.

Judas revela seu coração

Logo antes de Judas traí-lo, aconteceu um fato marcante. A sua notoriedade estava incontrolável. Todavia, ao invés de fazer reuniões políticas ou erguer um grande palco para novos e vibrantes discursos, Jesus estava na casa de um homem famoso por suas chagas: Simão, o leproso. Provavelmente, somente os cães entravam na sua casa e eram seus amigos. Simão estava radiante porque encontrara um outro amigo, Jesus. O homem mais famoso de Israel o privilegiou com sua amizade.

Judas já não tolerava mais a humildade de Jesus, mas entrou lá com os demais discípulos e outras pessoas. O ambiente não era recomendado para pessoas ambiciosas. Que ganho alguém teria por assentar-se à mesa com um homem socialmente repugnado? Foi nessa casa que Judas manifestou, pela primeira vez, o seu coração.

Havia uma mulher de nome Maria. Maria era irmã de Lázaro. Ela o amava profundamente e percebeu mais do que os outros discípulos que Jesus estava vivendo seus últimos momentos. Era difícil acreditar que ele morreria. Seu coração estava partido. Então, ela pegou o que tinha de mais precioso na vida, um vaso de alabastro, que continha um perfume caríssimo e o quebrou e ungiu sua cabeça e pés[(29)]. O valor do perfume era o salário de um ano de um trabalhador, trezentos denários.

Maria talvez nunca mais o visse, mas queria que ele exalasse o perfume do seu amor. Judas observou a cena e condenou publicamente a sua atitude. Era muito dinheiro para ser desperdiçado. Mostrando ética e aparente espiritualidade, disse que o perfume deveria ter sido vendido e o dinheiro entregue aos pobres. Sua reação era um teatro. Ele já roubava dinheiro das ofertas que eram para o sustento da pequena comitiva de Jesus «.

As mulheres são mais espontâneas, solícitas, gentis e dóceis do que os homens. Elas se doam, se entregam, protegem e se preocupam mais com os outros do que os homens, por isso, segundo as estatísticas da psiquiatria, elas se expõem mais e adoecem mais do que eles. Maria amava intensamente Jesus. Não pensou em si, pensou na sua dor, no seu sacrifício. Ela cometeu um ato ilógico, um ato que só o amor pode explicar.

Ela recordou o que Jesus fez por todos os abatidos. Viu mães saindo do caos da tristeza para um oásis de alegria. Viu paralíticos saltando como crianças. Viu leprosos estourando a bolha de solidão. Viu os aprisionados pelo medo voltar novamente a sorrir. Então, comprou um perfume, resultado da economia de uma vida, e o derramou sobre Jesus. O perfume falaria mais do que as palavras.

Judas condenou Maria, parecia que pensava nos pobres, mas pensava em si mesmo. Seu discurso traía seu coração. Dias mais tarde, ele entregou Jesus por trinta moedas de pratas.

Certamente devia ser um preço altíssimo! Mas não. O preço da traição foi cerca de duas a três vezes menor que o perfume de Maria. O preço de um escravo.

O homem que dividiu a história foi traído pelo preço de um escravo. Ele sempre foi um servo. Agora, na sua morte, assumiria o *status* que sempre quis: um escravo da humanidade. Por que Judas o traiu por um preço tão baixo? Porque ele não planejou sua traição. Ele o traiu de última hora, estava perturbado, embora há meses já estivesse em conflito.

Judas era ambicioso, caso contrário, não exigiria preço para traí-lo. Ele já devia ter tido conversas secretas com alguns fariseus. Já não lhe interessava que Jesus vivesse. Um

poeta do amor que corre freqüentes riscos pelos miseráveis jamais quebrará os grilhões de Roma, talvez pensasse Judas. Talvez Barrabás fosse mais interessante do que Jesus.

Alguns relatos das biografias de Jesus comentam que Judas, antes da traição, foi influenciado por forças extra-psíquicas, por estranhas forças espirituais. O que a psicologia pode dizer sobre isso? Nada. Não temos como investigar isso, pois entramos na esfera da fé. Mas podemos afirmar que nenhuma força pode conspirar contra a livre decisão, a livre escolha. Judas traiu Jesus porque quis.

O clima de Jerusalém estava tenso. Jesus já não conseguia andar com liberdade sem ser assediado por grandes multidões. O Sinédrio judaico estava agoniado e o governo preposto de Roma estava confuso. Judas não tinha tempo para pensar, talvez o traísse por qualquer preço. Por quê? Porque Jesus deixou de ser o homem dos seus sonhos. A sua frustração fechou as janelas da sua inteligência.

João Batista aguardou por três décadas o homem dos seus sonhos. Mas bastou pouco mais de três anos para Judas se decepcionar com ele. Judas queria um leão, mas Jesus era um cordeiro. Um animal tão dócil que até quando se despede da vida preserva o silêncio. Se você estivesse naquela época e fosse um seguidor de Jesus, estaria decepcionado com ele? Todos os discípulos, de certa forma, ficaram decepcionados. A cruz era inconcebível e incompreensível.

Quantos não estão decepcionados com Cristo porque, após segui-lo, seus problemas exteriores aumentaram? Quantos não se lembram do mar da Galiléia com saudades? As ondas de lá eram menos tensas do que as turbulências de cá. Quantos não estão decepcionados com Deus porque suas orações não são ouvidas no momento que querem e do jeito que querem?

A análise das biografias de Jesus evidencia que quem procura Deus pelo que ele pode dar pode se frustrar. Quem o procura pelo que ele é encontra a paz, pois consegue segurança no palco do medo, força na fragilidade, conforto nas lágrimas, descanso nas perdas.

Judas tramava traí-lo e Jesus tramava conquistá-lo

Jesus teve a ousadia de confiar a bolsa das ofertas ajudas. Por quê? Ele desejava que Judas revisse a sua história enquanto cuidava das finanças do grupo. A educação de Jesus era ilibada. Ele nunca pediu conta dos erros das pessoas. Nunca inquiriu das prostitutas com quem e com quantos homens elas haviam dormido. Ele jamais acusou Judas de ladrão.

Jesus não tinha medo de perder o dinheiro roubado por Judas, ele tinha medo de perder o próprio Judas. Ele sabia que quem é desonesto rouba a si mesmo. Rouba o quê? Rouba sua tranqüilidade, sua serenidade, seu amor pela vida. O coração de Judas estava doente, não amava nem Jesus nem a si mesmo. Os transtornos de personalidade de Judas, tipificados pelos espinhos, eram seu grande teste.

O homem mais doente não é aquele que tem a pior doença, mas aquele que não reconhece que está doente. O maior erro de Judas não foi a traição mas sua incapacidade de reconhecer suas limitações, de aprender com seu mestre que os maiores problemas humanos estão na caixa de segredos da sua personalidade.

A atitude de Jesus deixa intrigada a psiquiatria e a psicologia. Na última ceia, Jesus anunciou a sua morte e disse, com o coração partido, que um dos discípulos o trairia. Todos queriam o nome do traidor. Jesus não expunha publicamente os erros das pessoas. Portanto, não diria o nome. Eles insistiram. Então, Jesus deu um pedaço de pão ao seu traidor numa cena dissimulada. Ninguém percebeu o que se passava, apenas Judas. Ele o fitou e disse: "O que tem de fazer faze-o depressa" [(31)].

Ele poderia, como qualquer um, dar uma bronca, esbravejar, criticar agressivamente

seu traidor, mas deu-lhe um pedaço de pão. Quem na história teve essa extraordinária atitude? Stalin matou centenas de amigos porque suspeitava deles. Freud baniu amigos do seu meio porque pensavam contrariamente às suas idéias. As pessoas mais éticas expurgam os que se opõem a elas. Mas Jesus deu a outra face ajudas. Amou o seu inimigo.

Jesus tinha medo de perder Judas e não de ser traído por ele.

Judas saiu de cena. Sua mente estava bloqueada. Quem estava obstruindo o mecanismo psicodinâmico que impedia Judas de pensar? A sua emoção tensa e angustiada. Os computadores não têm o fantástico mundo da emoção, por isso são livres para entrar em seus arquivos. O ser humano por ser incomparavelmente mais complexo não tem essa liberdade. A emoção determina o grau de abertura ou fechamento dos arquivos existenciais. A emoção nos liberta ou nos aprisiona. Pessoas lúcidas, incluindo intelectuais, sob o calor das tensões, reagem como crianças.

Há meses a emoção de Judas havia obstruído os principais arquivos de sua memória, comprometendo a construção de cadeias de pensamentos inteligentes. Judas já não era mais livre no teatro da sua mente. Os treinamentos de Jesus já não tinham o mesmo impacto. Ele interpretava seus gestos e palavras com grandes distorções.

O Sinédrio tinha medo de prender Jesus publicamente. O risco de uma revolta popular era alto. Quando Judas apareceu, uma luz se acendeu. Poderiam prendê-lo à surdina, num local isolado. Uma vez preso, poderiam fazer um julgamento precipitado, rápido, sem que as multidões tivessem consciência do que estava ocorrendo. Era uma oportunidade única.

No momento em que houve a traição, houve mais uma prova de que Jesus estava procurando reconquistar Judas. Ele lhe* deu mais uma oportunidade para repensar sua atitude. Judas antecipou a escolta e o beijou. Jesus se deixou beijar. Judas, embora confuso, conhecia um pouco seu mestre. Bastava um beijo para identificá-lo. Sabia que não seria repreendido. Como comentei em outros textos dessa coleção, Jesus teve uma atitude ímpar. Fitou-o e o chamou de amigo.

O mestre dos mestres golpeou-lhe o coração com seu amor. Nunca alguém amou tanto, incluiu tanto, apostou tanto, deu tantas chances a pessoas que mereciam apenas o desprezo. Judas não esperava esse golpe. Ele saiu de cena perplexo.

Quando as pessoas fizeram guerras defendendo o cristianismo, como nas Cruzadas, elas as fizeram em nome de um Cristo imaginário, irreal. O Cristo real foi o que amou seu traidor. O Cristo real foi o que cometeu loucuras de amor por cada ser humano. Foi o que teve coragem de esquecer a sua dor para pensar na dor do outro, mesmo que o outro fosse um carrasco.

Se ele chamou seu traidor de amigo, quem pode decepcioná-lo? Ninguém! Que erro uma pessoa precisa cometer contra ele para fazê-lo desistir dela? Nenhum. Sua personalidade é tão contra a nossa lógica que ela jamais poderia ser uma obra de ficção. Jesus não cabe no imaginário humano.

Morrendo por todos os traidores

Na infância, vi pessoas fazendo bonecos de Judas e espancando-o. Aos olhos dessas pessoas que se diziam cristãs, Judas deveria ser espancado e ferido; mas aos olhos de Jesus, Judas deveria ser acolhido e amparado.

O significado da morte de Jesus perturba a ciência, é envolto num manto de mistérios. Segundo o próprio Jesus, ele estava cumprindo diante de Deus todos os códigos jurídicos e éticos em favor de todos os homens. Os homens poderiam ter dívidas com a sociedade, poderiam estar sujeitos a processos e penas, mas se aceitassem seu sacrifício, não

teriam mais dívidas com Deus. Ele morreu por todos os que falham, erram, negam, traem.

Nesses anos todos exercendo a psiquiatria e pesquisando os segredos da mente humana, descobri que todos nós temos um pouco de Judas em nosso currículo. Quem não é traidor? Você pode não ter traído alguém, mas dificilmente não traiu a si mesmo. Quantas vezes você disse que seria uma pessoa paciente, mas uma pequena ofensa ou contrariedade bloqueou sua inteligência e levou-o à ira? Você traiu a sua intenção. Quantas vezes, depois de um ataque de raiva, você prometeu que se controlaria, mas por fim acabou ferindo as pessoas que mais ama? Você traiu sua promessa.

Quantas vezes você disse que não levaria seus problemas para sua cama, mas por fim sua cama se tornou uma praça de guerra? Você traiu seu sono. Quantas vezes você prometeu que sorriria mais, seria mais bem humorado, leve e livre, mas suas promessas não duraram até o calor dos problemas da segunda-feira? Você traiu sua qualidade de vida. Eu já me traí muitas vezes. É fácil sermos carrascos de nós mesmos.

Tivemos tantos sonhos, mas quantos foram abandonados! Traímos nossos sonhos de infância e juventude. Prometemos lutar por nossos ideais, dar um sentido nobre à nossa vida, dar valor às coisas que realmente têm valor, mas por fim gastamos uma energia descomunal com coisas banais. Raramente fazemos coisas fora da nossa agenda para nos dar prazer, relaxar e encantar. Sofremos por problemas que não aconteceram, nos preocupamos demais com as críticas dos outros, fazemos um cavalo de batalha por coisas tolas. Somos todos traidores. O mestre da vida estava morrendo por todos nós.

Quantas vezes julgamos nossos filhos, amigos, colegas de trabalho, sem perceber que o que eles estão nos dando é o máximo que conseguem naquele momento? Quantas vezes não conseguimos decifrar que as pessoas estão pedindo ajuda e compreensão nos seus comportamentos grotescos, e atiramos pedras? Quantas vezes cobramos das pessoas o que elas não podem dar! Somos punitivos e autopunitivos. Não temos compaixão dos outros nem de nós mesmos.

Quantas vezes traímos Deus? Nós não o vemos, não o tocamos fisicamente. É muito fácil traí-lo. Uns trocam Deus por uma grande soma de dinheiro, outros por uma quantia menor que a de Judas. Uns viram as costas para Ele quando atingem o sucesso, outros o consideram uma miragem quando fracassam ou o culpam pelo que Ele nunca fez.

Quantas vezes vendemos as sementes de Jesus, suas caríssimas palavras, por um preço menor do que uma mercadoria da feira? O amor, a tolerância, o perdão, o acolhimento, o afeto, a compreensão, a capacidade de se doar sem esperar a contrapartida do retorno, a capacidade de pensar antes de reagir são sementes universais, representam o ápice das aspirações humanas. Elas estão no topo das aspirações dos pajés das tribos indígenas, dos líderes das tribos africanas, dos ensinamentos de Confúcio, dos pensamentos de Buda e das melhores idéias dos filósofos.

Jesus sintetizou os desejos de todos os povos de todas as eras, mas muitas vezes desprezamos suas biografias como Judas as desprezou. Não analisamos suas palavras com a profundidade que elas merecem.

Todos sabem que um dia morrerão, que a vida é efêmera. Num instante somos meninos; noutro, idosos. Mas vivemos como se fôssemos imortais. Adiamos a busca da sabedoria. Não perguntamos: "Deus, quem é você? Você é real?". Nós nos preocupamos em tomar o melhor antibiótico quando estamos doentes, em procurar um bom mecânico para consertar o motor do carro e em verificar detalhadamente o saldo da conta bancária, mas não nos preocupamos em desenvolver nossa inteligência espiritual, em buscar Deus de maneira inteligente.

A maioria de nós estava, de alguma forma, sendo representada por Judas. Jesus

estava morrendo por todos os que mancharam a sua história por algum tipo de traição. Judas o estava traindo e Jesus o estava perdoando. Mas um grande problema surgiu. O problema era se Judas seria capaz de se perdoar.

O suicídio de Judas

Jesus queria proteger a emoção de Judas quando o chamou de amigo. Ele estava preocupadíssimo com seu sentimento de culpa. Sabia que o discípulo se torturaria. Nada abala tanto o homem quanto o peso na sua consciência. Nada o perturba tanto quando ele se acha indigno de viver. A crítica dos outros pode ser suportável, mas nossa autopunição pode ser intolerável.

O mestre era um homem seguro e de bem com a vida em situações inóspitas. Ele atravessou os vagalhões da emoção como se estivesse em terra secai Seu amor por Judas não cabe no imaginário humano. Sabia que Judas não era um psicopata que fere e mata sem se sensibilizar com a dor da vítima. Os psicopatas não têm sentimento de culpa. Paulo, o discípulo tardio, tinha uma agressividade e uma violência muito maiores do que as dele. Judas tinha muitos erros, mas era um homem sensível. O sentimento de culpa pela traição seria o maior teste da sua vida.

Se Judas pudesse remover os espinhos e encontrar o perdão e o amor de Jesus, certamente seria uma das colunas entre os mais ilustres cristãos do primeiro século desta era. Ele viu Jesus sendo preso por sua causa. Jesus não se debateu. Mostrou serenidade num momento de agitação. Todos estavam tensos: Judas, a escolta e os discípulos. Só Jesus dominava seus impulsos. Só ele tinha controle da sua emoção.

Judas saiu do ambiente, pôs-se a refletir sobre o comportamento de Jesus e começou a se angustiar. Caiu em si e disse que traíra sangue inocente. Ficou cônscio de que tinha traído o mais inocente dos homens. Uma angústia dramática tomou conta do território da sua emoção. Tal angústia bloqueou os principais arquivos da sua memória. Não conseguia pensar direito. Não conseguia encontrar as sementes de Jesus nos arquivos bloqueados. O perdão, o amor e a compreensão não eram alcançados. Precisava recordar a parábola do filho pródigo, as palavras do sermão do monte, as palavras no ato da traição, mas os fenômenos que constróem cadeias de pensamentos se ancoraram nas matrizes doentias da sua memória. A culpa o controlava.

Quantos, neste exato momento em que estou escrevendo este livro, estão se triturando pelo sentimento de culpa? Acham-se indignos de viver, de existir. Uma dose leve de sentimento de culpa pode gerar reflexão e mudança de rota. Mas uma dose alta pode gerar autodestruição.

Judas não suportou. Pensou em morrer. Para ele, não haveria lugar nesta terra para um traidor, ainda mais o traidor do mestre dos mestres. Ninguém o compreenderia. Ele não suportaria conviver com seu erro. Ledo engano! Se ele usasse a mesma coragem que teve para trair para reconhecer seu erro e se arrepender, corrigiria a sua trajetória e brilharia. Não daria para mudar o destino de Jesus, até porque ele morreria de qualquer maneira, mas ele mudaria o seu destino.

Quando o mundo nos abandona, a solidão é suportável, mas quando nós nos abandonamos, a solidão é quase insuperável. Nunca devemos nos autoabandonar. Judas se abandonou. Não se perdoou. Desistiu de si mesmo. Suicidou-se. Mas ele queria matar a sua vida? Não!

Ninguém que pensa em suicídio ou que pratica atos suicidas quer exterminar a existência, mas quer exterminar a dor que solapa a sua alma. Em vários dos meus livros, tenho comentado que o conceito de suicídio na psiquiatria está errado. Quem pensa em

suicídio tem fome e sede de viver. Um pensamento sobre a morte é sempre uma manifestação da vida, é a vida pensando na morte.

A consciência não consegue pensar na inconsciência absoluta. A consciência não atinge, através do mundo das idéias, o nada existencial. Nenhum ser humano pensa em dar fim à sua vida, mesmo quando atenta contra ela. O que se deseja é dar fim ao sentimento de culpa, solidão, ansiedade, crise depressiva.

Há poucos dias, uma jovem tentou o suicídio. Aflita, ela me procurou. Disse que tinha pensado, durante anos, em morrer. O motivo? Disse que seus pais não a compreendiam, não conseguiam entrar no mundo dela. Pagavam escola, davam-lhe roupas, mesadas e cobravam muito dela, mas não a conheciam. Ela queria que eles conversassem com ela sobre seus sonhos, suas dores, suas crises. Mas eles só conseguiam corrigir os erros, dar-lhe broncas. Então, tentou o suicídio tomando vários remédios. Queria que, quando morresse, as pessoas pensassem nela. Sentia uma grande carência.

Tive uma conversa séria e honesta com ela. Comentei que ela jamais deveria destruir sua vida por nada e por ninguém. Disse-lhe que se matar é a atitude mais frágil diante dos obstáculos da vida. Falei que nada é tão indigno quanto tirar a própria vida. Ela devia usar sua dor, não para destruí-la, mas para torná-la mais forte. E afirmei que, no fundo, ela tinha fome de viver. Como muitos pacientes, ela deu um salto emocional. O sorriso voltou à cena na primeira consulta.

Quem se suicida provoca cicatrizes na alma dos que o amam. E possível superar a mais longa noite e transformá-la no mais belo amanhecer. Não há lágrima que não possa ser estancada, ferida que não possa ser fechada, perda que não possa ser enfrentada e culpa que não possa ser superada. Os que transcendem seus traumas e seus erros ficam belos e sábios.

Aprenda a se perdoar. Não tenha medo da dor. Jamais se esqueça das sementes do mestre da vida.

CAPÍTULO 8

Pedro: Antes e Depois do Mestre
- O Processo de Transformação

A transformação da personalidade de Pedro

Seu coração psicológico podia ser comparado ao solo à beira do caminho. Era rude, compactado, inflexível e sem grande cultura secular. Era impetuoso, irritado, tenso e especialista em reagir antes de pensar. Apesar de Judas Iscariotes ter uma personalidade mais recomendada que a dele antes de conhecerem o mestre dos mestres, havia uma grande diferença entre ambos. Pedro era simples e transparente. Não dissimulava seus comportamentos; o que ele pensava exteriorizava.

Sua mente era um livro aberto. Sua emoção era instável, mas sincera. Era fácil descobrir o que estava por detrás das suas intenções. Ao contrário, era difícil saber o que se passava por detrás da cortina de gentileza e ética de Judas.

Pedro atropelava Jesus com freqüência. Dizia coisas sem sua permissão. Colocava-o em situações difíceis, mas suas reações eram carregadas de ingenuidade e não de maldade. Ele repetia os mesmos erros com freqüência, porque não sabia se controlar.

Era hiperativo ou hipercinético. A psiquiatria precisa avançar na compreensão da hiperatividade. Tenho pesquisado muito sobre esse assunto.

As crianças ou jovens hiperativos possuem uma energia fenomenal. Como os portadores da hiperatividade têm intensa SPA, o palco de suas mentes está sempre ocupado com seus próprios pensamentos. A conseqüência disso é que eles não se concentram, são dispersivos, não pensam nas conseqüências dos seus comportamentos, não refletem sobre suas dores, perdas e frustrações e, por isso, repetem os mesmos erros com freqüência. Devido ao transtorno que causam, raramente alguém tem paciência com os portadores de hiperatividade, mas se a emoção deles for educada, eles podem se tornar seres humanos brilhantes. Pedro, como todo jovem hiperativo, era vítima da ação do gatilho da memória, que é um fenômeno inconsciente que abre em milésimos de segundos os primeiros arquivos diante de um estímulo. O gatilho da memória produz as respostas imediatas, que devem ser lapidadas. Mas as pessoas hiperativas não as lapidam, as exteriorizam. Quando ofendido, Pedro rebatia sem analisar. Quando questionado, a resposta estava na ponta da língua sem grandes reflexões.

Era tão rápido, que não titubeou em dizer que jamais negaria a Cristo. Era tão impulsivo que não pensou duas vezes antes de cortar a orelha de um soldado que se aproximou de Jesus para prendê-lo. Ele não analisou que havia uma grande escolta e que seu ato poderia provocar conseqüências imprevisíveis naquela noite, inclusive uma carnificina.

Pedro parecia um homem de extrema coragem, mas como não se interiorizava, não conhecia seus limites. Ele só cortou a orelha do soldado porque se apoiava na grandeza de Jesus.

Quando Jesus deixou seus atos sobrenaturais e optou pelo silêncio, sua força se evaporou no calor das dificuldades.

Dentre os que andaram com Jesus, ninguém errou tanto quanto Pedro. Mas havia uma qualidade nele que sempre habitou nos grandes homens. Não tinha medo de errar, de chorar, de se entregar para aquilo em que acreditava, de correr riscos para conquistar seus sonhos. Era rápido para errar e rápido para se arrepender e retornar ao caminho.

Descobrindo os segredo de aprender

Pedro não era um intelectual, um homem de notório saber, mas tinha uma característica dos grandes pensadores: uma exímia capacidade de observação. Muitos universitários não têm essa capacidade, por isso são meros repetidores de informações. Entre os cientistas, quem não desenvolve essa capacidade não terá chance como pensador.

Pedro fitava deslumbrantemente seu mestre. Os laboratórios de Jesus causaram-lhe uma verdadeira revolução na colcha de retalhos da sua personalidade. Cada vez que Jesus abraçava uma criança e dizia para os seus discípulos que se eles não fossem como ela jamais entrariam no seu reino, Pedro ficava intrigado e pensativo. Ele, talvez, fosse o mais velho dos jovens discípulos, mas era o que mais se colocava como uma criança diante do seu mestre.

Por ser um grande observador, ele, paulatinamente, descobriu o segredo da arte de aprender. O segredo era se esvaziar dos preconceitos e paradigmas, não ter medo do novo, não ter receio de explorar o desconhecido. Entendeu que devia se colocar como uma criança que se expõe singelamente diante do mundo que a cerca. Quem não consegue se esvaziar das suas verdades não consegue abrir as possibilidades dos pensamentos. Judas não soube aprender essa lição.

Um cientista que perde sua capacidade de se esvaziar e de se colocar como uma criança aventureira diante do desconhecido torna-se estéril de novas idéias. Você tem cultivado essa capacidade? Muitos não conseguem brilhar no trabalho porque pensam e reagem sempre do mesmo jeito. Suas mentes estão engessadas. Muitos não conseguem conquistar seus filhos, cônjuge e amigos porque dão as mesmas respostas para os mesmos problemas, não os surpreendem.

Jesus encantava a todos porque sempre tinha novas respostas. Ele era capaz de falar eloqüentemente de Deus sem mencionar a palavra "Deus". No seu encontro com a mulher samaritana, ele deixou-a fascinada comentando os segredos da felicidade, do prazer inesgotável. Ela não teve dúvidas, saiu do ambiente e começou a divulgá-lo. Quem dele se aproximava ficava estarrecido com sua capacidade de argumentação e perspicácia.

Jesus procurava não facilitar a compreensão dos seus discípulos, falava em código, por parábolas e por sinais. Era necessário mais que o exercício da lógica para entendê-lo, era necessário aprender a pensar e a compreender a linguagem da emoção. Pedro, embora fosse agressivo e impulsivo, aprendeu essa nobilíssima linguagem. Ele não apenas admirou muito seu mestre, mas também o amou intensamente. Isso fez toda a diferença na sua vida.

Mais tarde, quando já era um homem de idade avançada, talvez trinta anos depois da morte de Jesus, ele escreveu a sua primeira carta, epístola. Nela, ele revela a grandeza do seu aprendizado. Um pescador se tornou um grande pensador.

Sintetizando a sua própria história, ele disse nessa carta que devemos ser como crianças que anelam o genuíno leite espiritual. Pedro jamais deixou de aprender, nunca deixou de ter o coração de uma criança. As palavras de Jesus ainda estavam frescas no território de sua emoção. As sementes, plantadas há tanto tempo, ainda davam belos frutos, mesmo em meio às turbulências e perseguições que sofria.

O Pedro inquieto e indisciplinado brilhou no escuro da dor. Ele foi um poeta da vida em tempos de angústia. Sua carta foi escrita um ano antes de Nero, em 64 d.C, provocar uma grande perseguição entre os cristãos. Numa época de temor, o amor prevaleceu. Numa época de loucura, a sabedoria floresceu.

Nero provocou um incêndio criminoso em Roma e culpou os cristãos. Queria um pretexto para eliminá-los. Foi inumano e violento porque sabia que havia uma chama inapagável no coração dos seguidores de Cristo. Homens e mulheres tornaram-se pasto de leões no Coliseu. As lágrimas rolavam pelos vincos do rosto, mas quem pode destruir o

amor? Quanto mais eles eram perseguidos, mais amavam.

Um grande amigo de Jesus

Jesus tinha um cuidado especial com Pedro. Sabia que ele era precipitado, mas sabia também que ele era sincero, translúcido. Apesar de seu comportamento ansioso, Jesus confiava nele. Fico fascinado com o fato de Jesus expor o seu coração a uma pessoa tão despreparada. Os seus segredos mais íntimos foram compartilhados com Pedro e os irmãos Tiago e João.

Cada gesto de confiabilidade de Jesus tornava-se o mais excepcional treinamento interpessoal que um mestre poderia realizar no cerne da personalidade de um discípulo imaturo. Confie nas pessoas difíceis. Revele seu coração para elas. Não desista delas mesmo quando tiver motivos. Um dia você se surpreenderá com os resultados.

Se Pedro vivesse nos dias de hoje, as escolas clássicas o expulsariam. Ele não pararia um minuto na carteira. Não conseguiria se concentrar e registrar informações. Perturbaria o ambiente, distrairia seus amigos, teria inúmeras conversas paralelas. As aulas sem sabor emocional não o cativariam. Provavelmente, ele pularia as janelas e os muros da escola que freqüentasse. Os seus professores iriam querer vê-lo a milhas de distância de sua salas.

Nos dias de hoje, Pedro não teria chance de ser um grande homem. Mas como viveu há muito tempo e encontrou o mestre dos mestres, sua vida deu uma guinada. Jesus investiu solidamente nele. Treinou continuamente sua personalidade, levou-o a trabalhar a tolerância, a usar seus erros para educar sua emoção e a estimular sua arte de pensar. O resultado? Ele se tornou um dos homens que mais brilhou na história da humanidade. Foi útil para Deus e uma dádiva para os homens.

Como Jesus lapidou a hiperatividade e a ansiedade de Pedro? Aproveitando as próprias enrascadas que ele mesmo criava. Certa vez, quando perguntado por funcionários a serviço de Roma se seu mestre pagava imposto, Pedro disse que sim sem perguntar a Jesus. Jesus, paciente, enviou-o a pescar. Disse-lhe que, no primeiro peixe que fisgasse, encontraria uma moeda que serviria para pagar imposto para eles.

Pedro não tinha paciência de pescar com vara. Ele gostava da aventura no mar. Pescar com vara era um exercício para sua paciência e encontrar uma moeda na boca de um peixe era um exercício para sua fé. Parecia algo impossível. Enquanto pescava, ele questionava sua impulsividade, devia perguntar-se: "Por que sou tão precipitado?", "Da próxima vez, fecho minha boca". Por fim, pescou um peixe que tinha a tal moeda e aprendeu uma grande lição: pensar antes de reagir. Essa lição não foi definitiva, mas foi um bom começo para quem vivia a lei do "bateu-levou".

Pedro falhou muito, mas se tornou um grande amigo do mestre da vida. Os miseráveis sempre o amaram mais do que os que se achavam justos aos seus próprios olhos. Os que falharam e tiveram a coragem de reconhecer suas fragilidades não eram colocados em segundo plano, mas cultivavam um íntimo relacionamento com ele. Os últimos se tornaram os primeiros. Eles tiveram o privilégio de ver a grandeza e a humildade de Cristo. Seu poder e suas lágrimas.

Negando o seu mestre

Jesus disse reiteradas vezes que partiria. Seria preso, torturado e crucificado. Como pode alguém que desarma a mente de qualquer opositor morrer de modo tão vil? Como pode alguém que discursa sobre a eternidade terminar sua vida pendurado numa trave de madeira? Para Pedro, isso parecia uma miragem. Mas, à medida que Jesus se aproximava do seu fim, ele pressentiu que o perderia. Estava inconsolado. Não compreendia que a cruz não

era uma fatalidade, mas o desejo do seu mestre.

O carpinteiro da emoção esculpiu o amor na alma de um jovem pescador. O pescador aprendeu a amar. Amou intensamente o carpinteiro e as pessoas que o cercavam. O amor entre o carpinteiro e o pescador representava a mais bela sinfonia de vida, transcendia a sexualidade e os interesses humanos. Pedro, talvez, morreria pescador se Jesus não o tivesse encontrado. Ao encontrá-lo e andar com ele, Pedro viu o mar, as estrelas e a humanidade de um modo diferente. A vida ganhou um novo sentido. O tédio diluiu-se, a mesmice dissipou-se. Os problemas externos aumentaram, mas a alegria multiplicou-se e a paz alçou ondas inimagináveis.

Andar com Jesus era uma aventura maior do que viver no mar. Diariamente havia coisas novas. Quando Jesus insinuou a grande despedida na última ceia, uma tristeza aguda abarcou a emoção de Pedro. O teatro da sua mente foi invadido por pensamentos sombrios.

Jesus caminhou para o jardim do Getsêmani e seus discípulos, inconformados, o acompanharam. Comentei esse assunto em outros textos na perspectiva de Jesus, agora preciso comentá-lo na perspectiva dos discípulos. A voz deles estava embargada, mas a mente não parava de pensar e roubar energia do córtex cerebral, produzindo um desgaste enorme, uma fadiga intensa. Em poucas horas eles gastaram mais energia do que em dias de trabalho braçal extenuante.

No Getsêmani, Jesus chamou em particular a Pedro, Tiago e João. Subitamente, o mestre falou algo incomum: comentou sobre sua dramática dor emocional. Permitiu que eles vissem suas reações de estresse. Os olhos desses jovens viram um espetáculo único. Os capilares de Jesus estouravam na periferia da pele produzindo um suor sanguinolento. Quantos pensamentos não passaram na mente de Pedro? Jesus angustiado, sofrendo, com o coração palpitante? Impossível!

Ele observava os gemidos do mestre dos mestres e as orações suplicantes ao seu Pai e ficava cada vez mais perplexo. O mestre imbatível chorava diante do caos. Jesus enfrentou o mundo, como pede para que seja afastado dele o cálice? Que cálice era esse? Que fuga era essa? Pedro começou a negar Jesus nesse momento. Ele não compreendia que Jesus clamava para que seu Pai afastasse não o cálice da cruz, mas o cálice da sua mente, ou seja, os pensamentos antecipatórios sobre o cálice da cruz que dilaceravam sua emoção.

A fadiga desse jovem discípulo aumentou ainda mais. Seu cérebro, para evitar um colapso e economizar energia, provocou-lhe sonolência. Acabaram-se suas reservas. Pedro dormiu juntamente com Tiago e João. No momento em que Jesus mais precisava deles, eles não conseguiram estar alerta.

Ao ver seu mestre preso, Pedro ainda mostrou alguma força, mas já cambaleava. O silêncio de Jesus o amedrontou. Os discípulos fugiram, Pedro apenas manteve distância. Disfarçadamente, penetrou no pátio do Sinédrio. Ele não imaginava que, ao mesmo tempo, entraria no pátio da sua emoção, passearia pelas vielas do seu medo e viveria o mais intenso treinamento da sua personalidade.

Jesus era questionado, mas nada respondia. O silêncio de Jesus ecoava como uma cascata nos becos da sua alma. As sessões de espancamento ferindo o seu rosto eram um espetáculo de terror. Não é possível pensar sem romper os grilhões do cárcere do medo. O medo irracional é o maior ladrão da inteligência. Uma barata pode se tornar um gigante, uma taquicardia pode gerar a falsa impressão de enfarto, um elevador pode se tornar um cubículo sem ar. O medo traz à luz os monstros.

Pedro reagia por instinto. Seu cérebro clamava para que ele saísse de cena, mas o medo e o conflito existencial que atravessava foram tão intensos que o paralisaram. Quando questionado, ele o negou. Questionado pela segunda vez, ele o negou novamente. Na

terceira vez, ele foi longe demais: "Eu não conheço esse homem! Nunca andei com ele! Não faço a mínima idéia de quem seja!" Horas antes, ele jurou que morreria com Jesus; agora, Jesus era um estranho para ele.

No livro "O Mestre dos Mestres", vimos que, quando ele o nega pela terceira vez, Jesus se esquece da sua dor e o acolhe com o mais sublime olhar. O carpinteiro e o pescador se reencontraram num dos olhares mais belos da história. Jesus estava ferido, com inúmeros hematomas e encontrava-se afastado. Não havia possibilidade de falar com Pedro e consolá-lo. Mas quando as palavras lhe faltaram, ele falou com os olhos. Falou que compreendia a sua fragilidade, que em hipótese alguma o esqueceria, que o amaria para sempre ainda que ele o negasse inúmeras vezes.

O olhar de Jesus desbloqueou a mente de Pedro como a mente de muitos incautos na história. Pedro caiu em si. Saiu de cena e foi chorar. Chorou amargamente. Ninguém poderia consolá-lo. Cada gota de lágrima foi uma lição de vida. Cada gota de lágrima irrigou a sua capacidade de refletir. Ele não acreditava no que tinha feito. Nunca se vira tão frágil. Jamais traíra seus sentimentos.

Morrendo por todos os que o negam

Todos nós estamos, de alguma forma, representados na história de Pedro. Jesus não apenas o acolheu, mas acolheu a todas as pessoas que são controladas pelo medo, que não conhecem seus limites, que reagem sem pensar nos focos de tensão.

Quem não tem atitudes como as de Pedro? Quem é plenamente fiel à sua consciência em todos os momentos de sua história? Quem não é escravo do seu medo quando está doente ou correndo risco de morrer? Quem não é controlado pela ansiedade quando ofendido, ameaçado, pressionado? Quem não nega a sua segurança e as suas convicções diante das tempestades da vida?

Desconfie das pessoas que se julgam fortes. Todos temos nossos limites. Muitos que se julgam estáveis e seguros não suportam situações imprevisíveis. Uma crise financeira é capaz de roubar-lhes a tranqüilidade. Um fracasso os deprime. Uma crítica os leva a reações intempestivas. Uma doença os desola.

Pedro era ansioso, mas não volúvel. Seu caráter era sólido. Seu erro foi muito grave, mas ele negou Cristo porque o medo era intenso, obstruiu as janelas da sua inteligência. Se vivêssemos naquele tempo, muitos de nós não cometeríamos esse erro porque não teríamos coragem de entrar naquele pátio.

Dois grandes erros e dois destinos

Pedro não cometeu erros menos graves do que os de Judas. Judas o traiu por trinta moedas de prata e Pedro o negou contundentemente para três pessoas de baixa posição social. Na terceira vez que Pedro o negou, ele disse palavras que não foram escritas nos evangelhos, mas os autores apontaram a sua seriedade[1]^. Um traiu, outro negou. Os dois erros foram grandes e graves.Todavia, eles geraram dois destinos. Vejamos.

Ambos choraram intensamente. Ambos tiveram um dramático sentimento de culpa. Pedro amava intensamente a Jesus e Judas o admirava fortemente. O amor de Pedro resistiu ao drama da culpa e a admiração de Judas sucumbiu a ela.

Pedro recordou que Jesus disse que ele o negaria e Judas, que ele o trairia. Pedro foi alcançado por um olhar de Jesus. Judas teve um privilégio maior, Jesus o chamou de amigo no ato da traição. Pedro compreendeu o olhar de Jesus. Judas não compreendeu a palavra "amigo". Judas não compreendeu sua compaixão. O resultado?

Pedro se perdoou, Judas se puniu. Cada gota de lágrima que Pedro derramou

produziu uma amarga lição de vida e cada gota de lágrima que Judas derramou produziu um amargo sentimento de culpa. A dor de Pedro arejou sua emoção, o fez compreender a sua fragilidade. A dor de Judas sufocou sua emoção e tornou-o uma pessoa indigna.

Judas cortou relações sociais com todos. Pedro não se isolou diante da sua dor. Ele teve a coragem de contar aos seus amigos o seu erro. Por isso, sua negação foi comentada nos quatro evangelhos e foi alvo de inúmeras conversas entre os primeiros cristãos. Todos se viram em Pedro. A sua história revela um homem que aprendeu a ser grande por enxergar a sua pequenez. Somente os grandes homens enxergam o quanto são pequenos.

Semanas mais tarde, após a morte de Jesus, Pedro teve reações inusitadas. Ele havia negado Jesus para pessoas simples, mas o livro de Atos revela que ele se levantou e falou publicamente para milhares de pessoas sobre seu amor por ele. Ele incendiou o amor das pessoas pelo seu mestre.

Após esse fato, Pedro foi preso diversas vezes, mas não o negou. Esteve diante dos mesmos homens do Sinédrio que espancaram Jesus, mas, dessa vez, foi seguro e eloqüente. Ele os fitou e disse que Jesus tinha ressuscitado, que ele vencera o inimaginável, o caos da morte.

A superação da morte de Jesus é uma notícia maravilhosa, mas entra na esfera da fé, transcende a investigação da ciência. Extrapola a análise proposta por essa coleção. O meu ponto aqui é ressaltar que, após a morte de Jesus, o Pedro tímido e amedrontado se converteu num homem destemido, imbatível.

Se Pedro não tivesse negado Jesus, talvez ele não tivesse reeditado algumas áreas doentias da sua personalidade. Todavia, após ter conhecido seus limites e aprendido a chorar, seu espírito humano foi preenchido com um amor indecifrável. Esse amor penetrou em cada área da sua alma e o transformou pouco a pouco num homem dócil, amável, gentil, tolerante.

As duas cartas que escreveu no final de sua vida refletem [a] sua mudança. Revelam um pensador sensível, arguto e afável.

Ele comentou nos seus escritos que devemos nos amar ardentemente com um amor não fingido[(33)]. Ele disse que devemos nos despojar de toda inveja, maldade e dolo. Comentou algo surpreendente, que Jesus vivia no secreto do seu ser. E foi mais longe, disse que a dinâmica das relações sociais deve mudar, que não devemos pagar mal por mal, injúria por injúria.

A emoção de Pedro destilava sensibilidade. No final da sua primeira carta, ele enumerou princípios do que é ser um verdadeiro líder. Ele assimilou as palavras do mestre dos mestres, por isso disse que os líderes não deveriam controlar as pessoas, nem ser gananciosos e ansiosos, mas modelos de humildade, sobriedade, ânimo, mesmo diante das turbulências da existência. E terminou como o mais poético dos escritores: "Saudai-vos uns aos outros com um beijo (ósculo) de amor. Paz para todos os que se acham em Cristo".

Na sua juventude, Pedro era um homem que não admitia desaforos. Era difícil enxergar sensibilidade nos seus gestos. Ele era capaz de usar a espada se fosse contrariado. Mas o jovem irritado e insensível transformou-se num poeta da solidariedade. Ele termina sua mais longa carta sem críticas, cobranças, apontamento de defeitos. Termina se despedindo de forma sublime, com beijos.

Distribuiu beijos para todos: para os pobres, para os ricos, para os éticos, para os errantes, para os adultos, para as crianças. Seus beijos tinham uma característica a mais, eram beijos de amor. Quão longe estava esse Pedro do Pedro individualista e agressivo dos tempos em que enfrentava o mar. Jesus revolucionou a sua vida.

Nunca o amor curou tanto as feridas da alma. Nunca alguém aprendeu tanto tendo tão

pouco. O apóstolo Pedro se tornou também um mestre da vida.

CAPÍTULO 9

João: Antes e Depois do Mestre
- O Processo de Transformação

A transformação da personalidade de João

Todos têm um conceito de que João foi o mais dócil dos discípulos, o que não corresponde à realidade. Ele se transformou, ao longo da vida, num ser humano repleto de amor, mas, antes de encontrar Jesus e durante a sua caminhada com ele, sua emoção flutuava como um pêndulo. João era um adolescente. Tinha momentos de brandura alternados com reações de intensa agressividade. Tinha momentos de simplicidade alternados com intolerância. Ele foi o único que propôs excluir os opositores.

Jesus tinha especial apreço pelas pessoas complicadas. Ele declarou que tinha vindo para os doentes. Mas queria lapidar a personalidade deles e fazê-los pensadores. João, como Pedro, tinha graves defeitos na sua personalidade. Não há indícios de que era hiperativo, mas há evidências de que era tenso, explosivo e não sabia lidar com contrariedades. Também, à semelhança de Pedro, entre as suas principais características se destacavam a transparência e a sinceridade. Ele não sabia esconder seus sentimentos. Não maquiava os segredos da sua alma.

Tinha enorme capacidade de observar detalhes. Fotografava os comportamentos de Jesus nos solos da sua memória como um fotógrafo profissional que observa a luz, sombra, espaço. Desde cedo, percebeu que Jesus não tolerava agressividade. Embora fosse vítima do gatilho da memória e, conseqüentemente, desse respostas rápidas e impensadas, entendeu que seguir Jesus exigia um preço da inteligência. Tinha de aprender a arte do perdão, a suportar críticas, a receber "não", a enfrentar injustiças.

João já recebera algumas lições de sua mãe e de seu pai, Zebedeu. A sua pequena indústria de pesca era reflexo de um homem bem sucedido. João, como seu irmão Tiago, já havia experimentado o gosto do sucesso. Eram ambiciosos. A certa altura da trajetória com Jesus, eles revelaram sua ambição. Para surpresa de Jesus, eles enviaram sua mãe como porta-voz para pedir que no reino dele um se assentasse à sua direita e outro à sua esquerda.

Eles não entendiam que o reino de Jesus era em outra dimensão, não pertencia a este mundo físico. Eles achavam que Jesus assumiria o reino de Israel. Nesse eventual governo, eles desejavam os primeiros lugares. Os demais cargos seriam preenchidos com o resto dos discípulos.

Jesus, admirado, disse que eles não sabiam o que pediam. Indagou se eles poderiam beber o cálice que ele beberia, que era o seu martírio. Precipitados, eles disseram que sim. Provavelmente, pensaram que esse cálice era um cálice de vinho com que brindariam a vitória do seu mestre.

Os discípulos tinham grande dificuldade de entender a mensagem de Jesus. Mas, revelando uma paciência incomum diante de erros grotescos, Jesus não desistia deles e, quando os repreendia, fazia-o com brandura. Pouco a pouco o artesão da alma esculpia uma obra-prima nesses jovens incautos.

Todo grande líder estimula seus liderados a fazer grandes coisas, mas ninguém deseja ser superado. Todo grande mestre ensina esperando que seus discípulos se igualem a ele, mas nunca que o ultrapassem. O comportamento de Jesus nessa área é magnífico. Ele foi tão desprendido de poder que disse que, após a sua morte, eles fariam obras maiores do que as que ele tinha feito.

Ele desejava que João e os demais discípulos tivessem a mais legítima e sólida ambição, ambição de amar as pessoas intensamente, aliviá-las e ajudá-las a compreender

que elas são especiais para Deus, independentemente da sua falibilidade, dificuldades e condição social.

João ficava estarrecido com o cuidado carinhoso de Jesus com as pessoas. Ele tratava os miseráveis com a mesma atenção com que tratava os líderes de Israel. Ele era capaz de parar uma multidão só para conversar com uma mulher que há anos sofria de hemorragia. Ele interrompia a comitiva e estendia as mãos para os mendigos como se eles fossem as pessoas mais importantes do mundo. Cegos, paralíticos, leprosos tinham seu dia de príncipe ao encontrar-se com o mestre da vida. A humanidade de Jesus produzia laboratórios que chocavam a emoção restrita de João.

Os fariseus diziam que Jesus era um louco, ameaçavam prendê-lo e matá-lo, mas Jesus não turvava as águas da sua emoção, tratava-os com mansidão. Ao invés de enxotá-los, contava-lhes uma parábola para abrir as janelas da sua inteligência. João bebia continuamente da afetividade e sabedoria de Jesus.

As matrizes doentias do seu inconsciente foram reescritas lentamente, mas consistentemente. No começo da sua jornada, ele pediu a Jesus para eliminar os opositores. Dar a outra face não estava registrado no dicionário da sua vida. Aos inimigos, a punição exemplar. Mas o tempo passou e ele foi contagiado pelo amor de Jesus.

Ele começou a enxergar as pessoas com os olhos do coração. Olhava-as além da cortina dos seus comportamentos. Passou a entender que, por detrás de uma pessoa agressiva, falsa, arrogante, havia alguém em conflito, que teve uma infância infeliz. Desse modo, a intolerância foi dando espaço à gentileza. O julgamento precipitado foi dando lugar à compreensão. A indiferença foi substituída pela sublime preocupação com a dor dos outros.

Aos meus amigos: um grande presente

Ao final de sua jornada com Jesus, João conheceu a fonte do mais excelente dos sentimentos. No último jantar, percebendo que seu mestre estava triste com sua partida, teve um gesto incomum na frente dos seus amigos. Reclinou sua cabeça sobre o peito de Jesus. Jamais reclinaria a cabeça no peito de um homem, a não ser que estivesse morto. Mas o jovem impetuoso aprendeu rapidamente as lições de amor.

Sob o peito de Jesus, João estava agradecendo silenciosamente tudo o que Jesus tinha sido para ele. Revelou um amor que ultrapassava os limites da racionalidade. Ele não poderia voltar para o mar da Galiléia. O mar não teria o mesmo sabor, as ondas não provocariam a mesma alegria. Ele tinha aprendido a navegar em outras águas, nas águas da emoção. Com Jesus, ele poderia enfrentar dificuldades maiores do que as tempestades no mar, mas sua vida só teria sentido se estivesse ao lado do seu mestre.

Aprendeu que não é o tamanho das tempestades que determina a solidez da segurança, mas a solidez do abrigo. Jamais se sentiu tão protegido como com seu mestre. Provavelmente, pela primeira vez sentiu que valia a pena correr riscos para transformar os mais belos sonhos em realidade.

Na juventude, os discípulos de Jesus foram ensinados a competir, a lutar pelos seus próprios interesses, a tirar vantagem de tudo, a pensar primeiro em si e depois nos outros. Todavia, eles conheceram um vendedor de sonhos. O vendedor de sonhos era um excelente educador. Colocou-os em situações imprevisíveis. Expôs as máculas de suas personalidades. Cuidou das feridas de suas almas. Por fim, vendeu-lhes o sonho do amor incondicional.

Após o último jantar, ele saiu do ambiente. A noite era fria e densa, mas algo queimava no seu interior. As suas últimas palavras tinham sido eloqüentes. Não pedira atos heróicos nem exigido gigantismo e perfeição, mas apenas que permanecessem no seu amor.

E completara dizendo que a única coisa que os faria ser reconhecidos como seus discípulos era o amor pelos outros. A marca de uma nova vida não era dada pelo sucesso das conquistas e eloqüência das palavras, mas pelo amor uns pelos outros. Sem tal amor, tudo o que fizessem não teria tempero e realidade. Seria seco e sem vida.

E continuou. Disse que não considerava seus discípulos seus servos, pois um servo desconhece o que está oculto no pensamento do seu senhor. Ele os considerava seus amigos, pois os amigos sabem o que está no coração um do outro. Ele fez dos jovens galileus seus amigos íntimos. Confirmou isso dizendo que não há maior amor do que dar a sua própria vida em favor dos seus amigos.

Através dessas palavras, deixou uma mensagem espetacular. O ápice da relação do homem com Deus é ser seu amigo. Muitos querem ser servos e escravos de Deus, mas Deus quer amigos, para segredar-lhes no coração seus sentimentos. Muitos querem ser súditos do mestre dos mestres, mas ele quer amigos que conheçam as vielas do seu ser. Muitos mostram reverência diante de Deus, mas não sabem que a maior reverência é ser um dos seus amigos íntimos.

Após essas palavras, Jesus prometeu-lhes algo impossível de ser observado pela investigação psicológica. Prometeu-lhes enviar um consolador, o Espírito Santo, que poderia dar-lhes força na fraqueza, segurança nas tormentas, alegria nas prisões.

A ciência se cala diante dos fenômenos que envolvem o Espírito Santo, pois isso entra na esfera da fé, da experiência pessoal, da crença individual. Apenas podemos dizer que, indubitavelmente, após a morte de Jesus, os jovens frágeis e amedrontados deram um salto intelectual e emocional sem precedente. Eles se tornaram destemidos, intrépidos, ousados. Tiveram atitudes que nos deixam boquiabertos: cantavam nas prisões, alegravam-se nas perseguições e revelavam tranqüilidade no martírio. Os segredos que teceram a personalidade deles são fascinantes.

Aos pés da cruz

Jesus previu a sua morte várias vezes. Ele dissecou as etapas do seu martírio com poucas palavras, mas seus discípulos pensaram que a crucificação era uma ficção, uma retórica de suas parábolas. Eles não compreenderam as suas palavras, pois estavam seduzidos pelo seu poder. Somente nas últimas horas da noite anterior, perceberam algo diferente no ar. Jesus nunca se apresentara tão triste. Foi nesse momento que João reclinou sobre seu peito e Pedro prometeu que morreria com ele.

Mas a hora chegou e o medo assaltou-lhes a alma. Jesus foi preso. Não era meia-noite, eles teriam de dormir. Seis horas se passariam até o amanhecer. Todos ficaram insones. Foi a noite mais longa e perturbadora que tiveram. O mundo ficou pequeno para tanto medo e tantas perguntas.

Provavelmente, pensavam que ele se livraria, afinal de contas, ele havia escapado de maiores apuros, chegando até a dominar tempestades. Eles não faziam idéia que, no mesmo momento em que pensavam no seu poder, seu rosto estava sangrando. Eles não imaginavam que, ao mesmo tempo em que relembravam os seus grandes feitos, seu corpo era coberto de hematomas. Pedro deve ter chegado no meio da noite. Relatou que o negou. E, o que é pior, relatou que Jesus estava sendo espancado. Eles se entreolharam e ficaram mudos. Foi uma noite de terror.

Logo que a aurora começou a banir a noite de Jerusalém trazendo orgulhosamente os primeiros raios de sol, João saiu da casa. Sob a coragem de Maria, a mãe de Jesus, e de tantas outras Marias que o seguiam, ele foi ver de perto os acontecimentos. As mulheres se apoiaram na emoção; os discípulos, no pensamento.

A emoção prevaleceu. Elas saíram e os demais discípulos, à exceção de João, ficaram.

Ao ver Jesus sair escoltado da fortaleza Antônia, a casa de Pilatos, mutilado e quase irreconhecível, João deve ter caído em lágrimas. Suas pernas bambearam, seu coração desfaleceu. O caminho até o calvário parecia interminável. Ao chegar ao local, viu uma cena chocante.

Os gritos de dor dos crucificados misturavam-se com as lágrimas e o espanto da platéia. Raramente houve uma platéia tão grande para assistir à morte de um condenado. Há pouco tempo, João havia reclinado a cabeça no peito de Jesus e agradecido por ele ter ajudado todos os miseráveis e oprimidos, dentre os quais João era um deles. Agora, Jesus era o mais miserável dos homens, mas ninguém podia ajudá-lo. Que contraste!

Como vimos no Mestre do Amor, na platéia havia milhares de pessoas que ele havia ajudado e saciado. Tirar-lhes Jesus era arrancar-lhes o coração. João ouviu os gemidos de dor de Jesus. Contemplou sua musculatura ter ataques de tremor. Observou seu clamor por ar como o do sedento pela água. João entrou em desespero. Para seu espanto, Jesus o observava e, numa tentativa de consolá-lo, pediu-lhe para tomar Maria como sua mãe e cuidar dela. Falar cravado numa cruz expande a musculatura do tórax e aumenta a dor. Talvez João tivesse vontade de dizer: "Por favor, não fale. Não sofra mais. Esqueça-me".Que homem é esse que coloca as pessoas em primeiro plano mesmo quando está em último lugar? Que amor é esse que se esquece da sua dor para consolar os outros?

As reações de Jesus na cruz mudariam João para sempre. Ele não seria mais o mesmo depois de ver Jesus morrer como um dócil cordeiro que optou pelo silêncio enquanto todas as suas células gritavam por misericórdia. Foram seis horas inesquecíveis de um mestre inesquecível.

Inteligência espiritual o resgate da esperança

No passado, eu pensava que procurar Deus era uma perda de tempo, um golpe de fragilidade intelectual. Hoje, penso completamente diferente. Percebo que há um conflito existencial dentro de cada ser humano, seja ele um religioso ou um ateu cético, um intelectual ou um analfabeto.

A psiquiatria trata dos transtornos psíquicos usando antidepressivos e tranqüilizantes e a psicologia usando técnicas psicoterapêuticas. Mas essas ciências não resolvem o vazio existencial, não dão respostas aos mistérios da vida. Quem somos? Para onde vamos? Qual é o verdadeiro significado da existência? O mais elevado conhecimento científico da física, química, biologia e das ciências humanas ainda está no tempo da pedra para responder a essas questões.

Descobrimos cada vez mais o mundo exterior, mas a vida humana continua ainda um mistério. Por isso, desenvolver inteligência espiritual não é sinal de pequenez, mas de grandeza espiritual e intelectual. É impossível destruir a procura íntima por Deus no ser humano, pois ela é supra-cultural.

A mesma sede que um indígena tem de saber sobre o que está por detrás da solidão de um túmulo habita na alma de um cientista de Harvard. O mesmo anseio que repousa na emoção de um religioso pela superação do caos da morte repousou na alma de Marx e Freud. O socialismo tentou de todas as formas destruir a fé dos povos. Hoje, na Rússia e nas demais sociedades que viveram mais de meio século sob o regime socialista, há uma explosão de fé.

Recentemente, li uma entrevista de Gorbatchev em que ele dizia: "Deus criou o mundo e não quis governá-lo, por isso passou essa tarefa aos homens, mas os homens

querem governá-lo sozinhos". (O Estado de São Paulo, 17/06/03). O homem que sepultou a guerra fria, que cresceu aos pés do comunismo, crê em Deus.

O que é Inteligência espiritual? É a inteligência que deriva do conceito consciente ou inconsciente de que *"a vida humana é uma grande pergunta em busca de uma grande resposta"*. E a inteligência que procura o sentido da vida, mesmo quando a pessoa se julga uma ateia.

Inteligência espiritual é a procura por Deus, independente de uma religião, no recôndito do nosso ser, para desfazer os nós do novelo da vida. E a busca por respostas existenciais que a ciência nunca respondeu. É o desejo irrefreável pela continuação do espetáculo da vida quando se fecham os olhos da existência. E a inteligência que nasce no espírito humano e constrói no teatro da alma a esperança dos filhos reencontrarem seus pais que partiram, dos pais reverem seus filhos que cedo se despediram da vida e dos amigos voltarem a se abraçar como nos velhos tempos.

O radicalismo e a intolerância religiosa não fazem parte da inteligência espiritual. O desenvolvimento da inteligência espiritual promove, exteriormente, a solidariedade, a fraternidade, o respeito pelos direitos humanos; e, interiormente, a estabilidade da emoção, o alívio da ansiedade e a expansão da arte de pensar. Portanto, procurar por Deus, conhecê-lo e amá-lo é um ato inteligentíssimo.

O aprisionamento de Jesus e sua crucificação sufocaram a inteligência espiritual das pessoas. Os dias que se seguiram à sua morte são dificílimos de descrever. Os dois primeiros dias foram tempos de amargura. Judas estava morto, Pedro estava confuso e os demais discípulos estavam deprimidos.

Jerusalém entristeceu-se. O perfume das poucas flores não encantava a alma dos habitantes. As crianças não saíram para brincar. Os idosos não se assentaram nas calçadas mal definidas para as conversas de fim de tarde. A multidão de visitantes que se apinhava para ver o mestre se diluía e retomava o caminho de volta para suas cidades e países. Roubaram-lhes as esperanças.

Um ser humano pode enfrentar milhões de problemas e sobreviver, mas ele não sobrevive quando perde a esperança. Resgatá-la é oxigenar a vida. Como reacender a esperança desse povo sofrido? O mestre da vida disse, certa vez, que se o grão de trigo não morrer fica ele só, mas se morrer, dá muito fruto. Foi isso o que aconteceu. A sua trágica morte trouxe uma angústia indecifrável, mas os dias que se seguiram trouxeram um júbilo incontido.

Um poeta do amor: escritos que exalam sensibilidade

João permaneceu em Jerusalém com os demais discípulos. Era um lugar perigoso, seria melhor retornar para a Galiléia. Mas eles ficaram divulgando as boas novas, a superação da morte de Cristo e o seu plano transcendental que incluía os mais belos sonhos a que um ser humano podia aspirar.

Os jovens galileus que pareciam tão despreparados começaram a revelar-se grandes mestres. As lições de Jesus começaram a mostrar resultados extraordinários. Eles começaram a ser eloqüentes oradores. Os discursos vibrantes contagiavam milhares de pessoas. Eles resolveram as disputas internas, trabalharam em equipe e amaram os outros mais do que a si mesmos. Cuidaram das necessidades materiais, psíquicas e espirituais de pessoas que não conheciam. A vida de muitos ganhou alento. A esperança havia voltado.

A alegria era tão borbulhante entre eles que tomavam suas refeições de casa em casa. Cada um se preocupava com as dores e faltas dos outros. Pessoas com personalidades tão distintas, que mal se cumprimentavam nas ruas passaram a ser chamadas carinhosamente de

"irmãos". As barreiras culturais e sociais foram rompidas.

João estava lá, pescando homens para Deus, mostrando que a vida humana tinha um significado maior do que comprar, vender e ter *status* social. Todos ficavam embevecidos com a sua sabedoria e com a dos demais amigos. Jerusalém virou uma festa. Mas não tardou muito para haver intensas turbulências. Os homens do Sinédrio não toleraram o movimento.

O encalço e as prisões começaram a ocorrer. As reuniões foram dizimadas. Alguns morreram. João recebeu um duro golpe. Tiago, seu irmão, foi martirizado. Parecia tão fácil, tudo caminhava tão bem, por que havia pedras no caminho? Mas João não desistiu. Os espinhos não conseguiram sufocar o seu amor pelo mestre dos mestres. Ele entendeu que os melhores tesouros se escondiam nos lugares mais inóspitos. Ele vivenciou as palavras de Jesus, se converteu num grande caçador de pérolas. Vendeu tudo o que tinha para conquistar a maior delas.

O tempo passou e as tribulações tiraram João de Jerusalém. Em muitos lugares por onde ele circulou, deu força aos abatidos, ânimo aos prostrados. Ele vendia auto-estima, lembrava que ninguém era indigno para Deus. A sociedade poderia descartá-los, mas Jesus nem sequer descartou os seus torturadores, mas perdoou-os enquanto seu coração claudicava na cruz.

João escreveu um evangelho, três cartas e o livro de Apocalipse. Seus escritos exalam a mais bela afetividade. Mesmo no livro de Apocalipse é possível perceber, entre guerras e julgamentos, o perfume mais excelente da emoção. Nesse enigmático livro, Jesus é citado mais de vinte vezes, não como um general ou juiz, mas como o cordeiro de Deus. João nunca se esqueceu das seis dramáticas horas da crucificação. Jesus cometeu um sacrifício de amor pela humanidade.

O simbolismo do cordeiro revela uma brandura inesquecível. João terminou o livro de Apocalipse falando sobre o trono de Deus e do cordeiro. Desse trono não saíam condenação, críticas, apontamento de problemas, mas um rio brilhante como cristal, o rio da água da vida. Um rio que sacia a emoção humana, tranqüiliza os pensamentos, irriga com sabedoria a inteligência e torna os seres humanos felizes e serenos.

João estava idoso quando resolveu escrever, pelo menos os escritos que hoje temos em mãos. A sua pele estava seca e desidratada. Devia sentir o peso da idade e de tantas perseguições que sofrerá. Era de se esperar que sua memória estivesse cansada, que tivesse perdido os detalhes dos primeiros anos de caminhada com Jesus, afinal de contas, já havia se passado cerca de meio século da morte de seu mestre.

Mas, para a nossa surpresa, João descreveu, no seu evangelho, um Jesus vivo, fascinante, detalhista, vibrante, cujo falar produzia encantamento. Quase a metade do seu evangelho foi escrita baseada nos fatos e eventos dos últimos dias que antecederam a crucificação. As palavras do seu mestre ainda queimavam no seu espírito e alma.

As suas cartas igualmente revelam um frescor de quem nunca perdeu a primavera. Ele iniciou a sua primeira carta fazendo uma descrição sensorial da sua relação com Jesus. Descreveu que suas mãos apalparam, seus olhos viram e contemplaram a pessoa mais fascinante que viveu nesta terra. Parecia que tinha sido ontem que ele havia andado com seu mestre e aprendido as mais belas lições de vida.

As sementes que foram plantadas nos solos do seu ser floresceram e frutificaram. Por ser um homem que tinha enfrentado muitas batalhas, podia querer descansar, mas discorrer sobre o mestre da vida ainda gerava paixão. O motivo pelo qual escrevia, segundo o próprio João, era para que os seus leitores tivessem uma alegria completa [1H>].

A relação de João com seus leitores era estreita e sem barreiras. Ele os chamou carinhosamente de "filhinhos". Seu tratamento afetivo indica uma pessoa que tinha prazer

de viver. A vida era uma doce aventura, apesar dos seus percalços. Na juventude, ele era radical e impulsivo; agora, ele exalava amor e compreensão.

João discursou contra o sistema social, que é chamado por ele de "mundo". Discorreu que esse sistema controla os pensamentos e as emoções das pessoas, escravizando-as, gerando soberba, orgulho e comportamento fútil. Elas deveriam viver dentro do mundo, mas ser livres dentro de si, como um barco que desliza sobre o mar, mas o mar não está dentro dele.

João encorajou os cristãos a romper as amarras do egoísmo irracional e a aprender a se doar uns para os outros como Jesus se doara por eles. Comentou que quem fecha os olhos do seu coração para os que sofrem e padecem de necessidades não tem o amor de Deus. O amor sobre o qual ele discorreu não era teórico. Era um amor que não impunha condições nem esperava retorno, mas que se entregava espontaneamente.

Para João, quem não ama não conhece a Deus. Uma pessoa pode ter cultura teológica e aparente espiritualidade, mas se não amar, sua vida é teatral e vazia. Para ele, o verdadeiro amor rompe o cárcere do medo. Que tipo de medo? O medo do amanhã, do desconhecido, de ser criticado, de ser incompreendido, de empobrecer, de contrair doenças, de morrer, de ser punido por Deus.

O medo rouba a tranqüilidade, mas o verdadeiro amor apazigua as águas da emoção e produz paz. João foi um homem que conheceu a paz interior. Um ser humano sem paz pode ganhar o mundo inteiro, mas permanece inconquistável dentro de si mesmo, atormentado no secreto do seu ser.

Ele termina a sua última carta dizendo para seus leitores saudarem os amigos nome por nome. O sucesso não invadiu sua cabeça. Para ele, a história de vida por detrás do nome de cada pessoa era mais importante do que os aplausos das multidões. Somente alguém sensível e maduro pode levar em alta conta a vida humana. Ele viveu as pegadas de Jesus que, mesmo assediado pelas multidões, gastava tempo com as pessoas mais simples.

Décadas atrás, João fora um jovem que deixou os barcos e as redes para seguir um vendedor de sonhos. Ele não imaginava que o vendedor de sonhos fosse um excelente escultor da emoção. No começo, parecia impossível transformá-lo, pois seu individualismo, agressividade e intolerância estavam muito cristalizados. Mas o escultor da emoção começou a trabalhar lenta e consistentemente. O resultado? João se transformou num poeta do amor.

CAPÍTULO 10

Paulo: A Mais Fantástica Reedição das Matrizes da Personalidade

A face sombria da personalidade de Paulo

Paulo foi o maior perseguidor dos cristãos e quando se tornou um seguidor de Jesus foi o discípulo que pagou o preço mais alto para divulgá-lo. A liderança judaica o odiava. E quando ela estava preste a matá-lo, ele foi protegido pelos romanos e aprisionado. Os judeus apresentaram queixas contra ele para Félix, o governador da Judéia. Disseram que ele era uma peste que promovia sedições entre os judeus esparsos em todo o mundo. Era o principal agitador da seita dos nazarenos [(35)].

Félix, querendo assegurar o apoio dos judeus, manteve Paulo encarcerado. Dois anos se passaram até que Félix foi substituído pelo governador Festo. Logo que Festo subiu de Cesaréia para Jerusalém, os judeus novamente apresentaram queixa contra Paulo. Eles continuavam enfurecidos. Paulo não deixara de trabalhar na prisão. Ele precisava ser contido para que o nome de Jesus fosse apagado da terra. Após as acusações, Paulo usou a sua cidadania romana e apelou para César [(36)], pois sabia que não teria chance alguma se ficasse em Israel. Poderia ser alvo de uma emboscada e morrer.

Passados alguns dias, o rei Agripa veio visitar e saudar Festo. Como o caso de Paulo tinha grande repercussão popular e era muito delicado, Festo o expôs ao rei Agripa. O rei interessou-se em ouvi-lo. O movimento em torno de Jesus de Nazaré já havia chegado aos seus ouvidos, por isso desejava conhecer as idéias do seu ilustre divulgador.

A oratória de Paulo era fascinante. Podia não convencer seus opositores, mas suas palavras os perturbavam. A sua honestidade era cristalina. Para defender a causa de Jesus, Paulo fez, perante o rei Agripa, a mais eloqüente descrição das características doentias da sua personalidade antes de se tornar seu seguidor " '. Nunca alguém teve tanta coragem de mostrar a sua loucura passada para revelar a sua sanidade atual.

Ele talvez tivesse um aperto no coração enquanto falava, mas não se poupou. De todos os seus escritos, essa passagem é a que mais retrata a sua agressividade e insensibilidade. Sua personalidade era tão destituída de sentimentos altruístas que não perdia em nada para os homens mais atrozes que pisaram nesta terra.

Ele descreveu cinco importantes características da sua desumanidade:

1- Encerrou cristãos nas prisões. As lágrimas de homens e mulheres encarcerados não o comoviam. Os gritos incessantes pedindo clemência não o perturbavam.

2- Múltiplos assassinatos. Ele não apenas consentiu na morte de Estevão, mas de muitos outros cristãos. Quando os judeus se reuniam era conselho para ver o fim que alguns cristãos levariam, ele dava o seu voto para que fossem mortos. Embora em menor proporção, ele promovia uma limpeza cultural, semelhante a que o nazismo fez com os judeus.

3- Perseguição incansável e irracional. Paulo disse ao rei Agripa que não se contentava em prender os cristãos apenas em Jerusalém. Sua fúria era tão dramática e ilógica que ele os perseguia de cidade em cidade e até em locais distantes de Israel, como em Damasco, na Síria. Não se importava em ter de cavalgar mais de duzentos quilômetros desconfortavelmente, o que importava era eliminar os seguidores de Jesus.

4- Castigava-os publicamente por todas as sinagogas. Os sofrimentos dos cristãos se tornaram um espetáculo de terror. Paulo os reunia nas sinagogas e espancava-os publicamente como exemplo para abortar o ânimo de novos adeptos.

5- Infligia sofrimentos até a ponto de alguns blasfemarem. Paulo, aqui, desceu ao

último degrau da violação dos direitos humanos. Ele torturava física e psicologicamente os indefesos cristãos pressionando-os a blasfemar contra quem amavam. Ele violentou a consciência dessas pessoas produzindo transtornos emocionais irreparáveis.

Eu gostaria de poupar Paulo e dizer que ele não foi tão agressivo. Mas é impossível poupá-lo, porque ele mesmo não se poupa. Ele aprendeu com Jesus a não ter medo do seu passado, aprendeu a arte da honestidade. Pedro, do mesmo modo, aprendeu a grandeza dessa arte. Esses homens mudaram a face do mundo, os seus feitos atravessaram gerações e influenciaram bilhões de pessoas. Mas não apenas seus grandes sucessos são descritos no Novo Testamento, mas os seus mais eloqüentes erros e fracassos.

O que Paulo diz sobre seu próprio comportamento antes de encontrar Jesus Cristo perante o tribunal romano o transforma num dos homens mais violentos da nossa história. Nenhum outro discípulo teve, no seu currículo emocional, a fúria e a tortura. Sua desumanidade supera a de Judas Iscariotes, a de Pedro e a dos demais seguidores de Jesus.

O mais culto dos discípulos foi o mais destruidor, do mesmo modo como ocorreu na Alemanha nazista. A terra de Kant, Hegel, Shopenhauer, de brilhantes pensadores produziu homens inumanos. O que isso indica? Que o altruísmo e a solidariedade de uma geração podem ser perdidos na geração seguinte devido aos conflitos sociais. Indica ainda que a inteligência lógica, caracterizada pelo acúmulo de informações do passado, não é suficiente para produzir as funções mais importantes da personalidade, como a capacidade de se colocar no lugar dos outros, a tolerância, a afetividade, o gerenciamento dos pensamentos.

A dor, as lágrimas e o sangue dos cristãos que ele feriu jamais foram apagados da sua memória, geraram cicatrizes inesquecíveis. Em muitas das suas cartas, ele trata desse assunto. Quando diz que era o menor de todos os discípulos na sua carta aos efésios, não estava sendo humilde, mas sincero. Ele realmente se considerava o último dos seguidores do mestre dos mestres, o mais devedor de todos.

O amor que ele sentia por Jesus e a crença em seu sacrifício o libertaram do sentimento de culpa, mas jamais apagaram o seu passado. O passado não se deleta, se reescreve. A atividade mais simples dos computadores, deletar, é impossível de ser realizada nos bastidores de nossa memória, a não ser que haja um trauma cerebral.

Temos de conviver com o nosso passado, ainda que ele tenha sido um deserto. O desafio é irrigar esse deserto, tratar da sua acidez e aridez e transformá-lo num jardim, como Paulo fez. O que jamais devemos fazer é nos isolarmos e ruminarmos a culpa como Judas fez.

No caminho para Damasco

A transformação de Paulo em um seguidor de Jesus tem fatos que transcendem a investigação deste livro. No mesmo discurso para o Rei Agripa, em que mostra as atrocidades que cometeu, ele fala sobre a mudança em sua vida. Enquanto caminhava para Damasco para dizimar os cristãos, uma forte luz o envolveu. Ele caiu do cavalo, atônito. Então, ouviu uma voz que indagava por que ele o perseguia. Espantado, ele disse: "Quem és tu, senhor?". A voz disse: "Eu sou Jesus, a quem persegues".

O mundo desabou sobre Paulo. Seus pensamentos o atordoaram. Sua crise ansiosa foi tão volumosa que gerou alguns sintomas psicossomáticos: ficou cego e perdeu o apetite, teve uma anorexia reacional. A voz continuou falando-lhe. Entre outras coisas, ela disse que enviaria Paulo para ser testemunha de uma infinidade de coisas que ele viria a enxergar. Teria uma grande missão: converter as pessoas das trevas para a luz.

Os fatos que norteiam a mudança de Paulo ultrapassam a pesquisa psicológica. Entram na esfera da fé. Apenas ressalto que a voz que Paulo ouviu não era uma alucinação

auditiva. Paulo tinha uma psicopatia, uma agressividade doentia, mas não era um psicótico. Embora suas atitudes fossem violentas, ele sabia o que queria, tinha metas e direção intelectual. Se fosse uma alucinação, essa alucinação deveria estimulá-lo a ser um semideus para ter mais força para dizimar os cristãos, e não amá-los e ser altruísta. Sua visão o levou às raias da lucidez.

Paulo passou a questionar suas verdades, criticar sua agressividade, repensar seu preconceito. Toda experiência intelectual, ainda que incompreensível, que estimula a arte de pensar, não pode ser considerada um delírio, mas um fenômeno inteligente.

Paulo era culto nas Antigas Escrituras. Imaginava que Jesus de Nazaré fosse o maior de todos os heréticos do mundo. Tudo o que se falava sobre ele deveria ser abolido. Enquanto estava anorético e insone, começou a refletir sobre sua vida e sobre tudo em que cria. Foi uma revolução interior.

Ele se recolheu na sua cidade natal por um bom período. Milhares de pensamentos o perturbavam. Ele começou a penetrar em seu mundo e a perceber a irracionalidade da sua agressividade. Ao mesmo tempo, como estudioso que era das Antigas Escrituras, procurou ansiosamente por respostas que pudessem resolver o quebra-cabeça na sua mente.

Para ele, o Messias não poderia ser um homem humilde, um simples carpinteiro, que recusou o trono político. Não poderia ser alguém que abraçou leprosos, fez discursos sobre o amor e a tolerância. Mas agora, tinha de repensar seus preconceitos.

Paulo refletiu dias e meses; por fim, encontrou suas respostas. Viu claramente que o Messias comentado nos textos sagrados dos judeus correspondia ao Jesus que odiava. Ao resolver o quebra-cabeça, arrumou um dramático problema. O que fazer com as pessoas que torturara? Como reparar o erro cometido contra os inofensivos cristãos que ele espancara publicamente? Como aliviar sua consciência dos gritos das mães e pais que foram separados dos seus filhos?

Paulo, certamente, chorou muito. Passou noites em claro. Entrou em desespero, viveu angústias e teve crises depressivas enquanto refletia. Na carta aos corintíos ele disse que não era digno de ser chamado de apóstolo, já que jamais se esquecera das perseguições que deflagrara contra a igreja de Deus. Estava sendo sincero. A sua consciência era um espinho na sua alma.

O mundo de Paulo foi virado de cabeça para baixo. Raramente um ser humano teve de repensar tanto a sua vida. Mas pouco a pouco encontrou consolo para viver. Enxergou uma fascinante luz na noite escura. De inimigo número um, passou a ser um defensor número um da causa do mestre da vida.

A caminhada com Jesus

A caminhada de Paulo como discípulo foi cheia de entraves. Paulo era um jovem fariseu promissor. Todos invejavam sua rígida ética e liderança. Após ter se tornado um cristão, o mundo desabou sobre sua segurança. Como elogiar, para a liderança judaica, aquele que sempre odiou? Como explicar uma mudança tão grande? Paulo teria de enfrentar o que parecia impossível.

Comentar que ele passou a seguir um homem que morrera na cruz gerava os mais intensos debates. A palavra da cruz era escândalo para os judeus e loucura para os gregos. Hoje, a humanidade tem um apreço incondicional pelo Jesus crucificado.

Na sua época, ser um seguidor desse Jesus era ser taxado de louco, de insano, de pertencer ao esgoto social.

Paulo, além de dar satisfações quase inexplicáveis ao mundo sobre a sua conversão ao cristianismo, tinha de trabalhar os transtornos psíquicos que teciam a sua alma. Ter se

tornado um cristão não resolvia seus problemas, ou melhor, seus problemas estavam apenas começando. Havia uma paz íntima, mas também muito entulho emocional e intelectual para ser removido.

Ele não participou da escola viva de Jesus. Pelo fato de não ter andado com o mestre dos mestres, não vivenciou situações em que os arquivos doentios da periferia do seu inconsciente seriam expostos e reeditados. A arrogância, o individualismo, a dificuldade de liderar os pensamentos, a inveja, a intolerância e o medo dos demais discípulos apareceram ao longo da trajetória com Jesus e foram tratados. Não todas, mas boa parte das favelas da memória dos discípulos foi reurbanizada.

Como Paulo tratou das matrizes doentias da sua memória? Como ele reeditou sua agressividade e insensibilidade? Como trabalhou sua incapacidade de ouvir e de reagir sem pensar? Como reciclou seu caráter preconceituoso e autoritário? Paulo enfrentou centenas de situações dramáticas que fizeram vir à tona as mais ocultas fragilidades.

No livro aos romanos, ele teve a coragem de dizer: "Miserável homem que sou... Não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço...". Paulo descobriu que não conseguia ser tão gentil, amável, puro, sereno, tranqüilo, sensível como gostaria. Ele desejava incorporar as mais belas características de Jesus, mas sentia-se incapaz de vivenciá-las.

Nesse texto, ele, sem conhecimento técnico da ciência, discorreu com fineza sobre um grande dilema da psicologia: o homem lidera o mundo exterior, mas não é um grande líder de si mesmo... Quem consegue gerenciar os vagalhões da ansiedade? Quem consegue controlar todos os seus pensamentos negativos? Em águas tranqüilas nos mostramos excelentes timoneiros, mas em águas turbulentas perdemos o leme. Quantas vezes fomos coerentes em determinadas situações e insensatos em outras? Todos temos limites, mais cedo ou mais tarde nos surpreendemos com nossa fragilidade...

Paulo queria ter uma vida livre, muito diferente da que vivera. Desejava ser forte, seguro e estável. Antigamente, lutava para eliminar os cristãos, agora luta dentro de si mesmo para ser livre. Chamar-se de miserável não quer dizer que ele tenha jogado a auto-estima no lixo, mas que tinha consciência das limitações do "eu" para ser diretor do *script do* palco da sua mente.

Percebendo o drama dessa luta, ele, neste mesmo livro, dá um passo além. Mostrando um refinado conhecimento de psicologia, relata que a transformação da personalidade passa pela renovação da mente e encoraja os seus leitores a experimentar tal renovação.

O que é renovar a mente? É reeditar o filme do consciente e inconsciente, reescrever os arquivos da colcha de retalhos da nossa memória. Paulo sabia que, se ele não passasse por tal transformação, não haveria esperança e toda mudança se tornaria efêmera, fugaz. Ele procurou a presença de Deus com desespero no seu espírito humano para que sua alma fosse transformada.

Ele era um jovem preconceituoso. Para ele, seu povo, Israel, era o melhor povo da terra. Tinha a melhor religião, cultura, ética. Os demais povos eram considerados forasteiros, gentios, pagãos. Ele desejava dizimar os seguidores do nazareno porque queria purificar a sua religião.

Passando pelo vale dos sofrimentos

Quando Paulo abraçou a causa de Jesus Cristo, apaixonou-se pela humanidade. Aprendeu a sonhar. Ele odiou muito, mas amou muito mais. Sua mudança foi tão grande que pode ser comparada, nos dias de hoje, à atitude de um judeu radical que sempre revidou com violência os ataques terroristas dos palestinos. Mas agora, procura-os, não para matá-

los, mas para beijá-los. Paulo amou livres e escravos, judeus e gregos, ricos e pobres.

Até que ponto Paulo se entregou para os povos? Até às últimas conseqüências. Ele vivenciou dramas incontáveis. Tinha todos os motivos para desistir, esquecer o projeto de Jesus, dizer que ele era complexo e complicado demais, mas seu desejo de cumprir seu projeto era sólido.

Sentia-se fraco muitas vezes, mas quando se deparava com sua fragilidade, aí é que se sentia forte. Ele dizia que o poder se aperfeiçoa na fraqueza. Não era um masoquista, tornou-se um sábio. Foi uma das raras pessoas nesta terra que usou cada frustração, incompreensão, rejeição, ferida física e emocional para expor as mazelas da sua alma e reeditá-las. Para ele, todo sofrimento era inútil se não fosse usado para lapidar a personalidade.

O poder de Deus se aperfeiçoa na fragilidade humana. Essa era a bandeira com que enfrentava as tormentas da vida. Deus não era uma teoria, distante, a milhares de anos luz da sua personalidade, mas o grande artesão dela. Assim, o diamante bruto assumia formas de rara beleza. Por buscar a presença de Deus em momentos quase insuportáveis, ele escrevia uma nova história.

A psicologia não entende alguns ditames da inteligência espiritual. Mas é indiscutível que um dos maiores carrascos da história conquistou uma humanidade sublime. Sua gentileza, mansidão, solidariedade e capacidade de perdoar são poéticas. Provavelmente, nenhum de nós foi tão hostil como ele, mas nenhum amou tanto como ele. Estamos longe da sua agressividade e mais longe ainda da sua capacidade de amar.

No livro de 2 Coríntios, ele fala da grandeza das lições pelas quais passou e que expuseram as matrizes doentias da sua personalidade. Ele perseguiu, até às últimas conseqüências, todos os cristãos, mas, por fim, foi perseguido e sofreu experiências dolorosas mais freqüentes e intensas do que as que causou.

Ele fez três grandes viagens por terras longínquas para anunciar a mensagem de Jesus. Ele foi preso várias vezes. As prisões romanas eram depósitos humanos, eram ambientes lúgubres e úmidos. Mas não se abatia, achava uma dádiva sofrer pela causa de Jesus Cristo. Era de se esperar que ele entrasse em desespero nos presídios fétidos e frios, mas, contrariando a lógica, Paulo cantava nas prisões. As flores nasceram no inverno da emoção e se abriram na primavera.

Ele açoitou os cristãos nas sinagogas, mas, raramente, açoitou alguém mais do que uma vez, mas cinco vezes foi açoitado pelos judeus. Seu corpo foi marcado pela violência dos açoites. Um açoite era o suficiente para calar um homem. Mas nada calava a voz de Paulo. Ele foi fustigado com varas. Esse suplício produzia lesões musculares e hematomas.

Dificilmente alguém foi tão humilhado e ferido como o apóstolo Paulo. Na Grécia, correu o risco de ser linchado. As pessoas gritavam publicamente e batiam os pés querendo que ele não vivesse. Mas a vida lhe era muito cara. Desejava aproveitar cada minuto para falar do mestre do amor. Ele foi ultrajado e considerado escória do mundo, lixo da sociedade, mas jamais se calou. Ele não conviveu com Jesus, mas o amou até às últimas conseqüências.

Paulo foi uma vez apedrejado e dado como morto. Seu corpo ficou coberto de sangue e dilacerado. Provavelmente, entrou em pré-coma. Quando se recuperou, talvez se lembrasse de Estevão apedrejado e morto na sua frente com o seu consentimento. Ao invés de virar as costas para o vendedor de sonhos, ele recobrava a sua força e continuava a sonhar.

Paulo experimentou períodos de intensa angústia, ansiedade, desespero. Entretanto, a morte simplesmente não o ameaçava. Parecia que ele olhava nos olhos de Deus e

considerava um prêmio cada dia que vivia.

Ele sofreu três naufrágios. Um naufrágio seria o suficiente para provocar, em uma pessoa, fobia de tudo o que se relacionasse a mar. Passou uma noite e um dia na voragem do mar. Provavelmente, esteve flutuando agarrado a algum pedaço de madeira para não afundar. Sua pele ficou desidratada e quebradiça. Quanta dor! Fazia tudo isso por causa do amor incontrolável que sentia pelas pessoas.

Enfrentou perigos de todos os tipos. Foi roubado por salteadores, foi odiado pelos judeus, foi rejeitado drasticamente pelos gentios. Passou inúmeras noites insone. Em alguns momentos, não tinha energia para continuar, era melhor abandonar tudo, mas não desistia dos sonhos de Jesus.

Ficou nu. Passou fome e sede. E, como se não bastassem todas as suas tempestades exteriores, vivenciava uma grande tormenta interior, a preocupação afetiva com todas as pessoas que criam em Jesus. Raras foram as pessoas na história que pagaram um preço tão grande por amar.

Uma declaração de amor

Apesar de ter passado por sofrimentos insondáveis, Paulo viveu o topo da saúde psíquica. Tinha todos os motivos para ser uma pessoa deprimida, mal humorada e ansiosa, mas era uma pessoa alegre, serena. Embora tenha relatado todos os seus sofrimentos vexatórios e indignos nessa segunda carta aos Coríntios, ele, na sua primeira carta, faz a mais bela apologia ao amor. Paulo, nesse texto, superou a sensibilidade dos poetas, a profundidade dos filósofos e a serenidade dos pensadores.

No capítulo 13 de 1 Coríntios, ele comenta que o amor é o alicerce da vida. Uma pessoa pode ser o maior poliglota da história, se não tiver o amor, é como um bronze que emite sons, mas não tem vida. Uma pessoa pode conhecer todos os mistérios da ciência e da teologia, se não tiver o amor, todo seu conhecimento sobre Deus é vazio, não tem sentido de vida.

Revelando uma sobriedade impressionante, ele diz que o amor é paciente e benigno. Paulo quer dizer que o amor estabiliza a emoção, torna-a serena e tranqüila. A ausência do amor por Deus, pela vida, pelas pessoas, pelo trabalho fomenta a ansiedade e o egoísmo. Paulo não conhecia o alfabeto da mansidão e da bondade, só conseguiu aprendê-lo depois que passou a amar.

O amor não arde em ciúmes, não se exalta, não age insensatamente, não procura seus interesses, não guarda mágoas.-* Paulo sempre fez da sua emoção uma lata de lixo. Os problemas o invadiam e o perturbavam. Ele criava inimigos gratuitos. Era uma pessoa perturbada e conflitante. Paz não fazia parte da sua história. Ele queria destruir outros, porque era autodestrutivo.

A medida que começou a transformar a sua mente e a desobstruir sua emoção, foi abandonando cada vez mais o ciúme por suas idéias, a necessidade do mundo girar em torno das suas verdades. Quem não consegue ser contrariado, quem se coloca acima dos outros é imaturo. O verdadeiro amor não se exalta, não é vítima do orgulho, não procura seus próprios interesses. O amor sólido não se alegra com a injustiça, não tem medo de sofrer, de se entregar, crê com facilidade e tem uma esperança borbulhante de que dias melhores virão.

Gostaria de escrever um livro um dia sobre todos os temas que Paulo descreveu. É um assunto inesgotável. O amor vence todos os transtornos emocionais. O amor supera todas as crises familiares. O amor torna ricos os miseráveis. Faz da vida uma aventura. O amor amplia o ângulo de visão dos problemas: os gigantes se tornam pequenos e as

montanhas, diminutas pedras.

Que homem é esse que faz recomendações no meio de tanta dor? Que homem diz que a vida é encantadora quando o mundo desaba sobre si? O homem que, no passado, feriu e torturou exalou um amor incompreensível pela ciência.

As mudanças nas matrizes conscientes e inconscientes em sua memória indicam que ele não melhorou apenas seu caráter, mas se tornou um novo homem. A transformação de Paulo deixa assombrado qualquer pesquisador da psicologia. Ela representa uma das mais revolucionárias transformações da personalidade de um ser humano em toda a história da humanidade. Essa transformação representa um grito altissonante de esperança. Se Paulo mudou tanto, qualquer pessoa pode alimentar essa expectativa.

Sua transformação foi tão eloqüente que pode ser comparada à história de um grande cooperador de Hitler que, através de um processo de reflexão, compreendesse a violência do nazismo e se arrependesse a tal ponto de suas atitudes que seria capaz de ir a um campo de concentração para se prostrar aos pés dos judeus, beijá-los e morrer com eles.

A vida que Paulo encontrou em Cristo o libertou do caos e o fez viver intensamente, cada momento tornou-se uma experiência única, um soneto de amor. Ele demonstrou em cada um dos vales emocionais que atravessou que jamais devemos abrir mão da vida, mesmo com todas as perdas, decepções, desencontros, frustrações. Raramente a dor destilou tanta inspiração, produziu um viver tão vibrante. Ele foi um homem feliz na terra de infelizes.

CAPÍTULO 11

Uma Carta de Amor:
O Final da História dos seus Discípulos

Onde está o amor?

O amor é descrito nos livros, proclamado nas poesias, cantado na música, filmado no cinema. O amor é o fenômeno psicológico mais procurado da história, mas é o menos compreendido.

Reis procuram o amor no poder, mas súditos morrem de angústia. Famosos o buscam nos aplausos, mas muitos morrem solitários. Ricos tentam comprá-lo com sua fortuna, pois o dinheiro compra o mundo, mas não o sentido de vida. Poetas procuram encontrá-lo nas letras, mas muitos se despedem da vida sem poesia. Cientistas o colocam na prancheta das suas idéias, mas nunca conseguem entendê-lo.

Para muitos, o amor não passa de uma miragem no árido solo de suas emoções. Eles o procuram de forma errada e nos lugares errados. Acham que ele se esconde nas grandes coisas, mas ele sempre está presente nas coisas simples, diminutas, quase imperceptíveis. Ele sempre está presente nos sorrisos das crianças, nos beijos das mães, nos consolos dos amigos, nas dádivas do Criador.

Onde está o amor singelo, ingênuo, arrebatador que resgata o sentido da vida e nos faz sorrir, mesmo quando temos motivos para chorar? Onde está o amor que nos faz acordar pela manhã e dizer que a vida é maravilhosa, apesar de todos os seus problemas? Onde está o amor que nos faz ter esperança em alguém, mesmo quando sofremos decepções? Onde está o amor que transforma o trabalho num oásis, mesmo sob o calor da competição e das relações tensas? Onde está o amor que nos faz ver que a vida é uma janela para a eternidade, mesmo quando estamos chorando copiosamente pela perda das pessoas que amamos?

O clima social da época de Jesus era o menos recomendado para se falar de amor. A miséria física e emocional, as pressões políticas e a discriminação floresciam na alma dos judeus. Havia espaço apenas para falar do ódio e da revolta contra o império romano. Falar do amor era um escândalo. Nesse clima Jesus criou uma esfera de amor quase surreal. Homens distintos que continham ambições, reações e personalidades distintas começaram a recitar poesias de amor.

O amor entre eles transcendia a sexualidade, os interesses próprios e a troca de favores. Os pobres tornaram-se ricos, os desprezados ganharam *status* de seres humanos, os deprimidos encontraram alegria e os ansiosos beberam da fonte da tranqüilidade. Jesus não deixou nenhuma marca, senha ou dogma religioso para identificar seus discípulos, somente o amor: "Nisto conhecereis que vós sois meus discípulos, se amardes uns aos outros". O verdadeiro discípulo não era o que errava menos, o mais ético ou mais puro, mas aquele que amava.

Uma pessoa podia fazer orações o dia inteiro, elogiá-lo e ser um pregador das suas palavras, mas, se não tivesse o amor, não era um discípulo, mas apenas um mero admirador. Jesus sabia que o amor e somente ele era o único fenômeno capaz de aproximar os homens de cultura, religião, personalidade, pontos de vista, raça e nacionalidade distintos.

O amor destrói o individualismo, mas não a individualidade

Por aprender a linguagem do amor, os discípulos perderam paulatinamente o individualismo, mas não a individualidade. Eles mantinham a sua identidade, as suas características particulares, preferências, gostos, reações. Seus discípulos continuavam com personalidades diferentes umas das outras. Mas qual personalidade era a preferida de Jesus?

A sensível como a de João, a determinada como a de Pedro ou a perspicaz como a de Paulo?

Ele não demonstrou preferência particular. O mestre inesquecível respeitava e apreciava as diferenças. Ele apenas se interessava se o amor irrigava ou não a personalidade deles. O amor corrige rotas, apazigua a emoção, traz lucidez ao pensamento, rompe a estrutura do egoísmo. O amor nos faz iguais mesmo sendo diferentes.

O cristianismo está dividido em milhares de religiões. Cada um segue a sua religião de acordo com sua consciência, mas é raro perceber um amor ardente entre cristãos de religiões distintas. É raro encontrar abraços, jantares ou orações mútuas com quem não se reúne no mesmo lugar nem compactua com as mesmas idéias. Jesus jantava na casa de um fariseu e de um coletor de impostos. Ele valorizava os éticos e dava especial atenção aos imorais. Ele amava pessoas tão diferentes!

Onde está o amor nos dias atuais? As pessoas podem estar divididas em distintas religiões, mas é inaceitável que o amor esteja dividido, pois se o estiver ele se dissolve no calor das nossas diferenças. Quem não ama não tem sonhos, não se coloca no lugar dos outros, não sabe compreendê-los.

Muitos cristãos e membros de outras religiões rotulam aqueles que têm transtornos emocionais como fracos. Ao invés de amá-los e compreendê-los, eles julgam e condenam. Cometem uma injustiça que só quem não ama é capaz de cometer. Eles não sabem que, na realidade, muitos pacientes deprimidos e portadores de outros transtornos psíquicos são as melhores pessoas da sociedade, ótimas para os outros, mas péssimas para si mesmas, pois não têm proteção emocional. Todavia, o medo da crítica e do preconceito os faz calar sobre sua dor.

O mestre do amor foi completamente contra esse tipo de preconceito. Na noite em que foi traído, ele deixou o modelo psicoterapêutico. Atingiu o topo da saúde psíquica, mas, quando precisou chorar, derramou lágrimas sem medo e falou sobre sua dor sem dissimulação. Ao permitir corajosamente que seus discípulos observassem a sua dramática angústia e estresse, ele desejava que não apenas entendessem a dimensão do seu sacrifício, mas que pudessem amar, compreender e dialogar com os feridos de alma.

Todavia, onde está a poesia de amor proclamada por Paulo que alivia os que são abatidos pela depressão e ansiedade? Onde estão os beijos de amor discursados por Pedro que aliviam os que estão frustrados e desesperados? Onde está a saudação calorosa empenhada por João, que exalta a todos, nome por nome, como amigos e que é capaz de fazer com que os aflitos se sintam amados e queridos? Falar de Jesus Cristo sem amor é falar de um banquete sem alimento.

Hoje é fácil para as pessoas dizerem que são cristãs, mais de dois bilhões de pessoas o dizem ser. Dizê-lo dá até *status* social, pois o mundo se dobra aos pés dele. Mesmo os membros das religiões não cristãs o supervalorizam. Todavia, quando o *status* está em primeiro lugar, o amor pode estar em último.

O islamismo é uma religião que têm tradições cristãs e judaicas. Todavia, a maioria dos islamitas desconhece que Maomé exalta em prosa e verso a Jesus no Alcorão. Maomé, mostrando um respeito deslumbrante, chama Jesus de Sua Dignidade no livro sagrado dos mulçumanos. Entretanto, onde está o amor de Jesus entre os radicais do islamismo?

Os islamitas deveriam mostrar aos judeus que não crêem em Jesus que eles sabem falar a linguagem do amor. Entretanto, os ataques terroristas que destroem vidas escrevem uma carta de ódio e não de amor. É raríssimo vermos cristãos amarem mulçumanos e mulçumanos amarem cristãos e judeus. O ódio e as mágoas têm prevalecido. O amor tem sido um delírio.

Não coloque condições para amar

Precisamos nos apaixonar pela espécie humana, como o mestre da vida. Devemos ficar fascinados com as reações de um mendigo, com as alucinações de um paciente psicótico, com as peraltices de uma criança, com as reflexões dos idosos. Cada ser humano é uma caixa de segredos. Cada ser humano merece o Oscar e o Prêmio Nobel pela vida misteriosa que pulsa dentro de si.

Ao analisar a sua personalidade, percebi que a unanimidade é burra. O belo é amar as diferenças, é não exigir que os outros sejam iguais a nós para que possamos amá-los. Jesus foi afetivo com Judas no ato da traição e acolheu Pedro no ato da negação. Ele os amou apesar das suas diferenças. Se ele amou pessoas que o decepcionaram tanto, quem somos nós para colocarmos condições para amar?

Nunca amei tanto pessoas tão diferentes de mim! Pessoas que possuem pontos de vista diferentes do meu, que têm práticas das quais eu não participo. Você pode discordar daquilo em que as pessoas crêem, mas, se não tiver amor por elas, sua lógica, inteligência, verdades, pontos de vista serão, como Paulo disse, simplesmente nada.

Se Jesus perdoou seus carrascos quando todas as suas células morriam, quem somos nós para exigir, era nosso conforto egoísta, que as pessoas errantes ou que pensam diferente de nós mudem para que possamos amá-las? Não apenas os cristãos deveriam amar outros cristãos de religiões distintas, mas, se realmente viverem o que Jesus viveu, amarão com intensidade os budistas, islamitas, brahmanistas, inclusive os ateus.

O modelo do mestre da vida é eloqüente. Ele amava tanto as pessoas que jamais as pressionava a segui-lo. Ele não impunha suas idéias, mas apresentava-as com clareza e encanto e deixava as pessoas decidirem seu caminho. Naqueles ares, ouvia-se um belo convite e não uma ordem: "Quem quiser vir após mim, siga-me...; Quem tem sede venha a mim e beba...; Quem de mim se alimenta, jamais terá fome..." O amor respeita o livre arbítrio, a livre decisão.

Os que impõem condições para amar terão sempre um amor frágil. Nossa espécie viveu o flagelo das guerras e da escravidão porque ela ouviu falar do amor, mas pouco o conheceu. A única razão para amar é o amor.

Os pais que exigem que seus filhos mudem de atitude para elogiá-los, abraçá-los e ser afetivos com eles dificilmente os conquistarão. Os professores que exigem que seus alunos sejam serenos e tranqüilos para educá-los não os prepararão para a vida. Os que exigem das pessoas próximas que deixem de ser complicadas, tímidas e individualistas para envolvê-las e ajudá-las não contribuirão com suas vidas. O mundo está cheio de pessoas críticas, as sociedades precisam de pessoas que amem.

O amor vem primeiro; depois, os resultados espontâneos. Exigimos muito porque amamos pouco. Jesus não impediu que Pedro o negasse e que Judas o traísse. Ele, através de sua inteligência fenomenal, podia colocá-los contra a parede, pressioná-los, criticá-los, constrangê-los, mas não o fez. Deu plena liberdade para eles o deixarem. Jamais o amor foi tão sublime.

A abundância do amor transforma os anônimos, os paupérrimos e os iletrados em príncipes e a escassez do amor torna os reis, os ricos e os intelectuais em miseráveis. O amor compreende, perdoa, liberta, tolera, encoraja, anima, incentiva, espera, acredita. O amor é o fenômeno mais ilógico e mais lúcido da existência psíquica...

Os sonhos morreram

Nossa ciência é lógica e linear. Ela nos conduz a explorar o mundo físico, mas é

simplista para produzir seres humanos que explorem seu mundo emocional e se tornem autores da sua própria história. Estamos tão despreparados para a vida que não percebemos o quanto o sistema social nos entorpece. Nossa alma deixou de ser uma fonte de tranqüilidade e se tornou um canteiro de ansiedade. Onde estão as pessoas cujas emoções são serenas como o orvalho da manhã?

Transformamo-nos em máquinas de trabalhar e resolver problemas e, se sobra tempo, cuidamos da nossa qualidade de vida. Alguns só mudam de atitudes e procuram um sentido nobre para suas vidas quando são assaltados por graves doenças ou quando perdem as pessoas que mais amam.

Felizmente, não vivemos num clima de guerra mundial. Mas vivemos uma guerra dentro de cada um de nós, uma guerra de pensamentos. Não é à toa que grande parte da população mundial está desenvolvendo a síndrome do pensamento acelerado (SPA). Não estamos nos tempos da escravidão física, mas milhões de pessoas são escravas dos pensamentos.

As pessoas mais responsáveis gastam energia vital do seu cérebro com preocupações, problemas que ainda não aconteceram e fatos passados. Vivem fatigadas, agitadas, sem concentração, esquecidas. Detestam sua rotina. O palco de suas mentes não se aquieta. Vivem para pensar e não pensam para viver. Assim, destroem a singeleza da vida.

Jesus procurava resolver constantemente a ansiedade dos seus discípulos. Ele tinha tempo para as flores, gostava de fazer caminhadas de cidade em cidade. Tinha tempo para jantar na casa dos amigos. Era tão sociável que tinha a coragem de se convidar para tomar refeição na casa de pessoas que não conhecia, como Zaqueu. Ele gostava de contar histórias. As pessoas viajavam nas suas parábolas.

Para ele, a vida era bela e simples, mas ele achava que nós a complicamos demais. Ele não queria que sofrêssemos por antecipação. Queria demonstrar que o sistema em que vivemos, incluindo nosso *status,* dinheiro, fama, ansiedade, era apenas uma brincadeira no tempo. Queria que soubéssemos que a vida é um fenômeno indecifrável. De fato, do ponto de vista científico, ninguém é maior do que ninguém. Diariamente entramos nos labirintos da memória e construímos cadeias de pensamentos sem conhecer o lócus onde estão arquivados os tijolos dos pensamentos. Intelectuais e iletrados, ricos e miseráveis são mais iguais na essência da inteligência do que têm consciência.

Jesus tinha essa consciência. Ele era apaixonado pelo ser humano. Para ele, um fariseu tinha tanta importância quanto uma pessoa imoral. Somente isso explica por que ele corria risco de morrer por causa de uma prostituta. Sua atitude nos deixa perplexos, ultrapassa os sonhos dos mais nobres humanistas. Os erros cometidos pelas pessoas poderiam entristecê-lo, mas ele ficava fascinado com o pequeno e infinito mundo da nossa personalidade.

Uma das coisas que mais quero ensinar às minhas três filhas, e creio que estou conseguindo, é que elas compreendam que por detrás de cada ser humano há um mundo a ser descoberto. Cada ser humano, por mais defeitos que tenha, esconde uma rica história, escrita com lágrimas, sonhos, perdas, alegrias, paixões, desencantos. Descobri-la é garimpar ouro. Infelizes dos psiquiatras e médicos clínicos que tratam de doenças e não de doentes. Há um mundo fascinante dentro de cada ser humano doente.

Jesus, diferente de nós, sentia prazer ao penetrar no mundo das pessoas. Era de se esperar que sua mente fosse preocupada com milhões de problemas, que fosse incapaz de dar uma atenção individual para as pessoas. Ele tinha até desculpas para isso, pois não tinha tempo. Mas, para nosso espanto, era capaz de parar uma multidão inteira para dar atenção especial a um cego, a um mendigo ou às crianças. Os que viviam à sombra da sociedade e o

conheceram sentiram-se como príncipes.

Jamais a vida teve tanto valor. Seus comportamentos animaram as pessoas a procurar encanto pela existência no árido terreno de suas misérias sociais e psíquicas. Suas atitudes nos fizeram sonhar de que vale a pena viver a vida, em detrimento de todas as nossas lágrimas e decepções.

Os discípulos ficaram contagiados com seus gestos. Deixaram seus barcos, futuros, expectativas, suas cidades e seguiram Jesus. Nos primeiros meses, eles o seguiram por causa do seu poder; depois, o seguiram por causa do seu amor. Aprenderam com ele a escrever, a cada momento de suas vidas, uma carta de amor.

Mas será que, quando vieram as prisões e perseguições, eles desistiram de continuar a escrever essa carta? Será que eles abandonaram o sonho do seu mestre quando atravessaram o caos? E surpreendente. Os discípulos amaram tanto a Jesus que continuaram a escrevê-la até quando fechavam os olhos para essa vida.

Eles morreram por causa dos seus sonhos. O sonho de dar a outra face, o sonho da felicidade inesgotável, o sonho do amor que lança fora todo medo, o sonho da imortalidade, o sonho de que a vida é um espetáculo imperdível...Jamais momentos tão angustiantes mostraram tanta poesia.

Vejamos o que alguns historiadores* contam sobre os últimos momentos dos discípulos.

Os dados históricos foram organizados e interpretados.

O fim dos discípulos: Os sonhos que nunca morreram

Tiago, Tomé e Bartolomeu: as lágrimas que nunca cessaram os sonhos

Tiago, o irmão de João, foi o primeiro dos doze a ser julgado e condenado por ter seguido e amado o vendedor de sonhos. Outrora, fora um jovem individualista e ambicioso; agora, sua ambição era poder aliviar a dor das pessoas e ajudá-las a encontrar a mais excelente fonte de amor.

Tiago se convertera num homem sólido, muito diferente do jovem frágil e inseguro dos tempos em que largou os barcos de seu pai. O fim da sua vida tem episódios surpreendentes. O homem que foi responsável por levá-lo ao banco dos réus, vendo que ele seria condenado, ficou perturbado. Segundo o historiador Clemente, sentiu-se tão comovido em seu coração que, a caminho da execução, confessou, para espanto de todos, que também era cristão.

É provável que, pela primeira vez, um carrasco tenha abraçado um réu e resolvido morrer com ele. Durante o caminho, pediu a Tiago que o perdoasse. Tiago aprendeu a perdoar, mesmo quando o mundo o decepcionava. Voltou-se para seu acusador e viu algo doce em seu olhar. Num gesto sublime, ele o beijou, o chamou de irmão e estendeu-lhe a paz. Ambos foram decapitados em 36 d.C. Foi o primeiro discípulo de Jesus a se despedir dessa vida com uma serenidade cristalina.

Tome era uma pessoa cética, insegura. Confiava somente em seus instintos, naquilo que podia ver. Mas as sementes que Jesus semeou cresceram. Ele foi controlado pelo seu amor e o divulgou em terras distantes. Sob suas palavras, os sonhos de Jesus chegaram entre os povos medos, partos, persas e outros. Muitos creram no reino de Deus, embora vivessem num reino humano injusto, onde muitos viviam às minguas e poucos tinham privilégios.

Tome teve um fim comovente. Padeceu numa cidade da índia. Uma flechada tirou-lhe a vida. A ferida contundente provocou-lhe gemidos. A vida se dissolveu pouco a pouco pela hemorragia, mas não foi suficiente para diluir sua esperança. Deve ter se lembrado dos tempos inseguros em que só acreditaria em Jesus se visse as suas mãos feridas. Agora, ele estava ferido. Mas a dor e o sangue que lhe estancavam a vida não destruíram os sonhos. Tome sonhava com a eternidade.

Diz-se de Bartolomeu, um discípulo que apenas foi citado nos evangelhos, que ele foi grande no anonimato. Ele discorreu sobre as sublimes palavras do mestre dos mestres aos indianos. Traduziu o evangelho de Mateus para a língua deles, pois queria que todos se contagiassem com a justiça de Deus e com o amor e a inteligência de Jesus Cristo.

Sua ousadia custou-lhe alto. Homens insanos, que nunca entenderam o valor da vida, o abateram a bordoadas e depois o crucificaram na cidade da grande Armênia. Como se não bastasse essa dor inimaginável, em seguida, foi esfolado e decapitado. A brutalidade da sua morte contrastava com o perfume da sensibilidade que exalava do seu interior. Ele morreu, mas seus sonhos continuaram vivos.

Felipe e André: uma coragem inabalável

Felipe, delicado e ousado, saiu divulgando as palavras do seu mestre nas cidades e vilarejos. Havia uma chama incontrolável que fluía do âmago do seu ser. Os sonhos de Jesus poderiam estar distantes de ser concluídos fora dele, mas se tornaram concretos no seu ser. Para Felipe, valia a pena viver, mesmo em face de intensas perseguições. Ajudar as pessoas e levá-las a encontrar o sentido de suas vidas era mais importante do que receber todo dinheiro do mundo. Trabalhou muito entre as nações bárbaras.

No fim, padeceu em Hierápolis, cidade da Frígia. Foi considerado um criminoso, um homem indigno de viver. Então, o crucificaram. Não bastasse a dor e o suplício da cruz, as pessoas lhe atiraram pedras até a morte. Provocaram traumas profundos num homem que amou a humanidade, que tratou das feridas da alma de muitos.

Felipe usava a energia de cada célula para falar de alguém que revolucionara a sua vida. Depois que se tornou um seguidor de Jesus, aprendeu que os que vivem uma vida egoísta não têm preço a pagar. No mercado da vida, o individualismo sempre foi e é ura artigo comum e barato. O amor sempre foi um artigo raro para homens especiais.

André, irmão de Pedro, também teve um fim trágico, mas encontrou poesia na dor. Jerônimo escreve sobre ele: "André pregou no ano 80 d.C. de nosso Senhor Jesus Cristo aos cítios e sógdios, aos sacas e numa cidade chamada Sebastópolis, agora habitada pelos etíopes. Foi crucificado por Egéias,o governador dos edessenos e sepultado em Patras, a cidade da Acaia". A confissão e o martírio de André não poderiam ser mais altaneiros, segundo Bernardo e Cipriano.

André, como Jesus, não controlava as pessoas, apenas convidava-as a entrar no seu sonho. Muitos aceitaram tal convite e aprenderam a amar ardentemente o mestre da vida. Para os egípcios que não o conheciam, Jesus não passava de um judeu. Nada mais absurdo para eles do que amar e seguir um judeu.

O governador Egéias ficou irado com o movimento em torno de André. Ele queria eliminar os cristãos, a seita que o império romano mandou abolir. Assim, Egéias, com pleno consentimento do senado, julgou digno matar os cristãos e oferecer sacrifícios aos seus deuses. André poderia ter recuado e se protegido, mas ele defendeu os inofensivos seguidores do mestre da vida. Preferiu ser condenado a se calar.

Enfrentando Egéias no julgamento, André disse-lhe que convinha a quem quisesse ser juiz dos homens conhecer o Juiz que habita nos céus e, depois disso, adorá-Lo. O

governador, sob o controle do ódio, considerou sua atitude uma insolência. Mandou imediatamente amarrá-lo e crucificá-lo. Queria fazer com que a morte de André servisse de exemplo para que ninguém mais se tornasse um cristão. Todavia, o melhor favor que se pode fazer a uma semente é sepultá-la.

Era de se esperar que André se intimidasse diante da morte, fosse dominado pelo medo e invadido por uma incontida ansiedade. Ele, como os demais discípulos, teve medo quando Jesus, anos atrás, fora preso no jardim da traição. Fugiu como ovelha diante de um lobo. O tempo passou, agora ele era um homem maduro e destemido. As sementes e os sonhos que o mestre dos mestres plantou no tecido da sua personalidade cresceram. Por isso, suas reações diante do fim da vida foram admiráveis. Relatos de historiadores acusam que ele não mudou seu semblante.

Era só negar tudo em que cria que sairia livre, mas mostrando uma segurança inabalável, ele disse: "O cruz, extremamente bem vinda e tão longamente esperada! De boa vontade e cheio de alegria eu venho a ti". A morte era uma janela para a eternidade, ele não se curvava diante dela.

Mostrando uma sólida estrutura emocional, completou seu pensamento dizendo que era um discípulo daquele que a cruz abraçara e que há muito ele também desejava abraçá-la. Assim, também foi crucificado. Expressou que valera a pena deixar o mar da Galiléia e se tornar pescador de homens.

Mateus e Marcos: dois evangelistas despedindo-se da vida com dignidade

Marcos, o evangelista, falou solenemente sobre as mensagens do mestre da vida no Egito. Nos papiros, ele escreveu os detalhes da vida de Jesus e no seu coração cravou as suas palavras. Muitos sob o calor das suas mensagens reacenderam seu ânimo de viver. Descobriram que o homem Jesus, que crescera na Galiléia, era um médico da alma, que entendia das feridas dos abatidos e da angústia dos desesperados.

Alguns líderes do Egito não entenderam suas delicadas mensagens. Sob o manto do ódio, eles o amarraram impiedosamente e o arrastaram para a fogueira. Não teve chance alguma, morreu injustamente, morreu porque inspirava os homens a sonhar com o amor. Marcos foi queimado vivo e depois sepultado num lugar chamado "Bucolus". As labaredas do fogo imprimiram-lhe um sofrimento indescritível, tornaram cinzas seu frágil corpo. Mas fogueira alguma jamais poderia debelar as chamas dos seus sonhos.

Sofreu muito ao despedir-se da vida, mas enquanto viveu foi um homem completo, realizado. O que ele escreveu inflamou o coração de milhões de seres humanos durante todas as gerações. Até hoje, seus eloqüentes escritos queimam como brasas vivas no espírito e na alma das pessoas, animando muitos a não desistir da vida, a encontrar esperança na dor.

Mateus, o evangelista, primeiro publicano transformado em apóstolo, escreveu um dos evangelhos. A crítica literária dos seus textos revela grandeza intelectual e uma eloqüência fascinante. Jesus já havia partido há mais de vinte anos, mas os seus oráculos, ou seja, as suas palavras e parábolas estavam alojadas na memória de Mateus. O "calor dos anos" ainda não as dissipara. Foi então que escreveu seu evangelho em língua hebraica.

Mateus saiu de Jerusalém por causa das perseguições. Foi para a Etiópia e Egito e contagiou os povos dessas nações com os sonhos do seu mestre. Recebeu por isso um pagamento cruel. Hircano, o rei, mandou traspassá-lo com uma lança. A vala profunda no seu corpo imposta pela lâmina esgotou sua vida, mas não esgotou seu amor por Jesus. Sua alma se alimentava de esperança. A esperança da imortalidade motivou cada minuto de sua vida.

Ele escreveu em seu evangelho: "Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a

terra". Contrariando a nossa história, em que homens sempre dominaram a terra pela violência, Mateus aprendeu com o mestre da vida que a terra se conquista com mansidão, paciência, sensibilidade. Por isso, perdoou os inimigos, foi tolerante com os carrascos e paciente com os incautos. Mateus fechou seus olhos sonhando em herdar uma nova terra, onde habita a justiça, não há dor, ódio ou lágrimas.

João: o amor como fonte inesgotável de rejuvenescimento

João, como muitos outros, foi perseguido diversas vezes durante toda a sua vida. Nos tempos de Nero, os inofensivos cristãos foram torturados sem piedade. Mulheres, homens e até crianças serviram de pastos para feras e para saciar uma emoção insana e doente da cúpula romana. Vespasiano, o construtor do Coliseu, sucedeu a Nero. No seu reinado, permitiu algum descanso aos cristãos. Tito, seu filho, reinou por pouco tempo. Em seguida, Domiciano, seu irmão, subiu ao trono.

No começo, Domiciano agiu de forma moderada. Posteriormente, amou tanto o poder que fechou as janelas de sua memória e obstruiu sua capacidade de pensar com lucidez.

Domiciano queria ser adorado como um deus. Sua obsessão era tão grande que mandou confeccionar imagens de ouro e prata para ser erigidas no Capitólio romano.

Jesus foi considerado o filho de Deus, mas paradoxalmente foi tão desprendido do poder que se prostrou aos pés dos homens e os lavou. Domiciano, que era um simples mortal, queria que os homens se prostrassem aos seus pés. Que contraste! Somente as pessoas pequenas amam ser grandes. Somente as pessoas inseguras do seu valor controlam as outras e querem que elas gravitem em torno da sua órbita.

Os fracos controlam, os fortes libertam. Jesus nunca despersonalizou seus seguidores. Ao contrário, sempre fortaleceu a capacidade deles de decidir. Segui-lo era um convite para ser livre no único lugar onde jamais deveríamos ser presos, dentro de nós mesmos. Infelizmente, nos dias atuais, as pessoas nunca foram tão livres como em outras gerações, mas nunca foram tão encarceradas dentro de si pelos pensamentos negativos, preocupações, medo do amanhã.

Domiciano não podia admitir no seu império que um judeu nazareno pudesse ser mais admirado do que ele. Por isso, perseguiu drasticamente os cristãos. João foi exilado por ele na ilha de Patmos. Não respeitaram sua idade avançada. Era um idoso dócil que não podia fazer nada para os outros, a não ser incendiar-lhes o amor pela vida. Mais tarde, os romanos não suportaram o jugo do imperador que se posicionava como imortal. Domiciano foi assassinado e João foi posto em liberdade no ano de 97 d.C. Veio para Efeso e permaneceu ali até o reinado do Imperador Trajano.

João estava idoso, o tempo já havia sulcado seu rosto e desidratado sua pele. Mas dificilmente alguém era tão motivado como ele. João escreveu cartas vibrantes. Para ele, todos os que seguiam a Jesus, jovens ou velhos, eram tratados como filhinhos. Ele amou ardentemente.

O amor o tornara um homem livre, mesmo quando estava encarcerado. Na atualidade, muitos são livres, mas vivem aprisionados no território da emoção. Muitos têm motivos para sorrir, mas são infelizes, não encontram uma razão sólida para viver. João teve todos os motivos para ser deprimido e ansioso, mas o amor rompeu os grilhões do medo e da angústia e fez da sua vida uma grande aventura. Quem não ama envelhece precocemente física e emocionalmente. Torna-se insatisfeito, um especialista em reclamar.

Mais de sessenta anos haviam se passado desde a morte de Jesus Cristo. Era tempo suficiente para apagar a memória e o entusiasmo de João. Mas o amor que sentia pelo

mestre da vida era uma fonte misteriosa de rejuvenescimento. Sua vida se tornou um canteiro de sonhos, mesmo tendo atravessado o pesadelo da solidão e das perseguições.

Pedro

Pedro aprendeu a valorizar as pessoas mais do que a si mesmo. Errou muito e amou mais ainda. A tolerância irrigava a sua alma. Ele presenciou algumas dissensões entre os discípulos, mas aprendeu a agir com amabilidade e inteligência. Os confrontos entre os discípulos que foram relatados no livro de Atos, na carta aos coríntios e aos gálatas têm grande significado para a pesquisa psicológica. Indica que eles eram normais e não sobrenaturais, que aprenderam a dialogar e a superar com sabedoria as suas dificuldades.

Na carta aos gaiatas, Paulo comenta que ele e Pedro tiveram um desentendimento. Mas eles se amavam. Aprenderam com Jesus que a grandeza de um ser humano está na sua capacidade de se fazer pequeno, de ouvir sem medo e preconceito o que está no secreto dos outros.

Pedro, no final da sua vida, mostrou, numa das suas cartas, uma afetividade impressionante para com Paulo, revelando que nem cicatrizes ficaram do atrito que enfrentaram. Ele o chama de amado irmão Paulo. Nada é tão carinhoso e terno como essa expressão. Essa habilidade de superação de divergências é rara nos dias atuais. As vezes, nem mesmo os atritos entre intelectuais são resolvidos.

Sob a aura dessa maturidade, Pedro saiu de Jerusalém e foi exalando por onde passava o perfume do mestre do amor. Tornou-se um líder em perdoar. Por fim, também foi condenado. Alguns relatos dizem que ele foi crucificado em Roma. Hegessipo diz que o imperador Nero procurava fatos para condenar Pedro. Sabendo disso, alguns cristãos, com muita insistência, pediram que Pedro fugisse da cidade.

Ele cedeu. Por fim, ao chegar ao portão, sentiu algo que queimava no seu interior. Lembrou-se das aflições do seu mestre, ele havia testemunhado seu silêncio e sua dignidade no caos. Então, contrariando a todos, retornou. O historiador Jerônimo escreveu que ele foi crucificado. Foi condenado como vil criminoso. Pedro cometeu o crime de amar, perdoar, tolerar e se preocupar com os outros.

Pedro, há muitos anos, havia deixado seus barcos e seu futuro para seguir o maior vendedor de sonhos da história. Jesus lhe ensinou as mais belas lições de vida e o transformou num excelente pescador de homens. Antigamente, seu campo de visão enxergava apenas o mar da Galiléia, o tempo passou e ele enxergou o mundo. Almejou conquistar o coração de cada ser humano.

Ao ser crucificado, a tradição conta que ele não se achou digno de morrer do modo como Jesus morrera. Para surpresa de todos, ele pediu para ser crucificado de cabeça para baixo. É provável que, no momento da crucificação, Pedro tenha olhado para dentro de si e encontrado os olhos sublimes de Jesus acolhendo-o como no pátio do Sinédrio. Agora, ele não tinha vergonha de si, pois não o estava negando, mas dizendo ao mundo inteiro que amava Jesus Cristo. O medo se dissipou, o amor prevaleceu.

Pedro, certa vez, suplicou para Jesus não morrer, agora ele estava morrendo. Estava pendurado numa cruz e morria numa posição desconfortável e dolorosa. Enquanto morria, tinha esperança de reencontrá-lo. Sonhava o maior dos seus sonhos, sonhava que nunca mais se separariam...

Paulo

Paulo tornou-se incontrolavelmente famoso em Roma. Sua eloqüência era imbatível.

Quem passava por ele tinha grande chance de mudar para sempre as rotas da sua vida. No passado, ele queria apagar o incêndio na alma dos homens produzido por Jesus, agora ele era o maior incendiário.

Usou toda a sua inteligência para divulgar a grandeza oculta no carpinteiro de Nazaré. Usou toda sua habilidade intelectual para mostrar que Jesus tinha vencido o caos da cruz e que sua morte tornara-se uma janela para a eternidade.

Paulo foi taxado como louco, mas, outrora, ele achava loucura seguir Jesus. Foi mutilado e torturado várias vezes, teve raros momentos de descanso. Teve todos os motivos para calar-se e não mais propalar os sonhos de Jesus, mas não conseguia se calar. Ninguém conseguia silenciá-lo, nem os riscos constantes de morte.

Seus cabelos embranqueceram, sua pele tinha cicatrizes de açoites e de noites mal dormidas, mas dentro dele havia uma energia inesgotável. Muitos têm motivos para ser felizes mas são tristes e ansiosos. Paulo teve todos os motivos para ser triste e tenso, mas tornou-se um ser humano feliz e sereno.

Nos últimos anos, esteve preso em Roma. A prisão deu-lhe certo descanso das perseguições, mas sua boca nunca se calou. Na prisão, continuava a falar. Fazia reuniões, convocava os judeus e os romanos. Muitos soldados romanos, inclusive de alta patente, entraram nos sonhos de Jesus. Diversos guardas encarregados de vigiá-lo mudaram para sempre suas vidas.

Quando houve a primeira grande perseguição em Roma, Nero teve a grande oportunidade de ceifar a vida do homem que embriagava os romanos com o sonho da eternidade. Numa situação desesperadora, Nero enviou dois dos seus fortes escudeiros, Ferega e Partêmio, como carrascos para silenciar o dócil Paulo. Onde Paulo estava nesse momento? Ensinando.

O ambiente em Roma era tenso. Ser cristão era como ser portador de lepra. Os dois carrascos se aproximaram e o viram a ensinar o povo. O momento era comovente. Retiraram-no do ambiente e algo aconteceu dentro deles. Ficaram contagiados com o que ouviram. Numa atitude surpreendente, pediram para o próprio Paulo orar por eles, para que pudessem crer. Paulo fitou-os e disse-lhes que em breve creriam sobre seu sepulcro. Estava consciente do seu fim e de que sua morte ainda geraria frutos.

Há pouco tempo, ele havia escrito uma carta aos filipenses revelando um destemor, sem precedente, da morte. Disse que para ele o morrer era lucro e o viver era Cristo. Viveu uma vida intensa. Sofreu muito, mas amou mais ainda. Atravessou o vale da angústia, mas bebeu da fonte da alegria.

Paulo foi tão alegre e realizado que teve a coragem, mesmo estando preso, de ordenar aos seus leitores que fossem alegres: "Alegrai-vos sempre". Que mistério é esse que transformou homens em situações miseráveis em felizes? Que segredos íntimos escondiam no secreto do espírito que os faziam bem-aventurados e não desesperados?

Paulo também sonhava com uma pátria superior. Nesta terra, ele se considerava um hóspede temporário, seu coração procurava um reino de alegria, paz e justiça. Os soldados de Nero o conduziram para fora da cidade. Lá, ele fez orações. Conversou com o Deus que nunca vira, mas que cria que morava no secreto do seu ser.

Após esse momento, despediu-se dessa vida tão bela e sinuosa, tão rica e cheia de decepções, tão longa e, ao mesmo tempo, tão breve. Como tinha cidadania romana não foi crucificado. Na sua juventude, fez muitos seguidores de Cristo morrer, agora tinha chegado a sua vez... Sob uma coragem magna, ofereceu o seu pescoço aos seus carrascos e foi decapitado.

Raramente alguém amou tanto a humanidade como Paulo. Aprendeu com o mestre

do amor a valorizar cada ser humano como uma jóia única no teatro da existência. Considerou os escravos, os pobres e os excluídos tão importantes como os reis e os nobres.

Cortaram a vida, mas não cortaram seus sonhos. Morreu por eles. O que Paulo escreveu sobre Jesus Cristo incendiou o mundo. A história jamais foi a mesma depois de suas belas, profundas e poéticas cartas.

Pelo que vale a pena viver?

Nós esperávamos que as pessoas do século XXI fossem alegres, soltas, divertidas, afinal de contas, elas têm tido acesso a uma poderosa indústria do lazer, mas eis que as pessoas estão estressadas, represadas e tristes. Esperávamos que o acesso à tecnologia e aos bens materiais fizesse com que as pessoas tivessem mais tempo para si mesmas. Mas, raramente, elas gastam tempo com aquilo que amam.

Vivemos espremidos em sociedades populosas, mas a proximidade física não trouxe a proximidade emocional. O diálogo está morrendo. A solidão virou rotina. As pessoas aprendem por anos as regras da língua, mas não sabem falar de si mesmas. Os pais escondem suas emoções dos seus filhos. Os filhos ocultam suas lágrimas dos seus pais. Os professores se escondem atrás do giz ou dos computadores. Psiquiatras e psicólogos estão tratando, sem sucesso, a solidão, pois ela não se resolve entre quatro paredes de um consultório.

Os seguidores de Jesus perderam todos os valores sociais, não tinham dinheiro, fama, proteção, mas tinham tudo o que todo ser humano sempre desejou. Tinham alegria, paz interior, segurança, amigos, ânimo. Cada um deles viveu uma grande aventura.

Eles tiveram grandes sonhos e a coragem para correr todos os riscos para transformá-los em realidade. Raramente se viu pessoas tão realizadas, sociáveis e satisfeitas. Eles não tinham nada, mas tinham tudo. Eram discriminados, mas tinham inumeráveis amigos. Em alguns momentos, parecia que tinham perdido a esperança e a fé, mas cada manhã era um novo começo. Cada derrota era uma oportunidade para começar tudo de novo. Cada coração aliviado dava forças para eles continuarem no caminho.

Sofreram como poucos na história, mas aprenderam a não reclamar. Nos seus lábios, havia um agradecimento diário pelo espetáculo da vida. Não exigiam nada dos outros, mas davam tudo o que tinham. Foram tolerantes com seus inimigos, mas seus inimigos foram implacáveis com eles. Tornaram-se amantes da paz, foram pacificadores dos aflitos, compreenderam a loucura dos que se achavam lúcidos. Foram felizes numa sociedade inumana.

Na juventude tinham inúmeros traumas, mas o vendedor de sonhos fez algo que deixa boquiaberta a ciência moderna. Ele os transformou na casta mais inteligente e saudável de pessoas. As cartas que eles escreveram revelam características de personalidade que poucos psiquiatras e psicólogos conquistam. Os sonhos que eles viveram não apenas eram celestiais, mas vão ao encontro dos mais belos sonhos da filosofia, da psicologia, da sociologia, das ciências da educação. Mostraram que vale a pena viver, mesmo quando ceifaram suas vidas.

E hoje, será que nossa vida alçou um grande significado? Jesus demonstrou de muitas formas para que as pessoas compreendessem a grandeza da vida. Será que compreendemos seu valor?

Quem somos? Somos fagulhas vivas que cintilam durante poucos anos no teatro da vida e depois se apagam tão misteriosamente quanto acenderam. Nada é tão fantástico quanto a vida, mas nada é tão efêmero, fugaz quanto ela. Hoje estamos aqui, amanhã seremos uma página na história. Um dia todos nós tombaremos na solidão de um túmulo e

ali não haverá aplausos, dinheiro, bens materiais. Estaremos sós.

Se a vida é tão rápida, não deveríamos nessa breve história do tempo procurar os mais belos sonhos, as mais ricas aspirações? Pelo que vale a pena viver? Quais sonhos nos controlam? Muitos têm depressão, ansiedade, stress, não só por conflitos na sua infância, mas pela angústia existencial, pelo tédio tenso que os abate, pela falta de um sentido sólido em suas vidas.

Muitos têm fortunas, mas mendigam o pão da alegria. Muitos têm cultura, mas falta-lhes o pão da tranqüilidade. Muitos têm fama, mas *não* há colorido na sua emoção. Há pouco tempo, um dos mais populares cantores desse país disse na mídia que tinha dinheiro e fama, mas não tinha prazer de viver, sua vida se tornara uma fonte de tédio. Crise existencial, vazio interior, solidão, palavras que não faziam parte do dicionário da personalidade dos discípulos do mestre dos mestres.

Quando o corpo de Jesus tremulava na cruz, ele disse frases inesquecíveis que inspiraram o centurião romano, encarregado do seu martírio. Seu carrasco reconheceu sua grandeza e começou a sonhar. Quando os seus discípulos morriam, o mesmo fenômeno continuou a ocorrer. A dignidade, segurança e sensibilidade nos últimos momentos deles fizeram com que alguns torturadores se curvassem. Que fenômeno interior é esse que deixa extasiada a sociologia e a psicologia?

Se Nietzche, Carl Marx e Jean Paul Sartre tivessem a oportunidade de analisar a personalidade de Jesus e a sua atuação nos bastidores da mente dos seus discípulos, como eu o fiz, provavelmente não estariam entre os maiores ateus que pisaram nesta terra. É possível que estivessem entre os seus mais apaixonados seguidores...

As sociedades ainda não despertaram para a grandeza da personalidade de Jesus. E impossível alguém fazer o que ele fez e ser tão somente um ser humano. Sua vida era tão simples, mas cercada de mistérios. Milhões de pessoas dizem que ele era o filho de Deus. Seus comportamentos surpreendentes e não apenas seus milagres confirmam isso. Mas nunca alguém tão grande foi tão humano. Muitos homens querem ser deus, estar acima dos sentimentos comuns, mas ele se apaixonou tanto pela humanidade que quis ser um ser humano. Amou ser igual a mim e a você.

A sua personalidade não apenas revela que ele atingiu o topo da saúde psíquica, mas que foi mais longe do que isso. Ele foi o maior educador, psicoterapeuta, sócio-terapeuta, pensador, pacifista, orador, vendedor de sonhos, construtor de amigos de todos os tempos. Muitos dos líderes religiosos da atualidade que dizem segui-lo desconhecem essas magníficas áreas da sua personalidade.

Eu analisei a inteligência de Cristo criticando, duvidando e investigando as quatro biografias de Jesus, os evangelhos, em várias versões. Estudei as intenções conscientes e inconscientes dos autores das suas quatro biografias. Talvez tenha sido um dos raros cientistas que investigou a sua personalidade.

O primeiro resultado é que descobri que o homem que dividiu a história não poderia ser fruto de uma ficção humana. Ele não cabe no imaginário humano. Ele andou e respirou nesta terra. O segundo resultado é que a grandeza da sua personalidade expôs as falhas da minha personalidade. Fui ajudado a compreender as minhas limitações e a minha pequenez.

O terceiro resultado me surpreendeu. Ao analisar o vendedor de sonhos, fui contagiado por ele. Comecei a sonhar os seus mais belos sonhos...

Que a sua vida também se transforme num jardim de sonhos... Mesmo quando os pesadelos vierem, jamais deixe de sonhar.

Notas Bibliográficas

1 - Mateus 3:7
2 - Mateus 14:10
3 – Lucas3:16
4 – João 1:23
5 – Mateus 11:11
6 – Mateus 2:14
7 – João 1:29
8 – João 1:29
9 – Mateus 3:15,16
10 – João 1:43
11 – Mateus 18:21
12 – João 21:3
13 – Mateus 17:25
14 – João 18:10
15 – João 18:12
16 – Marcos 3:17
17 – João 14:9
18 – João 12:5
19 – Atos 8:3
20 – Atos 9:1
21 – 1 Coríntios 15:9
22 – 1 Coríntios 13:1 a 13
23 – Mateus 3:2
24 – Lucas 4:18
25 – Mateus 13:4
26 – Mateus 13:2º
27 – João 10:11
28 – Mateus 10:16
29 – João 12:6
30 – João 12:6
31 – João 13:27
32 – Lucas 22:57
33 – 1 Pedro 1:22
34 – João 17:13
35 – Atos 24:5
36 – Atos 25:11
37 – Atos 26:10

Referências Bibliográficas

**Allard Paul, Histoire despersécutons, Paris, 1903-1908.*

Bettenson Henry, Documentos da Igreja Cristã, ASThi, São Paulo, 1998.

Daniel-Kops, A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires, Quadrante, São Paulo, 1988.

Foxe john, O livro dos Mártires, Mundo Cristão, São Paulo, 2003.

Kidd, B. J., Documents Illlustrative of the History of de Church, (I. até 313),Umdres, 1920.

Stevenson, J.A. A New Husebius, Documents lllustrative of the History of de Church, (I. até 337), Londres, 1957.

Viiler Marcel,La Spiritualité des Premiers Siécles Chrétiens, Paris, 1930.

A Editora Academia de
Inteligência agradece a todos os
leitores que, como poetas da vida,
têm difundido nossos livros
aos amigos, parentes, dentro de sua
empresa e principalmente nas escolas
do país e até em livrarias longínquas.
Nós, da editora, autorizamos e
encorajamos os leitores a dar
palestras nas escolas ou grupos sociais
usando o conteúdo destes livros, desde
que citada a fonte.
Agradecemos a todos os leitores
que nos têm enviado
e-mails emitindo suas opiniões e dizendo
que suas vidas ganharam novo significado
a partir da leitura destes livros.

Editora Academia de Inteligência
Contatos:
Email: **academiaint@mdbrasil.com.br**
Telefax: (17) 3341-8212
Email: **jcury@mdbrasil.com.br**
Site: **www.academiadeinteligencia.com.br**